

Coleção Pré-Vestibular

Elaborado de acordo com
as matrizes do ENEM

INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Interpretação Textual 1

Módulo 1: Linguagem e competência leitora. 92

Módulo 2: Linguagem não verbal e linguagem verbal. 101

Módulo 3: Linguagem mista. 107

Interpretação Textual 2

Módulo 1: Texto e interpretação textual. 113

Módulo 2: O que é contexto; O poder da leitura. 120

Módulo 3: O papel da inferência; Implícito e explícito. 129

Neste livro:

Módulo 1:	Linguagem e competência leitora	92
Módulo 2:	Linguagem não verbal e linguagem verbal.....	101
Módulo 3:	Linguagem mista.....	107

Estudo dos aspectos linguísticos da língua portuguesa

Módulo

1

Linguagem e competência leitora

C 1
H 1,2,3,4

O que é linguagem?

Feed de Notícias

Status Foto Check In

Reproduzido

Tom Jobim e Vinicius de Moraes
Há 45 minutos

Chega de saudade

Vai, minha tristeza
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe numa prece
Que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade
A realidade é que sem ela
Não há paz, não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim
Não sai de mim
Não sai

Mas, se ela voltar
Se ela voltar
Que coisa linda
Que coisa louca
Pois há menos peixinhos a nadar no mar
Do que os beijinhos que eu darei na sua boca
Dentro dos meus braços os abraços
Hão de ser milhões de abraços
Apertado assim, colado assim, calado assim,
Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim
Que é pra acabar com esse negócio
De você viver sem mim
Não quero mais esse negócio
De você longe de mim...
Vamos deixar desse negócio
De você viver sem mim...

8 Curtidas · 2 Comentários

Wikimedia Commons

Fernando Pessoa
Há 45 minutos

Não sei quantas almas tenho

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: "Fui eu?"
Deus sabe, porque o escreveu.

8 Curtidas · 2 Comentários

Arquivo pessoal da família

Paulo Leminski
Há 45 minutos

Amor bastante

Quando eu vi você
tive uma ideia brilhante
foi como se eu olhasse
de dentro de um diamante
e meu olho ganhasse
mil faces num só instante
basta um instante
e você tem amor bastante

8 Curtidas · 2 Comentários

Agência Brasil

Affonso Romano de Sant'Anna
Há 45 minutos

Cilada verbal

Há vários modos de matar um homem:
com o tiro, a fome, a espada
ou com a palavra
– envenenada.

Não é preciso força.
Basta que a boca solte
a frase engatilhada
e o outro morre
– na sintaxe da emboscada.

8 Curtidas · 2 Comentários

Curtir · Comentar · Compartilhar

Ao se observar a canção “Chega de saudade”, composta por Tom Jobim e Vinicius de Moraes, pode-se perceber que há nela um testemunho sentimental de uma época em que o Brasil buscava novos caminhos no universo das artes. A política desenvolvimentista estabelecida na década de 1950 pelo presidente Juscelino Kubitschek encontrou, no movimento bossa-novista, o som ideal para alentar o sonho de um Brasil moderno. Já o poema “Amor bastante”, de Paulo Leminski, ícone da poesia marginal, traduz os anseios e os desejos do ser humano contemporâneo de dialogar com um prosaico revestido de poeticidade. Em seus versos, o clichê e a simplicidade ganham nova roupagem semântica e se transformam em objetos estéticos capazes de traduzir o labirinto existencial onde se localiza o ser humano contemporâneo. Em “Cilada verbal”, Affonso Romano de Sant’Anna, manipulador de uma lírica afiada e escrita a navalhadas, mostra quão dinâmica é a linguagem poética. E, por último, Fernando Pessoa, ícone do Modernismo português, revela, em “Não sei quantas almas tenho”, quão caleidoscópico e mutável é o sentimento responsável pelo surgimento da poesia no âmagdo do poeta.

Logo, analisando a miscelânea de textos exposta até aqui, compreende-se que a linguagem nasce no momento exato em que o homem decide dialogar com o seu “eu” mais recôndito e com o mundo. A necessidade de se comunicar parece ter uma profunda relação de sinonímia com a vontade de viver. O ser humano transmite aos outros, por meio das várias linguagens, seus medos, alegrias, pensamentos e desejos.

Investigando a gênese da linguagem humana, vários pesquisadores do século XX passaram a defender a tese de que a linguagem foi criada com base nos primeiros focos de intencionalidade comunicativa do ser humano pré-histórico, ou seja, a partir, possivelmente, de uma comunicação gestual com as mãos. Depois, com o aperfeiçoamento do uso do aparelho fonador, os seres humanos passaram a produzir uma diversidade de sons muito maior do que a dos demais primatas.



Pintura rupestre no Sítio Arqueológico da Serra da Capivara, Piauí.

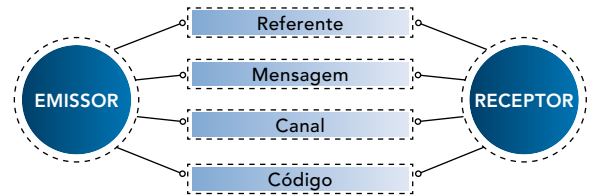
É possível definir a linguagem como uma faculdade de expressão e de comunicação que faz uso de um sistema de signos convencionados. Por isso, a língua pode ser classificada como uma forma particular de linguagem, já que, segundo o *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, ela é “um sistema de signos, que podem ser transcritos graficamente, comum a um povo, a uma nação, a uma cultura e que constitui o seu instrumento de comunicação”.

O signo linguístico é formado por duas partes: significado (ideia/conceito) e significante (som/letra). Por exemplo, o signo **casa** é composto pela palavra escrita **casa** (significante) e pelo conceito de **casa**, interpretado como lar, habitação (significado). O estudo da linguagem que engloba os signos de uma forma geral é chamado **Semiótica**.

Para que se possa compreender melhor o tema “linguagem”, serão estudados a seguir os elementos da comunicação.

Elementos da comunicação

Nos últimos anos, com a popularização dos meios de comunicação e com o advento das redes sociais, houve um aumento significativo das trocas de mensagens entre as pessoas. Apesar desse progresso, ainda são frequentes os problemas que ocorrem durante o ato comunicativo, sobretudo na hora de se transmitir com eficácia uma mensagem. De acordo com alguns teóricos da comunicação, esses empecilhos são gerados pela dificuldade de manipular os seguintes elementos da comunicação:



- **Emissor** – Aquele que codifica e emite a mensagem. Pode ser tanto um indivíduo quanto um grupo.
 - **Receptor** – Aquele que recebe e decodifica a mensagem. Pode ser tanto um indivíduo quanto um grupo.
 - **Mensagem** – Conteúdo transmitido pelo emissor. Trata-se do objeto da comunicação.
 - **Código** – Conjunto de signos e de regras de combinação utilizados na transmissão e na recepção da mensagem.
 - **Referente** – Contexto que relaciona o emissor ao receptor e aos demais objetos reais aos quais a mensagem remete.
 - **Canal** – Meio pelo qual circula a mensagem, ou seja, é uma espécie de via de circulação da mensagem.
- Porém, outros teóricos da comunicação, avaliando a velocidade e a interação do processo comunicativo, resolveram destacar somente os seguintes elementos do diálogo interativo:
- **Locutor** – Aquele que produz enunciados; quem fala, mas também responde.
 - **Locutário (interlocutor)** – Aquele que recebe a mensagem do locutor; quem ouve e responde.
 - **Interlocução** – Diálogo ou, ainda, toda forma de interação e comunicação entre os sujeitos.

Após estudar esses elementos, é importante analisar os tipos de linguagem. Suas principais divisões são as seguintes:

- **Não verbal** – Também conhecida como icônica ou imagética, é o tipo de linguagem que se realiza com a ausência da palavra. No cinema, por exemplo, em algumas cenas, é a fotografia e o som instrumental que comunicam as angústias e as tensões das personagens. Em uma sala de aula de alunos brasileiros surdos, por exemplo, a língua de sinais (Libras) assume um protagonismo no processo de comunicação. Em uma apresentação de dança, é o corpo que comunica os propósitos do artista que concebeu o espetáculo. E, por último, no universo da fotografia, é o ângulo escolhido pelo fotógrafo que revela a maneira peculiar com que ele capta o mundo.
- **Verbal** – É aquela que se realiza pelo uso da palavra. Guimarães Rosa, ao escrever *Grande sertão: veredas*, traduz com afinco, para o plano da comunicação verbal, a cosmovisão do homem sertanejo que habita os confins do Brasil. Da mesma forma, Cecília Meireles, em

Romanceiro da Inconfidência, conduz o leitor ao Brasil do século XVIII por meio da palavra poética. Logo, tanto a mensagem verbal prosaica quanto a poética podem ser citadas como exemplos de linguagem verbal.

- **Mista** – É aquela que agrega tanto recursos verbais quanto não verbais em sua composição. Em um mundo marcado pela pressa e pelo dinamismo comunicativo, as mensagens do WhatsApp, compostas por ícones verbais e não verbais, ilustram de modo claro esse tipo de linguagem.

Estando dividida dessa forma, a linguagem desempenha distintas funções no cotidiano comunicativo do ser humano. Tais funções foram investigadas por alguns teóricos que estudaram a linguagem, como Karl Bühler, Roman Jakobson e Michael Halliday. De acordo com Jakobson, à medida que se centraliza um dos elementos da comunicação durante o ato comunicativo, é ratificada a existência de uma das seguintes funções da linguagem: emotiva, conativa (apelativa), metalinguística, fática, referencial e poética. É importante ressaltar, contudo, que um mesmo texto pode conter mais de uma dessas funções. Logo, ao analisá-lo, o leitor deve ficar atento não só à identificação destas, mas à descoberta de qual delas predomina na elaboração desse corpo textual.

- **Função emotiva** – Centra-se no remetente, já que é a subjetividade deste que está no cerne da mensagem. Caracteriza-se pela presença de verbos e pronomes em primeira pessoa, muitas vezes acompanhados de reticências, exclamações e interjeições.

Exemplo:

Pra ser sincero

Eu era tão feliz
E não sabia, amor
Fiz tudo o que eu quis
Confesso a minha dor
E era tão real
Que eu só fazia fantasia
E não fazia mal

BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa. Pra ser sincero. Intérprete: Marisa Monte. In: _____. *Infinito particular*. Rio de Janeiro: [s.n.], p2006. 1 CD. Faixa 3.

- **Função conativa (apelativa)** – Visa influenciar o comportamento do destinatário. É bastante utilizada pela linguagem publicitária e apresenta, com frequência, verbos no modo imperativo e pronomes em segunda pessoa.

Exemplo:



- **Função metalinguística** – Utiliza a linguagem para se referir à própria linguagem. É bastante usada na confecção de dicionários e em algumas passagens de manuais, quando se tem por objetivo descrever o significado de alguns termos específicos.

Exemplo:



- **Função fática** – Centra-se no canal. Caracteriza-se por ser, geralmente, utilizada para iniciar ou finalizar contatos, podendo, outras vezes, aparecer no meio do processo comunicativo para verificar se a mensagem está sendo transmitida com clareza.

Exemplo:



- **Função referencial** – Detém-se no contexto comunicativo. As notícias veiculadas em portais de informação na internet são exemplos dessa função, que procura destacar o caráter imparcial da mensagem.

Exemplo:



► **Função poética** – Procura destacar os aspectos formais da mensagem. A presença de aliterações, assonâncias e outras figuras de linguagem, reforça o predomínio dessa função na construção de algumas mensagens.

Exemplo:

Luzes

Acenda a lâmpada às seis horas da tarde
 Acenda a luz dos lampiões
 Inflame a chama dos salões
 Fogos de línguas de dragões
 Vaga-lumes
 Numa nuvem de poeira de neon
 Tudo claro
 Tudo claro à noite, assim que é bom
 A luz
 Acesa na janela lá de casa
 O fogo
 O foco lá no beco e um farol
 Essa noite
 Essa noite vai ter sol
 Essa noite
 Essa noite vai ter sol

LEMINSKI, Paulo. Luzes. Intérprete: Arnaldo Antunes. In: _____.
 Ao vivo no estúdio. [S.l.]: Biscoito fino, 2007. 1 CD. Faixa 15.

Para compreender com melhor eficácia a linguagem, suas funções e variações, é necessário desenvolver a competência leitora. Essa é a razão por que as aulas seguintes tratam desse tema.

Competência leitora

Habilidade de leitura

Se a competência leitora está diretamente relacionada com o saber fazer a leitura, a habilidade leitora está diretamente relacionada ao como fazer essa leitura, ou seja, como o indivíduo capta conclusões, levanta hipóteses, compara ideias, identifica temas principais e periféricos, escolhe estratégias e realiza ações concretas para construir a teia de sentidos proposta pela relação interativa do ato de ler.

Com base no que já foi explicitado, exercite suas habilidades leitoras no texto a seguir.

O homem sitiado

Sempre fora um introvertido, mais à vontade entre os livros do que entre os homens, e à medida que o tempo passava ia introvertendo-se cada vez mais.

Morava numa casa em Botafogo, a mesma casa onde tinha nascido e que agora era a última casa da rua, espremida entre dois grandes edifícios, na frente de um terceiro maior ainda, atrás de outro ainda maior.

Costumava dar longas caminhadas pelo bairro. Ia buscar o jornal e o pão, olhar as pessoas, exercitar as pernas. Agora não podia fazer mais isso. Era perigoso atravessar as ruas. E havia os assaltos. Mesmo de dia. Depois do sétimo assalto, desistiu de dar suas longas caminhadas.

Desistiu do jornal. De qualquer maneira, preferia os livros.

Não olhava mais as pessoas do bairro. Todas lhe pareciam feias e agressivas. E sempre prestes a assaltá-lo de novo.

Agora o pão quem lhe trazia era a empregada que estava com ele há 20 anos. Lourdes ou Aparecida, ele nunca se lembrava direito.

Ainda experimentou caminhar na calçada em frente à casa, à tardinha. Desistiu depois que uma moto, dirigida por um jovem obviamente dopado, subiu na calçada e quase o imprensou contra uma parede.

Passou a caminhar no jardim dos fundos da casa. Mas não gostava de ser observado das áreas de serviço dos edifícios em volta. As crianças atiravam bolas de papel, mirando na sua cabeça. Desistiu de caminhar no jardim.

Também desistiu de ficar na sala da frente da casa, depois que houve uma mudança no trânsito e pesados ônibus começaram a passar na sua rua. O chão tremia, as velhas vidraças tremiam, o ruído era de enlouquecer.

Recuou para a biblioteca.

Não tinha família. Vivia da renda de algumas propriedades que o pai deixara. Na mocidade, fizera o possível para ter uma vida social. Apesar dos colegas acharem que ele era meio esquisito – “esse aí prefere livro à mulher” –, chegou a ter um bom círculo de amigos, até namoradas. Mas as pessoas, cedo ou tarde, o decepcionavam. Com Marina – ou Mara, ou coisa parecida – até falara em noivado. Mas ela era uma pessoa muito exigente. Exigia que ele prestasse atenção no que ela dizia, por exemplo. Estava pedindo demais. Na certa, depois do casamento, seria uma daquelas mulheres que querem um mínimo de atenção. Nunca casou.

Nunca chegou a pensar na frase, mas, comparando a vida com os livros, coisa que fazia sempre, poderia dizer que a vida era realista demais. Mal estruturada, com uma linha narrativa caótica, personagens mal resolvidos, situações de péssimo gosto, cenas chocantes. A vida era naturalista e ele nunca gostara do naturalismo. Já nos seus livros tudo fluía como ele queria. Mesmo porque, só lia os livros que já conhecia e amava. As grandes sagas de família do século XIX. Sabia o nome de todos os personagens de cor, desde o patriarca até o mais humilde cocheiro. Aquele era o seu mundo, intocado pelo tempo. Sentava-se na poltrona mais funda da biblioteca, no canto mais longe da rua, onde o barulho do trânsito só chegava como um ronco abafado, e mergulhava no...

Anastácia, ou Ernestina, ou como quer que se chamasse, o interrompia com a notícia de novos avanços do inimigo.

— Tem uma infiltração de água no banheiro, doutor. O teto vai cair.

Ou:

— Ratos na sala! Ratos na sala!

Ou:

— Tem um moço aí da prefeitura. Vão alargar a rua e tirar todo o pátio da frente. Ele se comprimia contra o espaldar da poltrona, como se quisesse desaparecer. Dava ordens vagas. Chame o bombeiro para cuidar dos ratos. Dê veneno para o moço da prefeitura. Me deixe em paz!

Um dia a empregada entrou na biblioteca com a última catástrofe – ratos no pátio ou tratores na sala – e não o encontrou. Encontrou o seu copo de leite vazio, o farelo de pão, mas ele não. Depois de uma semana sem sinal do doutor, ela fez suas malas e foi embora. Não sabia a quem avisar do desaparecimento. Não havia parentes. A polícia? Era muito arriscado. Fechou a casa, enfiou a chave por baixo da porta e desapareceu também.

Ele vive, feliz, nas páginas de um romance inglês. Mora numa enorme casa de campo, sem edifícios em volta, com velhos amigos. Sabe exatamente tudo que vai acontecer, dia a dia, pois já leu o romance dezenas de vezes. Nada o surpreende, nada o ameaça. O romance para o qual fugiu – não me pergunte como – está numa estante da velha biblioteca, encadernado. Nada ultrapassa as suas grossas capas. Nem o barulho dos ônibus, nem a algazarra das áreas de serviço. Ele passa seus dias acompanhando a vida dos seus personagens queridos, às vezes até dando palpite, discretamente. E quando quer ficar sozinho... Bem, a casa de campo do livro também tem a sua biblioteca, com grossos volumes encadernados. É lá que ele está agora, cochilando com um livro sobre o peito, um copo de cherry do lado, sorrindo antes do jantar.

Ainda não ouviu o ruído que em breve o acordará. São traças. Traças gigantescas, maiores do que ele, que já devoraram as estrebrias, os parques, toda uma ala do casarão e 17 personagens e em breve chegarão ao seu pé.

VERISSIMO, Luis Fernando. O homem sitiado. In: _____. *A velhinha de Taubaté*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1994.

Na crônica de Luis Fernando Verissimo, identifica-se a intensa presença de uma constante dialética de desconstrução e reconstrução na formação do texto. Do próprio título, “O homem sitiado”, já emerge a condição de isolamento e cerco. Essa relação retórica se processa de múltiplas formas: uma delas é a visão antitética entre o passado e a modernidade. O homem moderno, reinventado, emana dessa oposição, como síntese.

Optando por uma abordagem sociologizante, é possível inferir o avanço de um progresso que se confunde com a ideia de destruição, arrasando tudo o que está na sua frente: os jardins, a casa, o próprio homem. O protagonista da crônica é um excluído do processo de modernização, é alguém que não pode sobreviver à nova onda de mudanças, como se nota nas seguintes passagens: “Não olhava mais as pessoas do bairro. Todas lhe pareciam feias e agressivas. E sempre prestes a assaltá-lo de novo” e “Ele se comprimia contra o espaldar da poltrona, como se quisesse desaparecer”.

O desejo de fuga, evasão, é mais uma antítese captada entre o material e o humano. Na lógica do sistema capitalista, o humano sempre fica destinado a um segundo plano, ou melhor, o homem se transforma em um objeto descartável e passível de exclusão.

O temor do novo também é uma ideia expressa no medo de contrair matrimônio (“Com Marina – ou Mara, ou coisa parecida – até falara em noivado. Mas ela era uma pessoa muito exigente. Exigia que ele prestasse atenção no que ela dizia, por exemplo. Estava pedindo demais. Na certa, depois do casamento, seria uma daquelas mulheres que querem um mínimo de atenção. Nunca casou.”) e na preferência pela leitura do mesmo livro, território sem surpresas (“Já nos seus livros tudo fluía como ele queria. Mesmo porque, só lia os livros que já conhecia e amava”).

Na construção da crônica, diversos símbolos foram utilizados como pontos estratégicos para o leitor realizar o trabalho de levantamento de hipóteses interpretativas. Um exemplo do que foi afirmado pode ser comprovado por meio do uso do elemento “casa” como metáfora do humano. Hipoteticamente, a fachada simboliza a máscara, a *persona* tão observada na criação poética de Carlos Drummond de Andrade e na de Fernando Pessoa; o telhado simboliza a cabeça, sede da consciência; o andar inferior está relacionado aos instintos e ao inconsciente; e a cozinha representa o elemento responsável pela alquimia, pelas transformações da casa.

Com isso, constata-se que a leitura proficiente só é conseguida quando há um maior número de habilidades envolvidas na captação de ideias advindas do texto.



Atividades para sala

1. (ENEM)

QUEREMOS SEU TALENTO, EXATAMENTE COMO ELE É

Você já foi chamado de nerd? Já passou um bom tempo pensando em coisas que a maior parte de seus amigos nem sabia que existia? É louco por novas tecnologias? Está entre os melhores alunos das melhores faculdades? Você é perfeito para nós.

Nossa empresa de tecnologia reúne talentos para aprimorar processos produtivos de empresas líderes. Nossos clientes estão no mundo todo e nossos colaboradores também! Se você quer continuar a ser o melhor, venha trabalhar conosco.

Scientific American Brasil, ano 11, n. 134. jul. 2014. (adaptado)

Para atingir o objetivo de recrutar talentos, esse texto publicitário

- afirma, com a frase “Queremos seu talento exatamente como ele é”, que qualquer pessoa com talento pode fazer parte da equipe.
 - apresenta como estratégia a formação de um perfil por meio de perguntas direcionadas, o que dinamiza a interação texto-leitor.
 - utiliza a descrição da empresa como argumento principal, pois atinge diretamente os interessados em informática.
 - usa estereótipo negativo de uma figura conhecida, o *nerd*, pessoa introspectiva e que gosta de informática.
 - recorre a imagens tecnológicas ligadas em rede, para simbolizar como a tecnologia é interligada.
2. O Parque Nacional Serra da Capivara é uma unidade de preservação arqueológica com uma riqueza de vestígios que se mantiveram em bom estado físico durante milênios. O patrimônio cultural e os ecossistemas locais estão intimamente ligados, pois a conservação de um depende do equilíbrio do outro. O equilíbrio entre os recursos naturais é condicionante na conservação dos recursos culturais e foi o que orientou o zoneamento, a gestão e o uso do Parque pelo poder público. O Parque Nacional Serra da Capivara é um local com vários atrativos, como o museu monumental a céu aberto, entre belíssimas formações rochosas, onde se encontram sítios arqueológicos e paleontológicos espetaculares, que testemunham a presença de homens e animais pré-históricos.

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 22 maio 2014. (adaptado)



Pinturas rupestres.

Com base no texto sobre a Serra da Capivara e nas fotografias anteriores, é possível inferir que essa produção artística pré-histórica brasileira revela

- um grande apuro estético por parte de seus produtores e apreciadores.
- uma temática reveladora de situações prosaicas, como caçadas, danças e outras manifestações ritualísticas.
- cenas nas quais prevalece o grafismo entalhado em superfícies previamente polidas.
- padronização dos traços estilísticos, confirmando que todas as pinturas foram feitas no mesmo decênio da Pré-História.
- situações ilusórias na reconstituição da Pré-História, pois as pinturas localizam-se em ambientes degradados.

3. (ENEM)

AMIZADE PÓS-MODERNA
A internet e as redes sociais se baseiam em dois tipos de relação:

<p>AMIZADE SIMÉTRICA É recíproca: se eu quiser você como amigo e acessar o seu perfil, você precisa autorizar o pedido e se tornar meu amigo também.</p>		<p>EXEMPLOS Facebook WhatsApp Flickr LinkedIn Skype Last.fm</p>
<p>AMIZADE ASSIMÉTRICA Não é recíproca: eu posso adicionar ou seguir você sem precisar pedir permissão (e posso inclusive fazer isso sem que você saiba).</p>		<p>EXEMPLOS Twitter Buzz Tumblr Blip.fm</p>

PRÓ: Privacidade. Você decide quem terá acesso às suas informações.

CONTRA: Reduz a possibilidade de conhecer gente nova.

PRÓ: Torna muito mais fácil a formação de laços e comunidades.

CONTRA: Mais difícil de virar amizade íntima, pois a interação é pública.

COSTA, C. *Superinteressante*. Fev. 2011. (adaptado)

Os amigos são um dos principais indicadores de bem-estar na vida social das pessoas. Da mesma forma que em outras áreas, a internet também inovou as maneiras de viver a amizade. Da leitura do infográfico, depreendem-se dois tipos de amizade virtual, a simétrica e a assimétrica, ambas com seus prós e contras.

Enquanto a primeira se baseia na relação de reciprocidade, a segunda

- reduz o número de amigos virtuais, ao limitar o acesso à rede.
- parte do anonimato obrigatório para se difundir.
- reforça a configuração de laços mais profundos de amizade.
- facilita a interação entre pessoas em virtude de interesses comuns.
- tem a responsabilidade de promover a proximidade física.

4. Inferência

— Mamãe, que significa a expressão “os opostos se atraem”?

— Significa que você vai se casar com uma mulher bonita, inteligente e de grande personalidade.

Os humores da língua, de Sírio Possenti.

O efeito de humor localizado no texto do linguista Sírio Possenti se deve ao fato de

- o discurso da mãe ser caracterizado como hiperbólico e metonímico.
- a pergunta do filho ser bastante pueril e distante do prosaico.
- a resposta da mãe surpreender as expectativas do leitor.
- o uso da ironia estar associado ao processo de construção das anáforas.
- as relações lógico-semânticas estarem ausentes do discurso da mãe.

5. (ENEM)



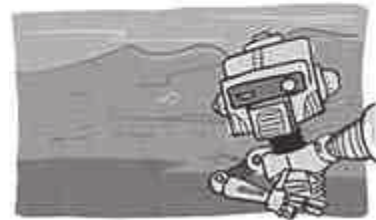
Disponível em: <<http://www.portaldapropaganda.com.br>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

Essa propaganda defende a transformação social e a diminuição da violência por meio da palavra. Isso se evidencia pela

- predominância de tons claros na composição da peça publicitária.
- associação entre uma arma de fogo e um megafone.
- grafia com inicial maiúscula da palavra **voz** no slogan.
- imagem de uma mão segurando um megafone.
- representação gráfica da propagação do som.

6. (ENEM)

NASA DIVULGA A PRIMEIRA FOTO FEITA PELO ROBÔ OPPORTUNITY NO SOLO DE MARTE.
VEJA:



WILL. Disponível em: <<http://www.willtirando.com.br>>. Acesso em: 7 nov. 2013.

Opportunity é o nome de um veículo explorador que aterrissou em Marte com a missão de enviar informações à Terra. A charge apresenta uma crítica ao(a)

- gasto exagerado com o envio de robôs a outros planetas.
- exploração indiscriminada de outros planetas.
- circulação digital excessiva de autorretratos.
- vulgarização das descobertas espaciais.
- mecanização das atividades humanas.



Atividades propostas

1. (ENEM)

Embalagens usadas e resíduos devem ser descartados adequadamente

Todos os meses são recolhidas das rodovias brasileiras centenas de milhares de toneladas de lixo. Só nos 22,9 mil quilômetros das rodovias paulistas são 41,5 mil toneladas. O hábito de descartar embalagens, garrafas, papéis e bitucas de cigarro pelas rodovias persiste e tem aumentado nos últimos anos. O problema é que o lixo acumulado na rodovia, além de prejudicar o meio ambiente, pode impedir

o escoamento da água, contribuir para as enchentes, provocar incêndios, atrapalhar o trânsito e até causar acidentes. Além dos perigos que o lixo representa para os motoristas, o material descartado poderia ser devolvido para a cadeia produtiva. Ou seja, o papel que está sobrando nas rodovias poderia ter melhor destino. Isso também vale para os plásticos inservíveis, que poderiam se transformar em sacos de lixo, baldes, cabides e até acessórios para os carros.

Disponível em: <http://www.girodasestradas.com.br>.
Acesso em: 31 jul. 2012. (adaptado)

Os gêneros textuais correspondem a certos padrões de composição de texto, determinados pelo contexto em que são produzidos, pelo público a que eles se destinam, por sua finalidade. Pela leitura do texto apresentado, reconhece-se que sua função é

- apresentar dados estatísticos sobre a reciclagem no país.
- alertar sobre os riscos da falta de sustentabilidade do mercado de recicláveis.
- divulgar a quantidade de produtos reciclados retirados das rodovias brasileiras.
- revelar os altos índices de acidentes nas rodovias brasileiras poluídas nos últimos anos.
- conscientizar sobre a necessidade de preservação ambiental e de segurança nas rodovias.

2. (ENEM)

Poesia quentinha

Projeto literário publica poemas em sacos de pão na capital mineira

Se a literatura é mesmo o alimento da alma, então os mineiros estão diante de um verdadeiro banquete. Mais do que um pãozinho com manteiga, os moradores do bairro de Barreiro, em Belo Horizonte (MG), estão consumindo poesia brasileira no café da manhã. Graças ao projeto “Pão e Poesia”, que faz do saquinho de pão um espaço para veiculação de poemas, escritores como Affonso Romano de Sant’Anna e Fernando Brant dividem espaço com estudantes que passaram por oficinas de escrita poética. São ao todo 250 mil embalagens, distribuídas em padarias da região de Belo Horizonte, que trazem a boa literatura para o cotidiano de pessoas, além de dar uma chance a escritores novatos de verem seus textos impressos. Criado em 2008 por um analista de sistemas apaixonado por literatura, o “Pão e Poesia” já recebeu dois prêmios do Ministério da Cultura.

Língua Portuguesa, n. 71, set. 2011.

A proposta de um projeto como o “Pão e Poesia” objetiva inovar em sua área de atuação, pois

- privilegia novos escritores em detrimento daqueles já consagrados.
- resgata poetas que haviam perdido espaços de publicação impressa.
- prescinde de critérios de seleção em prol da popularização da literatura.
- propõe acesso à literatura a públicos diversos.
- alavanca projetos de premiações antes esquecidos.

3. (ENEM)

Posso mandar por e-mail?

Atualmente, é comum “disparar” currículos na internet com a expectativa de alcançar o maior número possível de selecionadores. Essa, no entanto, é uma ideia equivocada: é preciso saber quem vai receber seu currículo e se a vaga

é realmente indicada para seu perfil, sob o risco de estar “queimando o filme” com um futuro empregador. Ao enviar o currículo por e-mail, tente saber quem vai recebê-lo e faça um texto sucinto de apresentação, com a sugestão a seguir:

Assunto: Currículo para a vaga de gerente de marketing.

Mensagem: Boa tarde. Meu nome é José da Silva e gostaria de me candidatar à vaga de gerente de marketing. Meu currículo segue anexo.

Guia da língua 2010: modelos e técnicas. Língua Portuguesa, 2010. (adaptado)

O texto integra um guia de modelos e técnicas de elaboração de textos e cumpre a função social de

- divulgar um padrão oficial de redação e envio de currículos.
- indicar um modelo de currículo para pleitear uma vaga de emprego.
- instruir o leitor sobre como ser eficiente no envio de currículo por e-mail.
- responder a uma pergunta de um assinante da revista sobre o envio de currículo por e-mail.
- orientar o leitor sobre como alcançar o maior número possível de selecionadores de currículos.

4. Xilogravura é a técnica de talhar gravuras em madeira. Dessa técnica, surgiram várias ilustrações populares que passaram a ser utilizadas, a partir do século XIX, nas capas de folhetos da literatura de cordel e, também, nos rótulos de garrafas de cachaça e de outros produtos. Apesar de sua origem ser pouco conhecida, acredita-se que a xilogravura popular nordestina foi trazida por missionários portugueses e ensinada aos índios. As matrizes para impressão das ilustrações são talhadas, quase sempre, na madeira da cajazeira (árvore da família das *Anacardiaceae* – *Spondias lutea*), matéria-prima mole, fácil de ser trabalhada e abundante na Região Nordeste do Brasil. Os xilogravuristas utilizam apenas um canivete ou faca doméstica bem amolados. Entre os gravadores populares mais conhecidos que deram a sua contribuição para a xilogravura nordestina, estão Manoel Serafim, Inocêncio da Costa Nick, o Mestre Noza, Zé Caboclo, Enéias Tavares Santos e J. Borges.



A mulher que botou o diabo na garrafa, de José Borges.

As matrizes para impressão das ilustrações são talhadas, quase sempre, na madeira da cajazeira (árvore da família das *Anacardiaceae* – *Spondias lutea*), matéria-prima mole, fácil de ser trabalhada e abundante na Região Nordeste do Brasil. Os xilogravuristas utilizam apenas um canivete ou faca doméstica bem amolados. Entre os gravadores populares mais conhecidos que deram a sua contribuição para a xilogravura nordestina, estão Manoel Serafim, Inocêncio da Costa Nick, o Mestre Noza, Zé Caboclo, Enéias Tavares Santos e J. Borges.

A xilogravura, com sua total liberdade artística, já conquistou, na contemporaneidade, um espaço respeitável entre os diversos setores culturais do país, retratando cenas

- das grandes metrópoles, com a preocupação de uma representação realista da figura humana amazonense.
- com personagens fantasiosas, beatos e cangaceiros presentes nas crenças da população nordestina.
- do seu próprio universo, revelando personagens exclusivamente ligadas aos temas do cangaço e da religião.
- com temas de personagens do folclore popular, crenças e futilidades dos mais necessitados.
- de conteúdo histórico e político do Centro-Oeste brasileiro, com a intenção de valorizar as diferenças sociais.

Textos para a questão 5.**Texto 1****Onde está a honestidade?**

Você tem palacete reluzente
Tem joias e criados à vontade
Sem ter nenhuma herança ou parente
Só anda de automóvel na cidade...

E o povo pergunta com maldade:
Onde está a honestidade?
Onde está a honestidade?

O seu dinheiro nasce de repente
E embora não se saiba se é verdade
Você acha nas ruas diariamente
Anéis, dinheiro e felicidade...

Vassoura dos salões da sociedade
Que varre o que encontrar em sua frente
Promove festivais de caridade
Em nome de qualquer defunto ausente...

Noel Rosa

Texto 2

Um vulto da história da música popular brasileira, reconhecido nacionalmente, é Noel Rosa. Ele nasceu em 1910, no Rio de Janeiro [...]. Mas faleceu aos 26 anos de idade, vítima de tuberculose, deixando um acervo de grande valor para o patrimônio cultural brasileiro. Muitas de suas letras representam a sociedade contemporânea, como se tivessem sido escritas no século XXI.

Disponível em: <<http://www.mpbnet.com.br>>. Acesso em: abr. 2010.

5. (ENEM) Um texto pertencente ao patrimônio literário-cultural brasileiro é atualizável, na medida em que ele se refere a valores e situações de um povo. A atualidade da canção "Onde está a honestidade?", de Noel Rosa, evidencia-se por meio

- da ironia, ao se referir ao enriquecimento de origem duvidosa de alguns.
- da crítica aos ricos que possuem joias, mas não têm herança.
- da maldade do povo a perguntar sobre a honestidade.
- do privilégio de alguns em clamar pela honestidade.
- da insistência em promover eventos beneficentes.

6. (ENEM)

Disponível em: <<http://info.abril.com.br>>. Acesso em: 9 maio 2013. (adaptado)

O texto introduz uma reportagem a respeito do futuro da televisão, destacando que as tecnologias a ela incorporadas serão responsáveis por

- estimular a substituição dos antigos aparelhos de TV.
- contemplar os desejos individuais com recursos de ponta.

- transformar a televisão no principal meio de acesso às redes sociais.
- renovar técnicas de apresentação de programas e de captação de imagens.
- minimizar a importância dessa ferramenta como meio de comunicação de massa.

7. (ENEM)

É água que não acaba mais

Dados preliminares divulgados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apontaram o Aquífero Alter do Chão como o maior depósito de água potável do planeta. Com volume estimado em 86 000 quilômetros cúbicos de água doce, a reserva subterrânea está localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá. "Essa quantidade de água seria suficiente para abastecer a população mundial durante 500 anos", diz Milton Matta, geólogo da UFPA. Em termos comparativos, Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água do Aquífero Guarani (com 45 000 quilômetros cúbicos). Até então, Guarani era a maior reserva subterrânea do mundo, distribuída por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Época, n. 623, 26 abr. 2010.

Essa notícia, publicada em uma revista de grande circulação, apresenta resultados de uma pesquisa científica realizada por uma universidade brasileira. Nessa situação específica de comunicação, a função referencial da linguagem predomina porque o autor do texto prioriza

- as suas opiniões, baseadas em fatos.
- os aspectos objetivos e precisos.
- os elementos de persuasão do leitor.
- os elementos estéticos na construção do texto.
- os aspectos subjetivos da mencionada pesquisa.

8.

A hora e a vez do WhatsApp

O WhatsApp, além de oferecer a opção de bate-papo via mensagem de texto com os contatos da sua agenda, permite a quem o utiliza uma variedade de possibilidades. O TechTudo lista dicas e truques para que você otimize o uso do serviço.

Criação de conversas em grupo

O WhatsApp para Android oferece uma variedade de comandos acessíveis por meio de um simples toque no botão de menu do seu celular. No Galaxy S3, por exemplo, o toque no botão do lado esquerdo do *smartphone* abre uma guia com diversas opções, dentre as quais se tem a criação de um bate-papo em grupo. Basta tocar em "novo grupo" e as alternativas de dar um nome e adicionar um ícone a ele serão exibidas. Clique em avançar e depois adicione as pessoas que você deseja incluir no grupo. Depois, envie uma mensagem para elas e o *chat* será exibido normalmente na página principal do seu aplicativo.

Thiago Barros

Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br>>. Acesso em: 2 set. 2013. (adaptado)

Considerando-se a função do WhatsApp, pode-se inferir que o objetivo do autor do texto é

- mostrar como o usuário dessa nova tecnologia pode comandar a vida de seus amigos.
- ampliar os conhecimentos do leitor sobre as novas possibilidades de interação geradas por essa nova tecnologia.
- divulgar um produto redutor da funcionalidade de um recurso comunicativo.
- viabilizar a aquisição de conhecimento especializado sobre o uso de *tablets* pelo usuário.
- permitir ao usuário da nova tecnologia um controle mais impreciso sobre as mensagens veiculadas.

9. (ENEM)

Aquarela

O corpo no cavalete
é um pássaro que agoniza
exausto do próprio grito.
As vísceras vasculhadas
principiam a contagem
regressiva.
No assoalho o sangue
se decompõe em matizes
que a brisa beija e balança:
o verde – de nossas matas
o amarelo – de nosso ouro
o azul – de nosso céu
o branco o negro o negro

CACASO. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *26 poetas hoje*.
Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

Situado na vigência da Ditadura Civil-Militar que governou o Brasil, na década de 1970, o poema de Cacaso edifica uma forma de resistência e protesto a esse período, metáforizando

- as artes plásticas, deturpadas pela repressão e censura.
- a natureza brasileira, agonizante como um pássaro enjaulado.
- o nacionalismo romântico, silenciado pela perplexidade com a Ditadura.
- o emblema nacional, transfigurado pelas marcas do medo e da violência.
- as riquezas da terra, espoliadas durante o aparelhamento do poder armado.

10. (ENEM)

A História, mais ou menos

Negócio seguinte. Três reis magrinhos ouviram um plá de que tinha nascido um Guri. Viram o cometa no Oriente e tal e se flagraram que o Guri tinha pintado por lá. Os profetas, que não eram de dar cascata, já tinham dicado o troço: em Belém, da Judeia, vai nascer o Salvador, e tá falado. Os três magrinhos se mandaram. Mas deram o maior fora. Em vez de irem direto para Belém, como mandava o catálogo, resolveram dar uma incerta no velho Herodes, em Jerusalém. Pra quê! Chegaram lá de boca aberta e entregaram toda a trama. Perguntaram: Onde está o rei que acaba de nascer? Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo. Quer dizer, pegou mal. Muito mal. O velho Herodes, que era um oligão, ficou grilado. Que rei era aquele? Ele é que era o dono da praça. Mas comeu em boca e disse: Joia. Onde é que esse guri vai se apresentar? Em que canal? Quem é o empresário? Tem baixo elétrico? Quero saber tudo. Os magrinhos disseram que iam flagrar o Guri e na volta dicavam tudo para o coroa.

VERISSIMO, Luís Fernando. *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Atica, 1994.

Na crônica de Verissimo, a estratégia para gerar o efeito de humor decorre do(a)

- linguagem rebuscada utilizada pelo narrador no tratamento do assunto.
- inserção de perguntas diretas acerca do acontecimento narrado.
- caracterização dos lugares onde se passa a história.
- emprego de termos bíblicos de forma descontextualizada.
- contraste entre o tema abordado e a linguagem utilizada.

Texto para a questão 11.**Luan Santana revela que se sente sozinho**

Ô pecado! Luan Santana parece ter a vida dos sonhos: talentoso, hiperfamoso, simpático, bonito e com uma conta bancária beeem gorda no banco. Mas tudo isso não é suficiente para que o gato não se sinta sozinho!

Em uma entrevista ao jornal *O Dia*, Luan falou sobre o assédio, que às vezes o deixa triste: “Não ter tempo para você é bem ruim. É muito assédio, acontece de você estar rodeado por muita gente e se sentir solitário. Eu me sinto sozinho às vezes. É difícil”.

Solteiro desde que ficou famoso, há cerca de seis anos, o cantor também revelou que gosta mesmo é de namorar: “Sempre gostei de namorar. Já tive três namoradas antes de ficar famoso. Quando eu encontrar a menina certa e tiver para quem compor essas canções, todos vão saber. Enquanto isso, vou curtindo a vida”.

Quem aí se candidata para curar a solidão do Luan?

Todateen, 16 ago. 2012.

11. Observando a estrutura do texto e sua linguagem, pode-se inferir que seu público-alvo é formado por

- mulheres de diversas faixas etárias.
- homens fascinados por música sertaneja.
- mulheres adolescentes fãs do ídolo sertanejo.
- adolescentes do sexo feminino fãs de *funk*.
- mulheres acima de 30 anos de idade.

12. **Instagram: a rede social mais famosa para compartilhar fotos e vídeos**

O Instagram é uma rede social gratuita para compartilhamento de fotos e, agora, de vídeos também. Com ele, é possível aplicar filtros em imagens e filmagens e depois publicá-las em seu perfil, onde seus amigos podem visualizá-las, curtir-las e comentá-las. Registre e compartilhe seus momentos; para isso, basta baixar o Instagram no iOS ou no Android.

Nova funcionalidade de vídeos

A novidade mais recente do Instagram é o compartilhamento de vídeos, que podem ter duração de até 15 segundos. Depois de gravar a sua filmagem, o usuário poderá escolher qual *frame* irá ilustrar a “capa” do vídeo.

Outra característica nova é o “cinema”, um recurso para estabilizar a imagem e deixar os vídeos mais bonitos e profissionais. Além disso, 13 novos filtros foram adicionados e podem ser usados tanto para as fotos quanto para os vídeos, uma mudança que poderá agradar bastante os usuários do Instagram.

Disponível em: <<http://www.techtodo.com.br>>. Acesso em: 8 set. 2013. (adaptado)

O Instagram se presta a diversas finalidades, entre elas, à comunicação mista, por isso essa rede social

- é um recurso popular, cujo público evita manter diálogos com a linguagem não verbal.
- interfere negativamente no processo de aquisição da escrita, pois só trabalha com linguagem visual.
- é restrita à divulgação de imagens em preto e branco e pouco significativas e, portanto, é pouco útil.
- abdica da linguagem verbal ao revelar que a imagem é muito mais importante que o texto escrito.
- estimula a produção escrita e desenvolve o gosto pelo registro fotográfico, fatores que potencializam a comunicação interativa.

Linguagem não verbal

A linguagem não verbal é aquela que não se realiza por meio da fala nem da escrita, mas por símbolos gráficos, logotipos, sinais de trânsito, gestos, cores e formas. Pela combinação desses elementos visuais, é possível inferir ideias e conceitos e perceber que o grau de conhecimento de cada pessoa é que determina qual a sua capacidade de interpretação da linguagem não verbal.

A Libras (Língua Brasileira de Sinais), a linguagem corporal e a linguagem fotográfica são exemplos clássicos da linguagem não verbal.

Língua de sinais

Várias pessoas pensam que a língua de sinais, independentemente do lugar em que é utilizada, é igual. Mas, no decorrer do século XX, os linguistas que estudaram as diversas línguas gestuais concluíram que elas apresentavam diferenças consideráveis entre si. Portanto, é válido ressaltar que as pessoas com deficiência auditiva sentem as mesmas dificuldades que os ouvintes, quando tentam se comunicar com pessoas de línguas diferentes. Por isso, todo país tem a sua própria língua gestual. No Brasil, existe a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Assim como as línguas orais, as línguas de sinais também apresentam regionalismos, dialetos e expressam características culturais. Os sinais de pontuação, tais como exclamação, ponto e vírgula, interrogação, às vezes, quando necessários, são desenhados no ar ou demonstrados por meio de expressões faciais. Por não obedecer à estrutura frásica das línguas orais, o mais importante na comunicação pela língua de sinais é representar a informação por meio de um conteúdo visual coerente, pois as pessoas com deficiência auditiva lidam com a memória visual.



Alfabeto manual da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Linguagem corporal

A expressão “linguagem corporal” engloba os diversos movimentos gestuais e de postura que auxiliam a eficácia do ato comunicativo. A gesticulação foi a forma primária de

comunicação humana, sendo relegada, posteriormente, a um segundo plano com o surgimento da palavra. A expressão corporal está diretamente vinculada aos traços psicológicos e comportamentais do indivíduo, e sofre influências ambientais, sociais e culturais.

A dança é uma representação de linguagem corporal. Ao mover o corpo, obedecendo a uma relação entre tempo e espaço, o dançarino constrói uma mensagem capaz de comunicar seus anseios, angústias, alegrias, culturas e memórias.

Ao se observar, por exemplo, a dança Tambor de Crioula, típica do estado do Maranhão, pode-se perceber que os movimentos, as vestimentas dos dançantes e o batuque oriundo dos instrumentos, já revelam traços vinculados ao universo da cultura afro-brasileira.



Linguagem fotográfica

A linguagem da fotografia é a linguagem do olhar. Um fotógrafo sempre expõe o seu olhar sobre o mundo e, a partir daí, consegue-se apreciar, com sensibilidade e inteligência, sua espontaneidade. Para captar a realidade com beleza e exatidão, é necessário considerar os seguintes elementos:

- ponto de vista (o local onde ele se coloca para tirar a foto) e composição (a arte de dispor os elementos que aparecerão na foto);
- planos (revelam o distanciamento da câmera em relação ao objeto fotografado);
- perspectiva (impressões subjetivas);
- luz, forma e tom;
- textura (revela o aspecto sinestésico da fotografia);
- foco ou profundidade de campo (revela a nitidez dos elementos principais a serem destacados);
- movimento (sugerir, por meio da ação, a quebra da estaticidade).



Linguagem verbal

Língua escrita e oral

Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala.

Pois é. U português é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi izatamente cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestatênção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem soubé falá sabi iscrevê.

Veja.

O comentário anterior foi feito pelo escritor Jô Soares nas páginas da revista *Veja*. O humorista se diverte com as diferenças entre o português falado e o português escrito no Brasil. Segundo os estudiosos da Sociolinguística, ciência que estuda a relação entre língua e sociedade, fala e escrita sempre divergem em qualquer língua.

No exemplo anterior, Jô brincou com uma ideia comum ao ideário modernista da primeira fase, ou seja, a ideia de que a língua falada no Brasil é bem diferente da língua escrita. Oswald e Mário de Andrade foram grandes autores do Modernismo que resolveram explorar esse filão linguístico por meio de uma poesia que reproduzia, de forma verossímil, a fala do povo brasileiro. Veja alguns exemplos da poesia oswaldiana:

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados

Segundo os linguistas, a língua escrita torna-se mais exigente porque não utiliza os recursos expressivos da linguagem não verbal (gestos, expressões faciais etc.), tendo que obedecer criteriosamente ao conjunto de regras da gramática normativa para conseguir uma comunicação eficaz. Também é válido ressaltar que a língua ainda se modifica de acordo com o grupo social, a região e o contexto histórico em que está inserida.

Além disso, também se pode afirmar que a língua escrita não é uma simples transcrição da fala, mas uma representação do ato de fala. Enquanto a oralidade apresenta uma grande diversidade – desde realizações de um mesmo vocábulo, alguns até mais distantes do que convencionalmente chama-se de língua padrão –, a escrita, em uma posição contrária, valoriza esta modalidade da língua, a fim de manter a uniformidade no processo comunicativo.

Portanto, na fala, a presença do interlocutor permite a utilização de recursos paralinguísticos, como as diferentes modalidades da linguagem não verbal. Já na escrita, a gama de recursos não verbais utilizados na transmissão da mensagem oral cede espaço para a aplicação de outros recursos, como a pontuação e a acentuação, na concepção da mensagem.



Atividades para sala

1. Observe a imagem a seguir.



Antônio Paulo é motorista de caminhão e, diariamente, faz a seguinte rota para chegar com seu veículo ao local de trabalho.

1. Sai de casa e passa diante do hospital militar.
2. Do hospital, ele vira à esquerda porque é proibido o trânsito de caminhões a partir daquele trecho da avenida.
3. Deste ponto, ele segue até a rotatória onde fica a empresa em que trabalha.

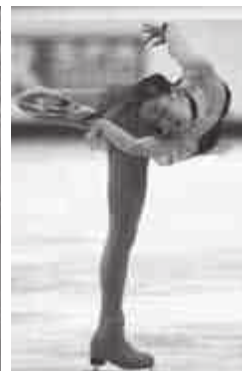
Com base nas informações e no excelente trabalho de sinalização das vias que o conduzem ao trabalho, pode-se perceber que, no seu percurso, o motorista se deparou com as seguintes placas de trânsito:

- a) C2/L5 – C5/L4 – C1/L3 – C2/L1.
- b) C6/L3 – C2/L5 – C5/L4 – C5/L3.
- c) C2/L5 – C3/L1 – C1/L3 – C7/L2.
- d) C6/L3 – C1/L1 – C1/L3 – C5/L4.
- e) C6/L3 – C6/L2 – C5/L4 – C3/L5.

2. Observe as figuras a seguir.



DEGAS, Edgar. A estrela. Pastel sobre monotipia, 58 cm x 42 cm, 1876-1877.



Patinação artística no gelo.

Imagens: Reprodução

Considerando os aspectos formais e informais para a leitura das imagens, que são textos não verbais, é correto afirmar que a obra de Degas e a fotografia

- possuem a centralidade perceptível e são estáticas.
- estão divididas em cinco planos e expressam agonia.
- apresentam equilíbrio compositivo e manifestam leveza.
- apresentam ausência de profundidade e provocam vertigem.
- têm a mesma materialidade e evidenciam força.

Texto para a questão 3.

Dança de cadeirante é arte sobre rodas

“Eu digo para eles baterem a roda (já que não podem bater o pé) e afirmar: eu faço dança, e não terapia.” É o que diz a bailarina clássica Luciana Carla Ramos, 29 anos, diretora artística da Cia. Arte de Viver. “Eles” são seus alunos da dança de cadeiras de rodas no Teatro Municipal e formam um grupo de 12 alunos. Ao lado de Luciana, está Alexandre Siqueira, arquiteto formado que se apaixonou pela dança para cadeirantes.

A turma tem alunos com idades variadas. Entre eles está Maria Aparecida Faria, 51 anos. “As pessoas não acreditam que eu faço dança, acham que é fisioterapia, porque não acreditam na possibilidade de um cadeirante dançar.”

Luciana e Alexandre utilizam cadeiras de rodas para ensinar aos alunos, principalmente às crianças. “Nós trabalhamos a partir de, e não apesar de”, conta Luciana.

Ela também dá aulas de balé clássico, mas diz que não trocaria por nada os alunos cadeirantes. “Eu adoro desafios e me envolvi demais com esse tipo de dança. Ver o retorno dos alunos é surpreendente, são raras as faltas nas aulas.”

A dança com cadeiras de rodas é feita por movimentos, e não passos, como nas outras danças. “Isso dá um poder de criação que outras danças não permitem”, afirma Luciana. “As pessoas precisam mudar essa visão de deficiente coitadinho.”

A aluna mais nova é Vitória Marcelino Lopes, 8 anos, na turma desde abril deste ano, quando iniciaram as aulas no Municipal. Segundo sua mãe, Carla Lopes, até a letra de Vitória melhorou. “Ela entende melhor o espaço dela. Antes ela batia nos móveis em casa, passava com a roda nos pés do outros. Agora, não”, conta Carla.

Disponível em: <<http://www.online.unisantabr.com.br>>.
Acesso em: 3 abr. 2011.

3. A linguagem do corpo é a linguagem barulhenta do silêncio causando profunda modificação no meio social em que ele se expressa. Com base na leitura do texto e nas relações estabelecidas entre a linguagem corporal e a sua capacidade de adequação para diferentes indivíduos, portadores de necessidades especiais ou não, pode-se reconhecer que

- a melhoria da saúde é a única razão que leva os cadeirantes à prática da dança.
- os benefícios da dança, na vida dos dançarinos, são notados somente quando há apresentação no palco do Teatro Municipal.
- a busca da adaptação perfeita dos movimentos fomenta um interesse maior dos cadeirantes, pelas percepções artísticas que envolvem a relação entre corpo e espaço.
- em razão do reconhecimento artístico, os cadeirantes procuram fazer coreografias que destaquem o protagonismo da cadeira de rodas em detrimento da estimulação corporal cinestésica no desenvolvimento da dança.
- os cadeirantes só adotam a dança como recurso fisioterápico.

4. (ENEM) Embora particularidades na produção mediada pela tecnologia aproximem a escrita da oralidade, isso não significa que as pessoas estejam escrevendo errado. Muitos buscam, tão somente, adaptar o uso da linguagem ao suporte utilizado: “O contexto é que define o registro de língua. Se existe um limite de espaço, naturalmente, o sujeito irá usar mais abreviaturas, como faria no papel”, afirma um professor do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Cefet-MG. Da mesma forma, é preciso considerar a capacidade do destinatário de interpretar corretamente a mensagem emitida. No entendimento do pesquisador, a escola, às vezes, insiste em ensinar um registro utilizado apenas em contextos específicos, o que acaba por desestimular o aluno, que não vê sentido em empregar tal modelo em outras situações. Independentemente dos aparatos tecnológicos da atualidade, o emprego social da língua revela-se muito mais significativo do que seu uso escolar, conforme ressalta a diretora de Divulgação Científica da UFMG: “A dinâmica da língua oral é sempre presente. Não falamos ou escrevemos da mesma forma que nossas avós”. Some-se a isso o fato de os jovens se revelarem os principais usuários das novas tecnologias, por meio das quais conseguem se comunicar com facilidade. A professora ressalta, porém, que as pessoas precisam ter discernimento quanto às distintas situações, a fim de dominar outros códigos.

SILVA JR., M. G.; FONSECA, V. *Revista Minas faz ciência*, n. 51, set.-nov. 2012. (adaptado)

Na esteira do desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, usos particulares da escrita foram surgindo. Diante dessa nova realidade, segundo o texto, cabe à escola levar o aluno a

- interagir por meio da linguagem formal no contexto digital.
- buscar alternativas para estabelecer melhores contatos *on-line*.
- adotar o uso de uma mesma norma nos diferentes suportes tecnológicos.
- desenvolver habilidades para compreender os textos postados na *web*.
- perceber as especificidades das linguagens em diferentes ambientes digitais.

5. eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a:... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...

A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de Ensino Fundamental.
Projeto fala goiana, UFG, 2010.

Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é o(a)

- predomínio de linguagem informal, entrecortada por pausas.
- vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português.
- realização do plural conforme as regras da tradição gramatical.
- ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados.
- presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto para a questão 6.

Ah, moleque!

Pelo Facebook, Hugo Périssé me pergunta: "Gabriel, gostaria de saber a etimologia da palavra 'moleque'".

Meu caro Hugo, a palavra vem do quimbundo (língua falada em Angola) *muleke*, "garoto", "filho". Sobre pôs-se a "curumim", de origem indígena, com o mesmo sentido de "menino".

A palavra **moleque**, no Brasil, ficou inicialmente associada ao filho do escravo, ao negrinho, e depois ao menino solto, malcriado, travesso. O preconceito promoveu a conotação pejorativa da palavra (com especial força nas discussões entre políticos), designando o adulto irresponsável, vagabundo, ordinário, canalha etc.

Curiosamente, "moleque", no português moçambicano, não significa "criança" nem "rapazote", mas "empregado doméstico" ou "lacaio".

Disponível em: <<http://palavraseorigens.blogspot.com.br>>. Acesso em: 8 set. 2013.



6. No fragmento do texto "Ah, moleque!", constata-se uma discussão interessante sobre a origem das palavras que compõem a língua portuguesa do Brasil. De acordo com o autor, o léxico da língua oficial do Brasil é resultado

- das diversas misturas étnicas e sincretismos culturais que se operaram nesse país.
- da implantação mimética da língua portuguesa de Portugal no Brasil.
- do aspecto heterogêneo que circunda a colonização portuguesa na Ásia.
- da homogeneidade lexical trazida pelos africanos para o Brasil.
- de uma realidade linguística europeia invariável e estável.

Atividades propostas

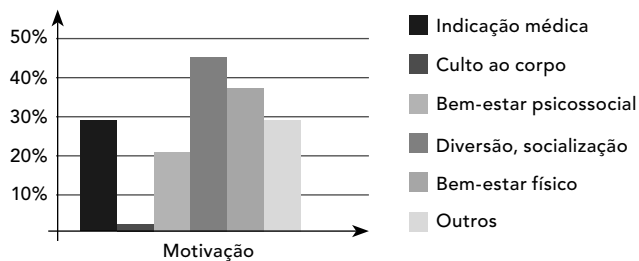
1.



As capacidades físicas são qualidades motoras passíveis de treinamento e encontram-se classificadas em diversos tipos. Na execução do esporte mostrado na imagem, consegue-se identificar o predomínio da capacidade física denominada

- força, que permite deslocar um objeto, o corpo de um parceiro ou o próprio corpo por meio da contração dos músculos.
- velocidade, que permite realizar movimentos no menor tempo possível ou reagir rapidamente a um sinal.
- equilíbrio, conseguido por uma combinação de ações musculares com o propósito de assumir e sustentar o corpo sobre uma base, contra a Lei da Gravidade.
- flexibilidade, que permite executar movimentos com grande amplitude.
- resistência, que permite efetuar um esforço durante um tempo considerável, suportando a fadiga dele resultante e se recuperando com alguma rapidez.

2. Observe o gráfico a seguir.



Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

Ao analisar a linguagem do gráfico, percebe-se que diversos são os fatores que motivam um indivíduo à prática de exercícios físicos. Com base nessas informações, é possível inferir que

- o maior grupo corresponde ao de pessoas que buscam o bem-estar físico, mental e social.
- o quinto menor grupo corresponde ao de indivíduos que buscam o bem-estar por conta da indicação médica.
- indicação médica e outros motivos aparecem percentualmente um pouco adiante de diversão e socialização.
- o culto ao corpo tem sido apontado como um dos fatores responsáveis pelo aumento do número de praticantes de atividades físicas.
- a diversão e a socialização continuam sendo as principais motivações que têm levado diversos públicos às academias do país.

3. **Conceitos e importância das lutas**

Antes de se tornarem esporte, as lutas ou as artes marciais tiveram duas conotações principais: eram praticadas com o objetivo guerreiro ou tinham um apelo filosófico como concepção de vida bastante significativo.

Atualmente, nos deparamos com a grande expansão das artes marciais em nível mundial. As raízes orientais foram se disseminando, ora pela necessidade de luta pela sobrevivência ou para a defesa pessoal, ora pela possibilidade de ter as artes marciais como própria filosofia de vida.

CARREIRO, Eduardo Augusto. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

Um dos problemas da violência, que está presente principalmente nos grandes centros urbanos, são as brigas e os enfrentamentos de torcidas organizadas, além da formação de gangues, que se apropriam de gestos das lutas orientais, resultando, muitas vezes, em fatalidades. Portanto, o verdadeiro objetivo da aprendizagem desses movimentos foi mal compreendido, afinal as lutas

- se tornaram um esporte, mas eram praticadas com o objetivo guerreiro, a fim de garantir a sobrevivência.
- apresentam a possibilidade de desenvolver o autocontrole, o respeito ao outro e a formação do caráter.
- possuem como objetivo principal a defesa pessoal por meio de golpes agressivos sobre o adversário.
- sofreram transformações em seus princípios filosóficos, em razão de sua disseminação pelo mundo.
- se disseminaram pela necessidade de luta pela sobrevivência ou como filosofia pessoal de vida.

Texto para a questão 4.

Na modernidade, o corpo foi descoberto, despido e modelado pelos exercícios físicos da moda. Novos espaços e práticas esportivas e de ginástica passaram a convocar as pessoas a modelarem seus corpos. Multiplicaram-se as academias de ginástica, as salas de musculação e o número de pessoas correndo pelas ruas.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. *Caderno do professor: Educação Física*. São Paulo, 2008.

4. (ENEM) Diante do exposto, é possível inferir que houve um aumento da procura por
- exercícios físicos aquáticos (natação/hidroginástica), que são exercícios de baixo impacto, evitando o atrito (não prejudicando as articulações), e que previnem o envelhecimento precoce e melhoram a qualidade de vida.
 - mecanismos que permitem combinar alimentação e exercício físico, que permitem a aquisição e manutenção de níveis adequados de saúde, sem a preocupação com padrões de beleza instituídos socialmente.
 - programas saudáveis de emagrecimento, que evitam os prejuízos causados na regulação metabólica, na função imunológica, na integridade óssea e na manutenção da capacidade funcional ao longo do envelhecimento.
 - exercícios de relaxamento, reeducação postural e alongamentos, que permitem um melhor funcionamento do organismo como um todo, bem como uma dieta alimentar e hábitos saudáveis com base em produtos naturais.
 - dietas que preconizam a ingestão excessiva ou restrita de um ou mais macronutrientes (carboidratos, gorduras ou proteínas), bem como exercícios que permitem um aumento de massa muscular e/ou modelar o corpo.

5. (ENEM) O *rap*, palavra formada pelas iniciais de *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), com as linguagens da dança (o *break dancing*) e das artes plásticas (o grafite), seria difundido, para além dos guetos, com o nome de cultura *hip-hop*. O *break dancing* surge como uma dança de rua. O grafite nasce de assinaturas inscritas pelos jovens com *sprays* nos muros, trens e estações de metrô de Nova York. As linguagens do *rap*, do *break dancing* e do grafite se tornaram os pilares da cultura *hip-hop*.

DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (adaptado)

Entre as manifestações da cultura *hip-hop* apontadas no texto, o *break* se caracteriza como um tipo de dança que representa aspectos contemporâneos por meio de movimentos

- retilíneos, como crítica aos indivíduos alienados.
- improvisados, como expressão da dinâmica da vida urbana.
- suaves, como sinônimo da rotina dos espaços públicos.
- ritmados pela sola dos sapatos, como símbolo de protesto.
- cadenciados, como contestação às rápidas mudanças culturais.

6.



O carimbó é uma sonoridade de procedência indígena, aos poucos mesclada à cultura africana, com a assimilação das percussões dos negros, e a elementos de Portugal, como o estalar dos dedos e as palmas, que intervêm em alguns momentos da coreografia. Originalmente, em tupi, esta expressão significa tambor, ou seja, curimbó, como inicialmente era conhecido este ritmo. Gradualmente o termo foi evoluindo para carimbó.

Esta dança teve sua origem no território de Belém, mais precisamente na área do Salgado, composta por Marapanim, Curuçá e Algodoal; e também se disseminou pela Ilha de Marajó, onde era cultivada pelos pescadores. Acredita-se que o carimbó navegou pela baía de Guajará, pelas mãos dos marajoaras, desembarcando nas areias do Pará, justamente nas praias do Salgado.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

As danças populares expressam aspectos culturais, sociais, econômicos e históricos de um determinado grupo social. Elas provocam uma associação entre música e ritmo capaz de alterar, significativamente, a sensibilidade do indivíduo que com ela se envolve. Nesse contexto, as danças populares permitem a descontração, o desenvolvimento e o descanso, por serem atividades lúdicas que

- minimizam a proliferação do conhecimento cultural acerca de outras culturas mais importantes, como a erudita.
- agenciam a interação, o conhecimento de diferentes ritmos e permitem minimizar a tensão da vida diária.
- amortizam a participação, promovem competições em gincanas e o conhecimento de outros marcadores rítmicos.
- arrefecem a socialização de todos, minimizando a expressividade, por exigir habilidades corporais mecanicistas.
- priorizam a ruptura com os elementos históricos, relacionando-as com os movimentos políticos e sociais.

7. (ENEM)

Essa pequena

Meu tempo é curto, o tempo dela sobra
 Meu cabelo é cinza, o dela é cor de abóbora
 Temo que não dure muito a nossa novela, mas
 Eu sou tão feliz com ela
 Meu dia voa e ela não acorda
 Vou até a esquina, ela quer ir para a Flórida
 Acho que nem sei direito o que é que ela fala, mas
 Não canso de contemplá-la
 Feito avarento, conto os meus minutos
 Cada segundo que se esvai
 Cuidando dela, que anda noutro mundo
 Ela que esbanja suas horas ao vento, ai
 Às vezes ela pinta a boca e sai
 Fique à vontade, eu digo, *take your time*
 Sinto que ainda vou penar com essa pequena, mas
 O *blues* já valeu a pena

Chico Buarque

Disponível em: <www.chicobuarque.com.br>. Acesso em: 31 jun. 2012.

O texto “Essa pequena” registra a expressão subjetiva do enunciador, trabalhada em uma linguagem informal, comum na música popular. Observa-se, como marca da variedade coloquial da linguagem presente no texto, o uso de

- palavras emprestadas de língua estrangeira, de uso inusitado no português.
 - expressões populares, que reforçam a proximidade entre o autor e o leitor.
 - palavras polissêmicas, que geram ambiguidade.
 - formas pronominais em primeira pessoa.
 - repetições sonoras no final dos versos.
8. (ENEM) As narrativas indígenas se sustentam e se perpetuam por uma tradição de transmissão oral (sejam as histórias verdadeiras dos seus antepassados, dos fatos e guerras recentes ou antigos; sejam as histórias de ficção, como aquelas da onça e do macaco). De fato, as comunidades indígenas nas chamadas “terras baixas da América do Sul” (o que exclui as montanhas dos Andes, por exemplo) não desenvolveram

sistemas de escrita como os que conhecemos, sejam alfabéticos (como a escrita do português), sejam ideogramáticos (como a escrita dos chineses) ou outros. Somente nas sociedades indígenas com estratificação social (ou seja, já divididas em classes), como foram os astecas e os maias, é que surgiu algum tipo de escrita. A história da escrita parece mesmo mostrar claramente isso: que ela surge e se desenvolve – em qualquer das formas – apenas em sociedades estratificadas (sumérios, egípcios, chineses, gregos etc.). O fato é que os povos indígenas no Brasil, por exemplo, não empregavam um sistema de escrita, mas garantiram a conservação e continuidade dos conhecimentos acumulados, das histórias passadas e, também, das narrativas que sua tradição criou, através da transmissão oral. Todas as tecnologias indígenas se transmitiram e se desenvolveram assim. E não foram poucas: por exemplo, foram os índios que domesticaram plantas silvestres e, muitas vezes, venenosas, criando o milho, a mandioca (ou macaxeira), o amendoim, as morangas e muitas outras mais (e também as desenvolveram muito; por exemplo, somente do milho criaram cerca de 250 variedades diferentes em toda a América).

D'ANGELIS, W. R. *Histórias dos índios lá em casa: narrativas indígenas e tradição oral popular no Brasil*. Disponível em: <www.portalkaingang.org>. Acesso em: 5 dez. 2012.

A escrita e a oralidade, nas diversas culturas, cumprem diferentes objetivos. O fragmento aponta que, nas sociedades indígenas brasileiras, a oralidade possibilitou

- a conservação e a valorização dos grupos detentores de certos saberes.
- a preservação e a transmissão dos saberes e da memória cultural dos povos.
- a manutenção e a reprodução dos modelos estratificados de organização social.
- a restrição e a limitação do conhecimento acumulado a determinadas comunidades.
- o reconhecimento e a legitimação da importância da fala como meio de comunicação.

9. (ENEM)

Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo pra xaxar

Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar

Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita
Desse meu lugar
Vai, chama Maria, chama Luzia
Vai, chama Zabé, chama Raque
Diz que tou aqui com alegria.

BARROS, A. *Óia eu aqui de novo*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br>>. Acesso em: 5 maio 2013.

A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil.

O verso que singulariza uma forma do falar popular regional é

- "Isso é um desaforo".
- "Diz que tou aqui com alegria".
- "Vou mostrar pr'esses cabras".
- "Vai, chama Maria, chama Luzia".
- "Vem cá morena linda vestida de chita".

Texto para a questão 10.

A rua é nois

Bruce slim, emicida e lenda
Zona norte, cachoeira, Vila Medeiros
A rua é nois...
À noite não busco brilho, deixo a lua brilhar
Sigo sem rumo sem roda, deixo o momento levar
Entre urbanoides insanos, eu elevo meu ser
A rua é nois e nunca vai deixar de ser
Perdi e acordo pensando nas rima da noite passada
Bocejo e reclamo enquanto ponho a meia furada
Minha coroa tá tensa
Vou pra cidade densa, deixa eu pegar os meus patuá
Pra me livrar das desavença
Que vem, mais num vai me parar no caminho
Sagrado é meu ritual de cumprimentar os irmãozim
Salve, "firmeza tio", é isso mesmo rapaz [...]

Emicida

10. As canções de Emicida, compositor brasileiro contemporâneo, revelam uma aguçada preocupação do artista com os problemas sociais de seu tempo. No discurso do rap apresentado, é possível identificar que o artista

- aquilata a fala popular brasileira como patrimônio linguístico e forma legítima de identidade nacional.
- dialoga com padrões musicais que retomam as características das canções nascidas no espaço aristocrático do início do século XX.
- ironiza o comportamento das classes sociais inferiores, caracterizadas como subdesenvolvidas.
- incorpora novos vocábulos de origem inglesa para angariar valores mais nobres ao seu texto.
- respeita e preserva o português padrão como forma de fortalecimento da identidade nacional brasileira.

11. (ENEM)

eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda a família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência prum mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... minha família veio parar em Mossoró que exatamente o local mais perto onde tinha vaga pra funcionário do Banco do Brasil.: ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos ... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível...né... como vieram se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. (Org.). *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, há um breve relato de experiência pessoal, no qual se observa a frequente repetição de “né”. Essa repetição é um (a)

- índice de baixa escolaridade do falante.
- estratégia típica da manutenção da interação oral.
- marca de conexão lógica entre conteúdos na fala.
- manifestação característica da fala nordestina.
- recurso enfatizador da informação mais relevante da narrativa.

12. (ENEM)

Azeite de oliva e óleo de linhaça: uma dupla imbatível

Rico em gorduras do bem, ela combate a obesidade, dá um chega pra lá no diabetes e ainda livra o coração de entraves

Ninguém precisa esquentar a cabeça caso não seja possível usar os dois óleos juntinhos, no mesmo dia. Individualmente, o duo também bate um bolão. Segundo um estudo recente do grupo EurOlive, formado por

instituições de cinco países europeus, os polifenóis do azeite de oliva ajudam a frear a oxidação do colesterol LDL, considerado perigoso. Quando isso ocorre, reduz-se o risco de placas de gordura na parede dos vasos, a temida aterosclerose – doença por trás de encrencas como o infarto.

MANARINI, T. *Saúde é vital*, n. 347, fev. 2012. (adaptado)

Para divulgar conhecimento de natureza científica para um público não especializado, Manarini recorre à associação entre vocabulário formal e vocabulário informal. Altera-se o grau de formalidade do segmento no texto, sem alterar o sentido da informação, com a substituição de

- “dá um chega pra lá no diabetes” por “manda embora o diabetes”.
- “esquentar a cabeça” por “quebrar a cabeça”.
- “bate um bolão” por “é um show”.
- “juntinhos” por “misturadinhos”.
- “por trás de encrencas” por “causadora de problemas”.

Estudo dos aspectos
linguísticos da
língua portuguesa

Módulo

3

Linguagem mista

C

7

H

21,22,23,24

Linguagem publicitária



Essa campanha é um caso real. Uma dessas pessoas vive com HIV.

Ao analisar a propaganda elaborada pelo Ministério da Saúde, percebe-se que vários elementos verbais e não verbais se destacam na construção da mensagem publicitária. Desde os pequenos símbolos localizados no cartaz – Dia Mundial de Luta contra a aids, Sistema Único de Saúde (SUS) e governo federal – até a imagem grandiloquente do beijo, todos os elementos, quando associados semanticamente, procuram, de alguma forma, ratificar que “viver com aids é possível, com o preconceito, não”. A própria escolha de uma cena de intimidade, pois não se deve deixar de notar que o beijo metaforiza o contato íntimo que uma pessoa pode manter com outra, revela a preocupação do locutor da mensagem em reduzir o preconceito contra os portadores do vírus HIV. Outro aspecto relevante da mensagem é a ausência de identificação da pessoa com HIV, tornando bastante explícita a ideia de que a pessoa soropositiva é igual a qualquer outra.

Além desses aspectos, é importante ressaltar que esse cartaz descende da campanha criada pelo artista plástico Vik Muniz para o Ministério da Saúde. Em 2009, o artista foi contratado pelo governo federal para desenvolver um trabalho sobre o tema da luta contra o preconceito. Para executá-lo, Vik Muniz reuniu cerca de 1 200 pessoas, algumas portadoras do

vírus HIV e outras não, que o ajudaram a compor seis mosaicos gigantes com o tema “beijo”. A escolha do tema não foi aleatória, pois, segundo Vik, no passado, ao despedir-se de um amigo soropositivo que se encontrava na fase terminal da doença, não pôde abraçá-lo e beijá-lo, visto que, na época, as informações sobre as formas de contaminação ainda eram muito imprecisas. Por conta disso, logo que foi contatado para desenvolver essa campanha publicitária, Vik abraçou com afinco e procurou torná-la poética, sensível, inteligente e, acima de tudo, humana. O resultado de tudo isso pode ser conferido na fotografia anterior, fonte de inspiração do cartaz publicitário anterior.



Reprodução

Logo, por análise, constata-se que vários podem ser os objetivos de uma mensagem publicitária. Nas campanhas do Ministério da Saúde, por exemplo, prevenção e conscientização são elementos que se destacam na elaboração das mensagens. No entanto, não se deve esquecer que, em um mundo globalizado, onde as marcas dos grandes conglomerados comerciais disputam milimetricamente um espaço no mundo dos desejos do consumidor, grande parte das campanhas publicitárias tem como principal objetivo a venda de seus produtos. Para se compreender melhor essa situação, serão apresentadas a seguir as características centrais da linguagem publicitária.

Logo, por análise, constata-se que vários podem ser os objetivos de uma mensagem publicitária. Nas campanhas do Ministério da Saúde, por exemplo, prevenção e conscientização são elementos que se destacam na elaboração das mensagens. No entanto, não se deve esquecer que, em um mundo globalizado, onde as marcas dos grandes conglomerados comerciais disputam milimetricamente um espaço no mundo dos desejos do consumidor, grande parte das campanhas publicitárias tem como principal objetivo a venda de seus produtos. Para se compreender melhor essa situação, serão apresentadas a seguir as características centrais da linguagem publicitária.

Características principais da linguagem publicitária

Durante muito tempo, a **linguagem publicitária** apenas informava o endereço de compra, o preço e as condições do produto. No decorrer do século XX, a sociedade de consumo, por meio do *American way of life* (modo de vida americano) e do desenvolvimento tecnológico, exigiu da publicidade uma maior interação. Comprar e ter coisas passou a ser sinônimo de felicidade e salvação.

A linguagem publicitária se manifesta por mensagens imperativas, que tentam persuadir e convencer o receptor. Expressões como “O primeiro sutiã a gente nunca esquece”, “Tomou Doril, a dor sumiu”, “Bombril tem 1001 utilidades”, “Só Omo lava mais branco”, “Se algum desconhecido lhe oferecer flores, isto é Impulse” são exemplos de campanhas publicitárias bem-sucedidas que provocaram intensas modificações comportamentais na sociedade consumidora brasileira.

A publicidade, seja comercial, seja política, arquiteta uma argumentação com o intuito de convencer, de forma consciente ou inconsciente, o interlocutor a respeito da mensagem. Para isso, usa fotografias familiares, música, teatro e outras mídias. Segundo estudiosos da publicidade, o processo de elaboração da mensagem publicitária percorre a seguinte sequência:

- **impacto fisiológico:** a seleção do meio;
- **impacto psicológico:** efeito surpresa;
- **manutenção da atenção:** criação de ambiente otimista;
- **convencimento:** desenvolvimento da argumentação e da confiabilidade;
- **determinação de compra:** persuasão e sedução.

Análise de propagandas



Apesar da ausência dos recursos verbais, o símbolo icográfico que representa o banco Bradesco aparece na parte central da propaganda, construído, inclusive, com os dedos do casal de protagonistas. Há curvas no símbolo, e elas sugerem muito movimento, algo que guarda uma profunda relação com o casal de mestre-sala e porta-bandeira. As cores da vestimenta do casal se relacionam com as utilizadas pelo banco. A imagem demonstra que o banco ainda patrocina eventos culturais, como o Carnaval. Portanto, a imagem que o banco constrói de si é bastante positiva e impacta a vida daqueles que a observam.



A campanha publicitária do absorvente Intimus Gel se destina ao público feminino e procura se diferenciar dos demais produtos que existem no mercado, fazendo a exibição de suas peculiaridades. O produto ocupa a parte central da propaganda, e o autor da mensagem procura pôr em destaque a seguinte informação: “O primeiro absorvente decorado do mercado”, dando ênfase plena aos termos **absorvente**

e **decorado**, escrevendo-os de forma curva e com letra diferenciada. Além disso, logo abaixo, enfatizam-se informações como “dupla proteção”, “redução de odores” e “presença de vitamina E”, elementos imprescindíveis para a construção da sensação de conforto e bem-estar. Por último, outro aspecto que chama bastante atenção na construção dessa mensagem publicitária é a presença do absorvente em redes sociais, como Twitter e Facebook, mecanismos que revelam quão dinâmica e eficaz é a comunicação da empresa no universo virtual.



Rompendo com os clichês nas campanhas publicitárias de cosméticos, que, geralmente, procuram destacar rostos e corpos de mulheres, muitas vezes, distantes do padrão real, a Natura procurou colocar na campanha de divulgação de seus produtos outras mulheres, as anciãs amazônicas conhecedoras dos segredos da floresta, ou seja, mulheres que carregam nas linhas do rosto um misto de maturidade e sabedoria. Há uma aliança muito clara entre os recursos verbais e não verbais na execução da mensagem publicitária. A própria linha Natura Ekos Flores e Frutos já carrega na sua denominação a preocupação com o tema da sustentabilidade, tão em voga nos debates em torno do tema ecologia. Por meio dessa campanha, a empresa também se mostra como uma pesquisadora das essências naturais do Brasil e se autometamorfoza como uma ponte entre os saberes ancestrais amazônicos e o mundo das novas tecnologias. O endereço virtual da empresa no rodapé do cartaz demonstra a sua preocupação em mostrar ao interlocutor da mensagem a sua eficácia comunicativa no universo virtual. Logo, pode-se afirmar que é bastante positivo para a empresa o saldo dessa campanha, visto que ela vende ao interlocutor uma imagem de empresa consciente dos problemas de seu tempo.

Linguagem das histórias em quadrinhos

A construção das histórias em quadrinhos (HQs) dá-se por meio de um diálogo entre as linguagens verbal e não verbal (ilustrações), o que as torna exemplos clássicos de linguagem mista. A pluralidade das histórias em quadrinhos não se dá apenas no conteúdo, mas também nos variados esquemas visuais que contribuem para o alto grau de versatilidade desse gênero.

Nos últimos anos, esse gênero, que era tratado como uma paraliteratura, isto é, um gênero



Atividades para sala

que não se enquadrava no consenso literário social propriamente dito, despertou o interesse de grandes grupos de estudiosos da comunicação, que passaram a enxergá-lo como sério objeto de análise de teses universitárias. É claro que alguns acontecimentos históricos contribuíram intimamente para uma alteração radical no olhar dos críticos de comunicação sobre o tema. Um dos mais relevantes foi a Segunda Guerra Mundial, que transformou os heróis das HQs em figuras-estandarte do nacionalismo e da esperança na luta contra as forças do Eixo (Alemanha-Itália-Japão).

Como foi visto, as HQs podem ser avaliadas não somente pelo seu acervo pictórico, mas também pelos seus caracteres narrativos, estéticos, sociológicos e ideológicos, que ajudam a compor o seu valor artístico.

Atualmente, os quadrinhos representam, no mundo globalizado, um meio de comunicação de massa de grande popularidade. Personagens como Batman, Super-Homem, Mickey Mouse, Pluto, Pateta, Capitão América e Homem-Aranha compõem um quadro iconográfico importante desse gênero discursivo e contribuem para o estabelecimento de novas ideologias sociais, políticas, econômicas e culturais. Além disso, a produção, a divulgação e a comercialização desse gênero, em escala industrial, contribuíram para a profissionalização das várias etapas de sua composição, possibilitando o aumento hiperbólico das tiragens. No Brasil, personagens como Mônica, Cascão, Magali e Cebolinha já ocupam, na memória afetiva popular, um papel de destaque e, conseqüentemente, confirmam a importância dos quadrinhos na formação de uma identidade cultural brasileira.

Recursos expressivos das tirinhas

No Exame Nacional do Ensino Médio, os recursos expressivos responsáveis pela formação do humor nas tirinhas são bastante investigados nas questões. A seguir, são exemplificados alguns dos principais recursos utilizados na confecção da atmosfera humorística das tirinhas.

■ Quebra de expectativa



A quebra de expectativa se dá quando o interlocutor denomina de incrível não o autor do feito de bater as asas, mas o indivíduo que fez a contagem.

■ Ironia



O humor da tirinha reside na maneira como as personagens relacionam o fato de não fazerem nada às ações do governo.

■ Exagero



Nesse quadrinho, o discurso da personagem feminina se torna engraçado pela presença do exagero na construção da cena.

Imagem para a questão 1.



Disponível em: <<https://www.twitter.com/Vivoemrede/media>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

1. Para atingir o objetivo de orientar sobre o uso adequado do celular, esse texto publicitário
 - a) abdica da utilização da logomarca da empresa, pois despreocupa-se em mostrar a mensagem central como parte integrante de uma campanha publicitária.
 - b) usa as imagens estereotipadas do garoto cego e do ortopedista para ressaltar que eles compõem o público-alvo da campanha publicitária.
 - c) recorre às imagens de grafites das áreas urbanas dos grandes centros para mostrar que esse problema é exclusivo dessas regiões.
 - d) afirma, com o conteúdo verbal, que qualquer pessoa que faça concomitantemente os dois movimentos pode ser vítima de um acidente ortopédico.
 - e) apresenta, como estratégia central, a ausência de interação entre a mensagem verbal e a não verbal na composição da peça publicitária.

Imagem para a questão 2.



2. De acordo com a leitura da propaganda, pode-se inferir que a publicidade no universo *on-line*
 - a) evita adequar-se à linguagem das diferentes tecnologias presentes no mercado, optando pelas vias tradicionais de comunicação.
 - b) promove ações de combate ao apelo estético desenfreado de grande parte das empresas de cosméticos.
 - c) abusa da criatividade para promover campanhas que desenvolvam o senso de preservação da natureza.
 - d) utiliza o termo **hashtag** (#) para facilitar a expansão da comunicação na rede social Facebook.
 - e) interage com o leitor, buscando desenvolver estratégias de comunicação que facilitem o contato com o leitor no Twitter.

Imagem para a questão 3.

11:450

Homenagem dos 10 anos da 11:21 aos 450 anos do Rio de Janeiro.

3. Essa propaganda é uma homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro. Nela, o autor
 - a) destaca a Central do Brasil, ícone temporal da cidade maravilhosa.
 - b) parabeniza a empresa pelos seus 21 anos de sucesso no mercado publicitário.

- c) associa o nome da empresa aos festejos de aniversário do Rio de Janeiro.
- d) abdica da arte gráfica para construir uma mensagem sucinta e prolixa.
- e) faz uma crítica ao tempo perdido pelos cariocas nos grandes congestionamentos.

4.



Analisando as posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação, é possível reconhecer, na tirinha anterior, que

- a) a postura fascista é a mais adotada na contemporaneidade pelos adultos brasileiros.
- b) por estar escrita em português, ela se refere exclusivamente ao nosso imaginário nacional.
- c) os problemas oftalmológicos atingem parte significativa da população pobre brasileira.
- d) a cegueira na contemporaneidade acontece tanto no plano físico quanto no ideológico.
- e) os médicos oftalmologistas estão usando cada vez mais a filosofia para tratar seus pacientes.

5. (ENEM)



Disponível em: <<http://www.clubedamafalda.blogspot.com.br>>. Acesso em: 21 set. 2011.

Nessa charge, o recurso morfosintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

- a) emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.
- b) uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.
- c) retomada do substantivo **mãe**, que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos.
- d) utilização da forma pronominal **la**, que reflete um tratamento formal do filho em relação à mãe.
- e) repetição da forma verbal **é**, que reforça a relação de adição existente entre as orações.

6.



A charge introduz uma reflexão sobre o uso das novas tecnologias, destacando

- a) a diversidade de produtos tecnológicos oferecidos pelas empresas da área de telecomunicações.
- b) a interferência do consumidor na resolução de problemas que afetam a comunicação via celular.
- c) um problema específico que atinge parte substancial dos usuários da rede de telecomunicação móvel.
- d) uma visão tecnicista sobre as formas distintas com as quais homens e mulheres lidam com problemas oriundos da comunicação.
- e) uma antiga forma de comunicação como um invento tecnológico mais importante que a criação do celular.

Atividades propostas

1. (ENEM)

Dia do Músico, do Professor, da Secretária, do Veterinário... Muitas são as datas comemoradas ao longo do ano, e elas, ao darem visibilidade a segmentos específicos da sociedade, oportunizam uma reflexão sobre a responsabilidade social desses segmentos. Nesse contexto,



está inserida a propaganda da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em que se combinam elementos verbais e não verbais para se abordar a estreita relação entre imprensa, cidadania, informação e opinião. Sobre essa relação, depreende-se do texto da ABI que,

- a) para a imprensa exercer seu papel social, ela deve transformar opinião em informação.
- b) para a imprensa democratizar a opinião, ela deve selecionar a informação.
- c) para o cidadão expressar sua opinião, ele deve democratizar a informação.
- d) para a imprensa gerar informação, ela deve fundamentar-se em opinião.
- e) para o cidadão formar sua opinião, ele deve ter acesso à informação.

2. (ENEM)

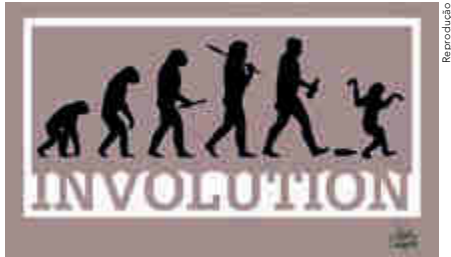


A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço anunciado, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico.

O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego:

- do termo **fácil** no início do anúncio, com foco no processo.
- de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão.
- das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência.
- da expressão intensificadora “menos do que” associada à qualidade.
- da locução “do mundo” associada a **melhor**, que quantifica a ação.

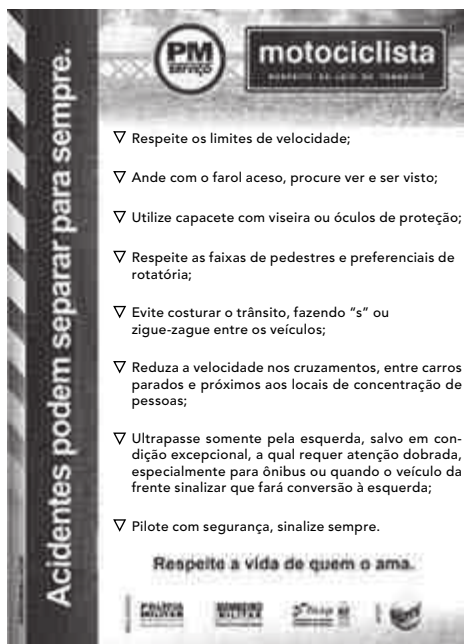
3. (ENEM)



A palavra inglesa *involution* traduz-se como **involução** ou **regressão**. A construção da imagem com base na combinação do verbal com o não verbal revela a intenção de

- denunciar o retrocesso da humanidade.
- criticar o consumo de bebida alcoólica pelos humanos.
- satirizar a caracterização dos humanos como primatas.
- elogiar a teoria da evolução humana pela seleção natural.
- fazer um trocadilho com as palavras **inovação** e **involução**.

4. (ENEM)



Esse texto trata de uma campanha sobre o trânsito e visa a orientação dos motociclistas quanto ao(à)

- intolerância com a morosidade do tráfego.
- desconhecimento da legislação.
- crecente número de motocicletas.
- manutenção preventiva do veículo.
- cuidado com a própria segurança.

5. (ENEM)

OS CINCO GRANDES MITOS DA ADOLESCÊNCIA

Mesmo desbancados, eles são reforçados pelos estereótipos que se multiplicam acerca dos adolescentes.

1 **ELES NÃO LIGAM PARA O QUE OS ADULTOS DIZEM**

Pelo contrário. Adolescentes não só ouvem como costumam dar grande importância ao que dizem os adultos. Muitas vezes eles disfarçam e fingem não prestar a atenção. Mas sempre ouvem e guardam o que é dito. Portanto, jamais deixe de conversar com seus filhos, principalmente os adolescentes, ainda que pareça que eles não se importem.

2 **ELES SÓ MUDAM DE COMPORTAMENTO QUANDO SÃO PUNIDOS**

Errado. Punir, principalmente de forma mais dura, diminui as chances de o adolescente aprender ou mudar de comportamento. O adolescente já entende raciocínios mais complexos de causa e consequência. Mostrar as consequências de um comportamento que ele tem é mais eficiente do que simplesmente punir.

3 **ELES ESTÃO AMADURECENDO MAIS RÁPIDO DO QUE NUNCA**

O grosso dos estudos nesse sentido aponta o inverso. A adolescência e os comportamentos típicos da adolescência nunca duraram tanto e foram tão lentos. O espaço para uma vida verdadeiramente independente nessa fase é cada vez menor. A dependência econômica e emocional dos pais é crescente, o que atrasa o amadurecimento.

4 **ELES NÃO TÊM “NOÇÃO” DOS PERIGOS QUE CORREM**

Pesquisas mostram que os adolescentes sabem muito bem os riscos que correm. A diferença é que, na adolescência, os jovens estão mais interessados nos benefícios que o risco pode trazer do que no risco em si. Assim, fica a impressão de que eles não sabem reconhecer o perigo.

5 **ELES NÃO SABEM TOMAR DECISÕES**

Estudos mostram que a dificuldade de decidir dos adolescentes é praticamente a mesma dos adultos. Como nessa fase há muito o que decidir, fica a sensação de que os adolescentes postergam a definição de assuntos importantes. Isso não é regra e não está diretamente associado ao fato de a pessoa ser adolescente.

Esse infográfico resume as conclusões de diversas pesquisas científicas sobre a adolescência. Tais conclusões

- desconstroem os estereótipos a respeito dos adolescentes.
- estabelecem novos limites de duração para essa fase da vida.
- reiteram a ideia da adolescência como um período conturbado.
- confirmam a proximidade entre os universos adolescente e adulto.
- apontam a insegurança como uma característica típica dos adolescentes.

6. (ENEM)



Caras, n. 34, ago. 2011.

BELEZA: *sf* (belo + eza)
 1 – Qualidade do que é belo. 2 – Harmonia de proporção, perfeição de formas. 3 – Fortaleza.

Tendo em vista seus elementos constitutivos e o meio de divulgação, esse texto identifica-se como

- verbete enciclopédico, pois contém a definição de um item lexical.
- cartaz, pois instrui sobre a localização de um ambiente que oferece atrações turísticas.
- cartão-postal, pois a imagem mostra ao destinatário o local onde se encontra o remetente.
- anúncio publicitário, pois busca persuadir o público-alvo a visitar um determinado local.
- fotografia, pois retrata uma paisagem urbana de grande impacto.

7. (ENEM)



Disponível em: <http://www.filosofia.com.br>. Acesso em: 30 abr. 2010.

Pelas características da linguagem visual e pelas escolhas vocabulares, pode-se entender que o texto possibilita a reflexão sobre uma problemática contemporânea ao

- a) criticar o transporte rodoviário brasileiro, em razão da grande quantidade de caminhões nas estradas.
- b) ironizar a dificuldade de locomoção no trânsito urbano, devida ao grande fluxo de veículos.
- c) expor a questão do movimento como um problema existente desde os tempos antigos, conforme frase citada.
- d) restringir os problemas de tráfego a veículos particulares, defendendo, como solução, o transporte público.
- e) propor a ampliação de vias nas estradas, detalhando o espaço exíguo ocupado pelos veículos nas ruas.

8. (ENEM) Na criação do texto, o chargista lotti usa criativamente um intertexto: os traços reconstróem uma cena de *Guernica*, painel de Pablo Picasso que retrata os horrores e a destruição provocados pelo bombardeio a uma pequena cidade da Espanha.



Zero Hora, 2 mar. 2006.

Na charge, publicada no período de carnaval, recebe destaque a figura do carro, elemento introduzido por lotti no intertexto. Além dessa figura, a linguagem verbal contribui para estabelecer um diálogo entre a obra de Picasso e a charge, ao explorar

- a) uma referência ao contexto, "trânsito no feriadão", esclarecendo-se o referente tanto do texto de lotti quanto da obra de Picasso.
- b) uma referência ao tempo presente, com o emprego da forma verbal **é**, evidenciando-se a atualidade do tema abordado tanto pelo pintor espanhol quanto pelo chargista brasileiro.
- c) um termo pejorativo, **trânsito**, reforçando-se a imagem negativa de mundo caótico presente tanto em *Guernica* quanto na charge.
- d) uma referência temporal, **sempre**, referindo-se à permanência de tragédias retratadas tanto em *Guernica* quanto na charge.
- e) uma expressão polissêmica, "quadro dramático", remetendo-se tanto à obra pictórica quanto ao contexto do trânsito brasileiro.

9. (ENEM)



André Dahmer

As redes sociais permitem que seus usuários facilmente compartilhem entre si ideias e opiniões. Na tirinha, há um tom de crítica àqueles que

- a) fazem uso inadequado das redes sociais para criticar o mundo.
- b) são usuários de redes sociais e têm seus desejos atendidos.
- c) se supõem críticos, porém não apresentam ação efetiva.
- d) são usuários das redes sociais e não criticam o mundo.
- e) se esforçam para promover mudanças no mundo.

10. (ENEM)



A charge retrata um comportamento recorrente nos dias atuais: a insatisfação das pessoas com o próprio peso. No entanto, do ponto de vista orgânico, o peso corporal se torna um problema à saúde quando

- a) estimula a adesão à dieta.
- b) aumenta conforme a idade.
- c) expressa a inatividade da pessoa.
- d) provoca modificações na aparência.
- e) acomete o funcionamento metabólico.

11. (ENEM)

Considerando que a internet influencia os modos de comunicação contemporânea, a charge faz uma crítica ao uso vicioso dessa tecnologia, pois



- a) gera diminuição no tempo de descanso, substituído pelo contato com outras pessoas.
- b) propicia a continuação das atividades de trabalho, ainda que em ambiente doméstico.
- c) promove o distanciamento nos relacionamentos, mesmo entre pessoas próximas fisicamente.
- d) tem impacto negativo no tempo disponível para o lazer do casal.
- e) implica a adoção de atitudes agressivas entre os membros de uma mesma família.

12. (ENEM)



KUCZYNSKIEGO, Pawla. Ilustração, 2008.

Disponível em: <http://www.capu.pl>. Acesso em: 3 ago. 2012.

O artista gráfico polonês Pawla Kuczynskiego nasceu em 1976 e recebeu diversos prêmios por suas ilustrações. Nessa obra, ao abordar o trabalho infantil, Kuczynskiego usa sua arte para

- a) difundir a origem de marcantes diferenças sociais.
- b) estabelecer uma postura proativa da sociedade.
- c) provocar a reflexão sobre essa realidade.
- d) propor alternativas para solucionar esse problema.
- e) retratar como a questão é enfrentada em vários países do mundo.

Neste livro:

Módulo 1: Texto e interpretação textual.....	113
Módulo 2: O que é contexto; O poder da leitura.....	120
Módulo 3: O papel da inferência; Implícito e explícito.....	129

Estudo do texto

Módulo

1

Texto e interpretação textual

C

5

H

16

O que é texto?

Leia o texto a seguir.

Instruções para chorar

O título escolhido remete a um manual de instruções. O inusitado dessa escolha é que, teoricamente, não seriam necessárias instruções para realizar uma ação tão elementar como chorar.

Observe que verbos são utilizados no presente do indicativo para cumprir a função de descrição do choro.

Note que o narrador usa verbos no imperativo, conforme a estrutura de um manual de instruções.

Perceba como o narrador utiliza verbos no futuro porque essas instruções servem apenas para quando o choro chegar, o que ainda não aconteceu.

Deixando de lado os motivos, atenhamo-nos à maneira correta de chorar, entendendo por isto um choro que não penetre no escândalo, que não insulte o sorriso com sua semelhança desajeitada e paralela. O choro médio ou comum **consiste** numa contração geral do rosto e um som espasmódico acompanhado de lágrimas e muco, este no fim, pois o choro **acaba** no momento em que a gente se assoa energicamente.

Para chorar, **dirija** a imaginação a você mesmo, e se isto lhe for impossível por ter adquirido o hábito de acreditar no mundo exterior, **pense** num pato coberto de formigas e nesses golfos do estreito de Magalhães nos quais não entra ninguém, nunca.

Quando o choro chegar, você **cobrirá** o rosto com delicadeza, usando ambas as mãos com a palma para dentro. As crianças **chorarão** esfregando a manga do casaco na cara, e de preferência num canto do quarto. Duração média do choro, três minutos.

1º parágrafo – No início do texto, o narrador explana a importância da maneira correta de chorar, partindo para a descrição geral do choro médio ou comum. Trata-se da fase imediatamente anterior às instruções.

2º parágrafo – Nesta parte do texto, concentram-se as instruções para chorar.

3º parágrafo – Aqui estão as indicações do que deve ser feito quando as lágrimas chegarem.

Julio Cortázar

Cada texto é composto por partes que se integram e se complementam. Essas partes podem corresponder tanto à estrutura global do texto, como o título e os parágrafos, quanto à estrutura interna do texto, como as relações entre os elementos que constituem as orações e os períodos. O sucesso da organização entre essas partes é fundamental para que o texto tenha seu sentido preservado e torne-se compreensível.

Um texto funciona como uma espécie de malha, que ganha forma a partir do entrelaçar das linhas que a compõem. Assim como esse tecido não se constitui de linhas soltas sem qualquer relação entre si, um texto também não pode ser composto por frases e ideias aleatórias postas lado a lado. É necessário que haja harmonia entre as partes, dando origem a um todo, que seria o resultado final desse processo de organização.

Pode-se entender que o texto é a combinação perfeita entre a estrutura sintática e o aspecto semântico, isto é, o sentido. Tendo em vista que a intenção final de todo texto é comunicar, expressar uma ideia ou contar uma história, é fundamental que as ideias estejam preservadas, em uma unidade linguística coesa e coerente.

Veja o conceito de texto apresentado a seguir.

Texto: unidade de linguagem escrita ou oral considerada do ponto de vista da sua estrutura e/ou das suas funções e das regras seguidas na sua organização. Um texto é uma unidade semântica (e não uma mera sucessão de frases) e é delimitado pela intenção comunicativa do falante.

Dicionário de termos linguísticos.

O leitor deve sempre considerar todas as partes do texto para poder alcançar as ideias que ele defende ou apresenta. No caso de “Instruções para chorar”, de Julio Cortázar, o título e os parágrafos são pistas do diálogo travado com a estrutura de um manual de instruções. Cabe ao leitor fazer essa associação e aplicar essa conexão à compreensão do próprio texto.

Dessa forma, ao considerar o papel do título e dos parágrafos, o leitor deve se perguntar:

- Por que o autor oferece instruções para uma atividade que é inerente ao ser humano, como chorar?
- Por que explorar tão minuciosamente algo tão banal?

O título sugere que existe um desconhecimento sobre a forma correta de chorar. Para tanto, existem algumas instruções capazes de conferir ou de restituir a habilidade de chorar. Uma leitura possível é a de que talvez as pessoas tenham desaprendido a se emocionar, perdendo uma característica importante da humanidade: a capacidade de se comover.

Ao longo dos parágrafos, o processo do choro é rigorosamente detalhado. Apesar de banal, o ato de chorar é de suma importância. A descrição minuciosa obriga o leitor a dirigir um olhar de estranhamento a algo que, a princípio, seria tão familiar. O resultado é um processo de desautomatização dessa experiência, que o aproxima do objetivo de resgate de uma sensibilidade perdida.

Perceba como a leitura dos elementos globais do texto é fundamental para a interpretação. Questões como essas guiam a leitura e, ao final delas, é possível atingir o cerne do texto.

Um texto, no entanto, pode prescindir dessa estrutura. É o caso dos microcontos que, embora tenham ganhado um número maior de adeptos nas últimas décadas, não são manifestações exatamente novas. Alguns exemplos são:

- “Quando acordou o dinossauro ainda estava lá.” (Augusto Monterroso).
- “A velha insônia tossiu três da manhã.” (Dalton Trevisan).
- “Uma gaiola saiu à procura de um pássaro.” (Franz Kafka).

Embora haja uma estrutura mais tradicional de um texto, é próprio de sua natureza uma adaptabilidade que corresponde aos diferentes usos que fazem dele. Assim, um texto jornalístico, por exemplo, terá uma função e uma organização distintas em relação às de um texto literário.

Além dos textos verbais, é preciso, também, considerar os não verbais. Um exemplo desse tipo de texto são as artes plásticas, que compreendem a fotografia, a escultura, a pintura e a arquitetura. Trata-se de uma manifestação da linguagem humana que possui origens ancestrais, encontrando sua raiz nas pinturas rupestres. À medida que a civilização evoluiu técnicas e recursos, novas possibilidades de criação surgiram.

No caso da arquitetura, observe, a seguir, uma das edificações mais famosas do país, o prédio do Congresso Nacional. Projetado por Oscar Niemeyer, as cúpulas que ladeiam as duas torres centrais têm forte simbologia. Pode-se, portanto, oferecer uma leitura dessa obra.

A cúpula que possui a base para cima representa a Câmara dos Deputados, considerados os representantes do povo. Ela está aberta para ouvir a voz da sociedade, sendo um espaço para receber diferentes ideias e segmentos sociais. Já a cúpula que está com sua base para baixo representa o Senado Federal. Ela está nessa posição indicando concentração, reflexão e debate interno.



Congresso Nacional em Brasília.

Agora, observe esta escultura do artista plástico Leonilson. Um coração com labaredas, comprimido, no alto, entre dois círculos que se cruzam. Levando-se em conta que o coração é, culturalmente, o grande símbolo dos sentimentos, sobretudo o amoroso, podem-se identificar as chamas como a potência máxima desse sentir.



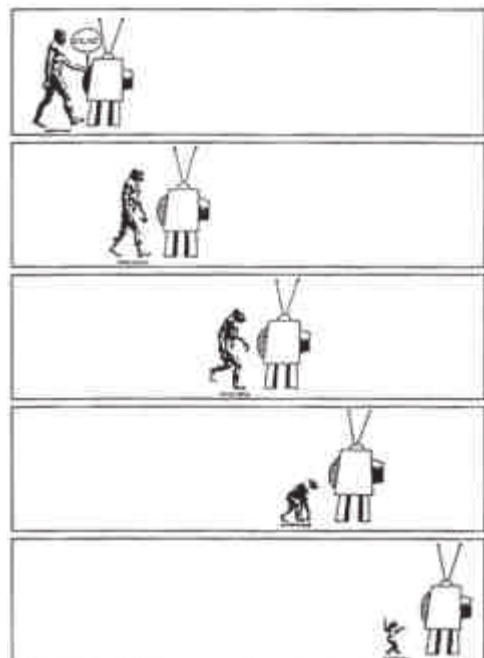
LEONILSON, José. *Sagrado coração*. 1991. Bronze fundido; 8,5 x 4,5 cm.

A esse sentimento, ao qual se pode dar o nome de paixão, soma-se a repressão dos anéis que parecem sufocar o coração. A partir da leitura da obra, pode-se inferir que se trata de uma paixão não correspondida, ou, por alguma outra razão, fortemente reprimida.

As obras analisadas anteriormente foram apenas alguns exemplos de textos não verbais e das possíveis formas de ler as imagens. Ao longo deste estudo, serão analisadas diferentes manifestações de linguagem, as quais adotam textos que podem ser verbais, não verbais ou, ainda, um misto entre eles, como o cinema e as histórias em quadrinhos.

O que é interpretação textual?

Leia o cartum a seguir.



O poder de influência da mídia televisiva sobre o comportamento humano é um fenômeno incontestável, de proporções globais. No cartum de Caulos, esse aspecto, presente em muitas sociedades e culturas, é avaliado sob um ponto de vista crítico. Essa compreensão é sugerida, por exemplo, pelo processo de involução – movimento regressivo – sofrido pela personagem em contraste com a fixidez do televisor, que não sofre alteração alguma. Outra possível leitura decorre da possibilidade de a personagem ser vista como um representante, um humano em sentido universal, não específico, com uma postura passiva em relação ao veículo midiático, capaz de fazer o comportamento humano modelar-se aos padrões impostos pela mídia, por exemplo.

Ao interpretar um texto, o leitor sempre deve levar em consideração os indícios nele presentes, a fim de alcançar o sentido que está nas entrelinhas, isto é, um conteúdo que não está evidente, mas que está presente no texto. A identificação desses sinais é somada ao conhecimento de mundo do leitor, ampliando o que foi lido. Dessa forma, diz-se que o sentido de um texto é construído na interação que o leitor trava com o material textual.

Ler é muito mais do que decodificar as palavras de um texto. É necessário assumir uma postura ativa na leitura, porque se trata de uma atividade de produção de sentidos. Cabe, portanto, ao leitor dar sentido e significado ao que lê. Para isso, é preciso processar, criticar, avaliar o que está sendo lido. Todas essas etapas fazem parte do processo de **interpretação textual**, da formação de um leitor que reflete e posiciona-se criticamente diante das questões que o texto suscita.

Um leitor crítico é aquele que assume essa postura ativa diante do texto. A leitura realizada dessa forma contribui para a liberdade e confere responsabilidade ao leitor. É uma experiência de independência, autonomia.

Como herança do Iluminismo, momento histórico marcado pela valorização da razão em detrimento da intolerância, concebeu-se que a leitura seria capaz de jogar luzes na escuridão do mundo. Um texto, seja ele uma fotografia, um conto ou uma notícia, está repleto de significados que apenas um leitor competente conseguirá alcançar. Na interpretação de textos, lê-se também o mundo e ilumina-se a escuridão da ignorância.

Interpretar é preciso

Diante de textos tão variados, é fundamental reconhecer suas diferenças, tanto na estrutura como na função social por eles cumprida. Por exemplo, uma notícia, um bilhete, uma carta são alguns exemplos de textos que fazem parte do cotidiano. A interpretação desses textos ocorre naturalmente porque já se conhece sua organização interna, assim como sua utilidade na sociedade.

A notícia existe para permitir uma comunicação rápida e clara entre as pessoas. Imagine, por exemplo, que a leitura de um jornal, pela manhã, fosse um trabalho de extrema complexidade, que exigisse do leitor a captação de elementos implícitos e vocabulário arcaico. Com certeza, não sairia da primeira página antes do meio-dia, e o jornal não cumpriria sua função de informar. No entanto, se o leitor se deparar com uma notícia sobre um acontecimento com o qual não tem intimidade, ele pode ter algumas dificuldades no momento de interpretá-lo, porque simplesmente desconhece o assunto tratado. Por isso, o conhecimento de mundo é fundamental.

Existem, no entanto, outros textos que exigem um esforço de interpretação maior dos leitores. Alguns deles são: poema, conto, romance e letra de música. A explicação para isso encontra-se na natureza desses textos. Eles não têm o intuito de cumprir uma função específica na sociedade, são textos artísticos e, por isso, possuem uma linguagem que lhes confere maior expressividade, beleza, além de possuírem conteúdos e estruturas muito variados. Então, ao se deparar com esses textos, será exigido do leitor que os interprete, a fim de alcançar os significados que ali estão, mas não se evidenciam de imediato. Para tanto, o leitor realiza associações com outros textos, explorando seu próprio conhecimento de mundo para compreender o que está sendo lido.

Veja a seguir o conto “Enfim, um indivíduo de ideias abertas”, de Marina Colasanti.

Enfim, um indivíduo de ideias abertas

A coceira no ouvido atormentava. Pegou o molho de chaves, enfiou a mais fininha na cavidade. Coçou de leve o pavilhão, depois afundou no orifício encerado. E rodou, virou a pontinha da chave em beatitude, à procura daquele ponto exato em que cessaria a coceira.

Até que, traque, ouviu o leve estalo e, a chave enfim no seu encaixe, percebeu que a cabeça lentamente se abria.

- Para interpretar um texto como esse, é preciso considerar sua natureza artística. A literatura revela sempre uma verdade que está escondida; para isso, brinca com a língua para ultrapassar a própria língua e, assim, atingir essa verdade tão singular.
- O texto de Marina Colasanti brinca com a língua quando diz que uma chave foi capaz de abrir uma cabeça. A expressão “cabeça aberta” é extremamente usual e é utilizada para se referir a uma visão de mundo ampla, livre de preconceitos, repleta de conhecimento.
- Para acessar esse conhecimento, que só é possível quando a cabeça se abre, utiliza-se no conto uma chave, isto é, o instrumento capaz de libertar o indivíduo desse aprisionamento. Pode-se interpretar que a chave para o conhecimento é a leitura.
- Assim sendo, que significados podem ser atribuídos à coceira que inicia o texto? Considerando que a coceira é o estímulo para se buscar o instrumento (isto é, a chave) que, por sua vez, dá acesso ao conhecimento (a cabeça que se abre), pode-se interpretar que a coceira é a curiosidade, o desejo de saber algo.
- A partir dessas observações, releia o título do conto e considere o que o advérbio “Enfim” acrescenta à leitura realizada.

Interpretar é produzir sentido

Existe um tipo de interpretação absolutamente única. Trata-se de uma interpretação artística a partir de uma obra de arte. Em um teatro, por exemplo, um ator, ao encenar um texto, está interpretando as linhas escritas pelo dramaturgo. Dessa forma, o ator dá vida a uma personagem, a partir da leitura realizada de um texto. Já na música, um instrumentista interpreta uma partitura, transformando as notas em material sonoro, capaz de envolver e de emocionar.

Perceba que o objetivo desses artistas não é apontar o que o dramaturgo ou o compositor queriam dizer com seus trabalhos. O ator e o instrumentista, na verdade, se apossam do material, assumem uma postura ativa diante do texto e divulgam o sentido que produziram a partir da leitura realizada.

Assim como um texto escrito se transforma em um espetáculo e uma partitura em uma música, que outras interpretações desse tipo você conhece?



Atividades para sala

- (ENEM) Primeiro surgiu o homem nu de cabeça baixa. Deus veio num raio. Então apareceram os bichos que comiam os homens. E se fez o fogo, as especiarias, a roupa, a espada e o dever. Em seguida se criou a Filosofia, que explicava como não fazer o que não devia ser feito. Então surgiram os números racionais e a História, organizando os eventos sem sentido. A fome desde sempre, das coisas e das pessoas. Foram inventados o calmante e o estimulante. E alguém apagou a luz. E cada um se vira como pode, arrancando as cascas das feridas que alcança.

BONASSI, Fernando. 15 cenas do descobrimento de Brasís. In: MORICONI, Italo. (Org.). *Os cem melhores contos do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

A narrativa enxuta e dinâmica de Fernando Bonassi configura um painel evolutivo da história da humanidade. Nele, a projeção do olhar contemporâneo manifesta uma percepção que

- recorre à tradição bíblica como fonte de inspiração para a humanidade.
 - desconstrói o discurso da Filosofia a fim de questionar o conceito de dever.
 - resgata a metodologia da História para denunciar as atitudes irracionais.
 - transita entre o humor e a ironia para celebrar o caos da vida cotidiana.
 - satiriza a Matemática e a Medicina para desmistificar o saber científico.
- [...] Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias.

Antonio Candido

Assinale a alternativa correta.

- O autor afirma ser o Brasil um país culto, que despreza a crônica pela sua simplicidade.
- Segundo o texto, os leitores convivem com naturalidade com o vocabulário opulento e a sintaxe rebuscada dos autores clássicos.
- De acordo com o texto, a crônica ajudou o leitor brasileiro a deixar de considerar superior uma obra literária apenas pela erudição do vocabulário e a complexidade gramatical.
- Depreende-se do texto que a crônica é um gênero literário "menor", devido à sua simplicidade.
- Com base no texto, conclui-se que a crônica é um mal para a literatura: sendo simples, afasta o leitor das obras sérias.

- (ENEM)

Aquele bêbado

— Juro nunca mais beber — e fez o sinal da cruz com os indicadores. Acrescentou: — Álcool.

O mais, ele achou que podia beber. Bebia paisagens, músicas de Tom Jobim, versos de Mário Quintana. Tomou um piquele de Segall. Nos fins de semana embebedava-se de Índia Reclinada, de Celso Antônio.

— Curou-se 100% de vício — comentavam os amigos.

Só ele sabia que andava bêbado que nem um gambá. Morreu de etilismo abstrato, no meio de uma carraspana de pôr do sol no Leblon, e seu féretro ostentava inúmeras coroas de ex-alcoólatras anônimos.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

A *causa mortis* da personagem, expressa no último parágrafo, adquire um efeito irônico no texto porque, ao longo da narrativa, ocorre uma

- metaforização do sentido literal do verbo **beber**.
 - aproximação exagerada da estética abstracionista.
 - apresentação gradativa da coloquialidade da linguagem.
 - exploração hiperbólica da expressão "inúmeras coroas".
 - citação aleatória de nomes de diferentes artistas.
- A publicidade tem como objetivo seduzir o consumidor a fim de convencê-lo a adquirir o produto anunciado. Para tanto, a linguagem publicitária utiliza-se de argumentos. Levando-se em consideração o que foi dito, observe o anúncio publicitário a seguir e assinale a alternativa que condiz com o seu objetivo.

- O anúncio aborda como viés principal a necessidade do homem em ter um carro apenas seu.
- A ideia é mostrar que o carro comporta toda a família e satisfaz as suas necessidades.
- O objetivo do anúncio é convencer o consumidor das qualidades técnicas do carro, suportando as diversas viagens que tanto o homem quanto a mulher precisam realizar.
- O anúncio focaliza a mulher e suas variadas atividades, afirmando que, na verdade, ela deveria possuir o carro em vez do marido.
- O anúncio tem por objetivo convencer de que é necessária a aquisição de mais um carro na família, agora para a mulher.

5. Ainda considerando o material publicitário da questão anterior, é possível afirmar que
- a mulher possuía a função de dona de casa, por isso dependia economicamente do marido. Desse modo, a campanha não se dirigia a ela, mas a ele.
 - a mulher já representava um público consumidor importante e economicamente ativo.
 - o anúncio revela-se extremamente moderno por desde já apresentar a mulher como uma consumidora de decisão.
 - ao apresentar o homem ao lado do carro e a mulher junto com os filhos, o anúncio na verdade realiza uma crítica ao consumismo masculino.
 - homens e mulheres têm chances iguais de adquirir o carro anunciado.
6. O *haikai* é uma forma poética de origem japonesa que valoriza a concisão e propõe reflexões sobre a vida. A seguir, há cinco *haikais* de autoria de Millôr Fernandes e uma interpretação de cada poema. Identifique qual alternativa apresenta a leitura mais adequada ao poema relacionado.
- "E eu aqui/ Relendo o livro/ Que nunca li" – O eu lírico denuncia não ter o hábito da leitura.
 - "Ao anoitecer/ Um tiro evita/ O envelhecer" – A noite rejuvenesce as pessoas.
 - "Viço?/ Eu já passei/ Por isso" – O eu lírico não tem mais nenhum interesse na beleza das mulheres.
 - "A vida é um saque/ Que se faz no espaço/ Entre o tic e o tac" – A vida é encarada na sua fugacidade. Ela se passa nos instantes.
 - "Lembro mal/ Tempo em que a/ Aldeia era local" – A dificuldade de lidar com a memória e o passado.



Atividades propostas

1. (ENEM)

Texto 1



FREUD, Lucian. Francis Wyndham.
Óleo sobre tela, 64 cm x 52 cm.
Coleção pessoal, 1993.

Texto 2

Lucian Freud é, como ele próprio gosta de lembrar às pessoas, um biólogo. Mais propriamente, tem querido registrar verdades muito específicas sobre como é tomar posse deste determinado corpo nesta situação particular, neste específico espaço de tempo.

SMEE, S. *Freud*. Colônia: Taschen, 2010.

Considerando a intencionalidade do artista, mencionada no texto 2, e a ruptura da arte no século XX com o parâmetro acadêmico, a obra apresentada trata do(a)

- exaltação da figura masculina.
 - descrição precisa e idealizada da forma.
 - arranjo simétrico e proporcional dos elementos.
 - representação do padrão do belo contemporâneo.
 - fidelidade à forma realista isenta do ideal de perfeição.
2. (ENEM) Leia o texto a seguir.

O senhor

Carta a uma jovem que, estando em uma roda em que dava aos presentes o tratamento de você, se dirigiu ao autor chamando-o "o senhor":

Senhora:

Aquele a quem chamastes senhor aqui está, de peito magoado e cara triste, para vos dizer que senhor ele não é, de nada, nem de ninguém.

Bem o sabeis, por certo, que a única nobreza do plebeu está em não querer esconder sua condição, e esta nobreza tenho eu. Assim, se entre tantos senhores ricos e nobres a quem chamáveis você escolheste a mim para tratar de senhor, e bem de ver que só poderíeis ter encontrado essa senhoria nas rugas de minha testa e na prata de meus cabelos. Senhor de muitos anos, eis aí; o território onde eu mando é no país do tempo que foi. Essa palavra "senhor", no meio de uma frase, ergueu entre nós um muro frio e triste.

Vi o muro e calei: não é de muito, eu juro, que me acontece essa tristeza; mas também não era a vez primeira.

BRAGA, Rubem. *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

A escolha do tratamento que se queira atribuir a alguém geralmente considera as situações específicas de uso social. A violação desse princípio causou um mal-estar no autor da carta. O trecho que descreve essa violação é

- "Essa palavra, 'senhor', no meio de uma frase, ergueu entre nós um muro frio e triste."
- "a única nobreza do plebeu está em não querer esconder sua condição [...]".
- "só poderíeis ter encontrado essa senhoria nas rugas de minha testa [...]".
- "o território onde eu mando é no país do tempo que foi."
- "não é de muito, eu juro, que acontece essa tristeza; mas também não era a vez primeira."

Texto para a questão 3.

Cântico VI

Tu tens um medo de

Acabar.

Não vês que acabas todo o dia.

Que morres no amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que te renovas todo dia.

No amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que és sempre outro.

Que és sempre o mesmo.

Que morrerás por idades imensas

Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno.

MEIRELES, Cecília. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1963 (fragmento).

3. (ENEM) A poesia de Cecília Meireles revela concepções sobre o homem em seu aspecto existencial. Em “Cântico VI”, o eu lírico exorta seu interlocutor a perceber, como inerente à condição humana,
- a sublimação espiritual graças ao poder de se emocionar.
 - o desalento irremediável em face do cotidiano repetitivo.
 - o questionamento cético sobre o rumo das atitudes humanas.
 - a vontade inconsciente de perpetuar-se em estado adolescente.
 - um receio ancestral de confrontar a imprevisibilidade das coisas.

4. (ENEM)

O sedutor médio

Vamos juntar
Nossas rendas e
expectativas de vida
querida,
o que me dizes?
Ter 2, 3 filhos
e ser meio felizes?

VERISSIMO, Luis Fernando. *Poesia numa hora dessas?! Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.*

No poema “O sedutor médio”, é possível reconhecer a presença de posições críticas

- nos três primeiros versos, em que “juntar expectativas de vida” significa que, juntos, os cônjuges poderiam viver mais, o que faz do casamento uma convenção benéfica.
- na mensagem veiculada pelo poema, em que os valores da sociedade são ironizados, o que é acentuado pelo uso do adjetivo **médio** no título e do advérbio **meio** no verso final.
- no verso “e ser meio felizes?”, em que **meio** é sinônimo de metade, ou seja, no casamento, apenas um dos cônjuges se sentiria realizado.
- nos dois primeiros versos, em que “juntar rendas” indica que o sujeito poético passa por dificuldades financeiras e almeja os rendimentos da mulher.
- no título, em que o adjetivo **médio** qualifica o sujeito poético como desinteressante ao sexo oposto e inábil em termos de conquistas amorosas.

Texto para a questão 5.

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. In: _____. *Reunião – 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1969.

5. O texto suscitou, desde sua publicação em 1930, muita polêmica na literatura brasileira, provocando adesões e repulsas entusiásticas. É, contudo, um texto com posição marcada na produção de Carlos Drummond de Andrade. Da leitura dele, pode-se entender que
- não chega a ser propriamente um poema, porque um simples jogo verbal e lúdico não faz despertar vibrações intelectuais de poesia.

- é um texto de forma aparentemente simples, mas o esquema de repetição, aí, quase absoluta, o descarta do universo poético.
- faz uso irreverente de modismos da linguagem coloquial, marca-se pela repetição, e revela, como poema, consciência da realidade linguística brasileira.
- o uso do verbo **ter** por **haver** constitui um erro gramatical e impede o texto de realizar-se como poema.
- a estrutura prosaica da composição e a ausência de recursos imagéticos prejudicam a organização poética do texto.

6. (ENEM)

Das irmãs

os meus irmãos sujando-se
na lama
e eis-me aqui cercada
de alvura e enxovais

eles se provocando e provando
do fogo
e eu aqui fechada
provendo a comida

eles se lambuzando e arrotando
na mesa
e eu a temperada
servindo, contida

os meus irmãos jogando-se
na cama
e eis-me afiançada
por dote e marido

QUEIROZ, Sonia. *O sacro ofício*. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

O poema de Sonia Queiroz apresenta uma voz lírica feminina que contrapõe o estilo de vida do homem ao modelo reservado à mulher. Nessa contraposição, ela conclui que

- a mulher deve conservar uma assepsia que a distingue de homens, que podem se jogar na lama.
- a palavra **fogo** é uma metáfora que remete ao ato de cozinhar, tarefa destinada às mulheres.
- a luta pela igualdade entre os gêneros depende da ascensão financeira e social das mulheres.
- a cama, como sua “alvura e enxovais”, é um símbolo da fragilidade feminina no espaço doméstico.
- os papéis sociais destinados aos gêneros produzem efeitos e graus de autorrealização desiguais.

Texto para a questão 7.

À garrafa

Contigo adquiro a astúcia
de conter e de conter-me.
Teu estreito gargalo
é uma lição de angústia.

Por translúcida pões
o dentro fora e o fora dentro
para que a forma se cumpra
e o espaço ressoe.

Até que, farta da constante
prisão da forma, saltes
da mão para o chão
e te estilhaces, suicida,
numa explosão
de diamantes.

PAES, José Paulo. *Prosas seguidas de odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

7. (ENEM) A reflexão acerca do fazer poético é um dos mais marcantes atributos da produção literária contemporânea, que, no poema de José Paulo Paes, se expressa por um(a)
- reconhecimento, pelo eu lírico, de suas limitações no processo criativo, manifesto na expressão “Por translúcidas pões [...]”.
 - subserviência aos princípios do rigor formal e dos cuidados com a precisão metafórica, como se vê em “prisão da forma”.
 - visão progressivamente pessimista, em face da impossibilidade da criação poética, conforme expressa o verso “e te estilhaces, suicida, [...]”.
 - processo de contenção, amadurecimento e transformação da palavra, representado pelos versos “numa explosão/ de diamantes.”.
 - necessidade premente de libertação da prisão representada pela poesia, simbolicamente comparada à “garrafa” a ser “estilhaçada”.
8. [...] Escrever mal é difícil, declarou um dos maiores escritores contemporâneos. Durante debate para divulgar seu romance *O homem que amava os cachorros*, o cubano Leonardo Padura caçou de autores de best-sellers: “Escrever livros como os de Paulo Coelho e Dan Brown não é fácil, não há muitos Dan Browns que possam escrever um romance tão horrível como *O código Da Vinci*, que venda milhões de exemplares. Há que se saber fazer má literatura para poder escrever um livro desses”.

O comentário irônico do escritor acerca da qualidade literária justifica-se pela

- condição de autonomia estética atribuída aos escritores citados na relação com o mercado literário.
- meticulosidade técnica necessária para escrever livros prioritariamente condicionados pelo mercado.
- inexistência de critérios objetivos que permitam diferenciar qualitativamente as obras literárias.
- primazia da autonomia estética sobre o caráter de mercadoria intrínseco à indústria cultural.
- qualidade culturalmente elitista atribuída aos escritores de livros considerados *best-sellers*.

Texto para as questões de 9 a 11.

O Azulão e os tico-ticos

Do começo ao fim do dia,
um belo Azulão cantava,
e o pomar que atento ouvia
os seus trilos de harmonia,
cada vez mais se enflorava.

Se um tico-tico e outras aves
vaiavam sua canção...
mais doce ainda se ouvia
a flauta desse Azulão.

Um papagaio, surpreso
de ver o grande desprezo,
do Azulão, que os desprezava,
um dia em que ele cantava
e um bando de tico-ticos

numa algazarra o vaiava,
lhe perguntou: “Azulão,
olha, dize-me a razão
por que, quando estás cantando
e recebes uma vaia
desses garotos joviais,
tu continuas gorjeando

e cada vez canta mais?!”
Numas volatas sonoras,
o Azulão lhe respondeu:
“Caro Amigo! Eu prezo muito
esta garganta sublime
e esta voz maravilhosa...

este dom que Deus me deu!
Quando, há pouco, eu descantava,
pensando não ser ouvido
nestes matos por ninguém,
um Sabiá*, que me escutava,
num capoeirão, escondido,
gritou de lá: — meu colega,

bravos! Bravos... muito bem!
Pergunto agora a você:
quem foi um dia aplaudido
pelo príncipe dos cantos
de celestes harmonias,
(irmão de Gonçalves Dias,
um dos cantores mais ricos...)
— que caso pode fazer
das vaias dos tico-ticos?”

Catulo da Paixão Cearense

* Simbolicamente, Rui Barbosa está representado neste Sabiá, pois foi a “Águia de Haia” um dos maiores admiradores de Catulo e prefaciador do seu livro *Poemas bravios*.

9. Ante as vaias dos tico-ticos e outras aves, o Azulão torna ainda mais perfeita sua canção. Com isso, revela uma atitude de
- autoconfiança.
 - rancor.
 - ingenuidade
 - ignorância.
 - revolta.
10. Tomando por base a leitura do poema, verifica-se que o pomar, mencionado na primeira estrofe, é apresentado como
- um ser inteiramente insensível ao canto dos pássaros.
 - morada dos tico-ticos invadida pelo Azulão.
 - mero cenário dos acontecimentos.
 - um ser capaz de ouvir e apreciar o canto do Azulão.
 - recanto de uma floresta selvagem.
11. Considerando a nota do editor, que identifica o Sabiá como Rui Barbosa, grande admirador da poesia de Catulo, os tico-ticos representam, no poema,
- os outros poetas.
 - os adversários de Rui Barbosa.
 - os músicos e cantores.
 - os admiradores de Gonçalves Dias.
 - os críticos do poeta.

Texto para a questão 12.

Poema encontrado por Thiago de Mello no Itinerário de Pasárgada

Vênus luzia sobre nós tão grande,
Tão intensa, tão bela, que chegava
A parecer escandalosa, e dava
Vontade de morrer.

Manuel Bandeira

12. Nesse breve poema de Bandeira, manifesta-se um aspecto que alguns de seus principais estudiosos consideram central e decisivo na obra do poeta, a saber:
- a aversão tipicamente modernista ao belo natural.
 - a rejeição do que é grande e, também, do que é sublime.
 - o sestro romântico de transfigurar a paisagem.
 - a conjugação da maior expansão vital e do sentimento de morte.
 - o erotismo de caráter amoral, que contamina todo o cosmo.

Estudo do texto

Módulo

2

O que é contexto; O poder da leitura

C 5

H 15, 16

O que é contexto?

Leia o texto publicitário a seguir.



O TSUNAMI MATOU 100 VEZES MAIS PESSOAS DO QUE O 11 DE SETEMBRO DE 2001.

O planeta é extremamente poderoso. Respeite-o. Preserve-o.

Além dos elementos que são apresentados no próprio texto, seja qual for o gênero, há outros relacionados à apreensão, à compreensão e à interpretação textuais. Desse modo, deve-se levar em conta que um texto não é uma produção linguística separada da realidade histórica, cultural, social e política com as quais está vinculado, seja na produção, seja na recepção dele. Implica dizer que ao leitor cabe não apenas ter conhecimento sobre aspectos gramaticais de sua língua. Na leitura e na interpretação de um texto, é preciso considerar, entre outros elementos auxiliares, a situação a que ele se refere, as circunstâncias que influenciaram sua produção e até mesmo o conhecimento de mundo que cada leitor possui, por exemplo.

Por um lado, a peça publicitária anterior pode ser de fácil compreensão, para alguns leitores, pois alude ao atentado terrorista que foi difundido exaustivamente pelos meios de comunicação – incluindo a internet, os jornais, as revistas, o rádio e a televisão –, ficando, inclusive, conhecido como o 11 de Setembro, e ao desastre provocado pelos tsunamis – ondas gigantes – na Ásia, no texto verbal escrito. Em outras palavras, não haveria dificuldade em se identificar o contexto. Por outro lado, é possível que, para outros leitores, esse entendimento não seja tão evidente, se for considerado, por exemplo, que

o texto verbal escrito está redigido em outra língua; ou que os edifícios mais altos, reproduzidos na imagem, fazem referência às Torres Gêmeas, destruídas por ocasião do atentado, em que aviões sequestrados colidiram contra as duas edificações, levando à morte milhares de pessoas; não sabendo dessa última referência, por exemplo, o leitor poderia encontrar dificuldade de entender o contexto.

Todo texto apresenta um contexto. O significado dessa expressão remete à rede de relações que envolvem a produção e a recepção de determinado texto. A palavra **texto** tem a mesma origem de **tecido**, autorizando depreender que os vocábulos, as frases e os parágrafos de um texto devem estar entrelaçados harmonicamente, compondo um todo significativo. Sendo assim, pode-se considerar que já nesse nível puramente linguístico existe um contexto, que considera a relação entre as partes que formam esse todo. Trata-se do contexto interno do texto.

A leitura de um termo ou expressão isolados, em uma frase, pode induzir ao erro, uma vez que dependem do contexto em que se inscrevem. Assim, diante de uma pergunta como “Qual o sentido desta palavra no contexto?”, deve-se considerar a situação textual da palavra em questão.

Veja o exemplo a seguir.

HOJE A CULTURA FAZ 50 ANOS. ISSO VAI DAR BOLO PRA VOCÊ.



Releia o seguinte trecho do anúncio:

“Hoje a Cultura Inglesa vai dar bolo pra você.
Compareça. Não dê bolo na cultura.”

Na primeira frase, a palavra **bolo** é usada em seu sentido denotativo. O bolo é o símbolo de celebração do aniversário a que a propaganda se refere. Já na segunda frase, o vocábulo **bolo** é utilizado em seu sentido conotativo. Percebe-se que o anúncio, ao explorar o duplo significado da palavra **bolo**, emprega tal recurso expressivo para dar um tom de humor ao anúncio publicitário.

Além disso, um texto também possui relação com o meio circundante. Chamam-se de **elementos extralinguísticos** os fatores externos ao texto, mas que influenciam diretamente na sua compreensão. Alguns desses elementos são: biografia do autor, sua cultura, situação política em que está inserido etc. Independentemente de sua natureza, o texto sempre estará vinculado em maior ou menor grau a esses fatores sociais. O leitor deve, portanto, considerá-los no ato da interpretação.

A seguir, foi selecionada uma das músicas mais famosas do repertório popular nacional. Observe como o contexto de produção da letra que se segue é fundamental para sua compreensão.

Cálice

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor e engolir a labuta
Mesmo calada a boca resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atorreado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça

Chico Buarque e Gilberto Gil.

A famosa música de Chico Buarque e Gilberto Gil foi escrita em 1973, em um dos momentos mais críticos da história recente da política brasileira: a ditadura militar.

A música investe em uma ambiguidade sonora (cálice/calle-se), com o objetivo de escapar da censura praticada pelos militares.

O leitor que desconhece o contexto histórico de produção da canção em análise pode realizar uma interpretação religiosa do texto, afastando-se completamente do objetivo central da letra: expor a repressão imposta pela ditadura e o mal que o silêncio causou na sociedade.

Selecionando o verso “De muito usada a faca já não corta”, da música de Chico Buarque, pode-se analisar a utilização do vocábulo **faca**, por exemplo. Tendo em mente o contexto não apenas do verso selecionado, mas dos demais versos da canção, avalia-se que a palavra está usada em sentido metafórico, talvez representando a luta contra a opressão que se agiganta, apontando que todos os esforços de resistência parecem inúteis.

Outras composições que também abordam essa temática são “Apesar de você” e “Tanto mar”, ambas de Chico Buarque.

Veja outro exemplo. Leia a seguir o poema “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira.



Reprodução

Manuel Bandeira (1886-1968) é um importante nome do Modernismo brasileiro. Sua vida foi marcada pelo diagnóstico de uma tuberculose que, segundo os médicos, tiraria a vida do poeta ainda na sua juventude. O prognóstico não se confirmou. Bandeira morreu aos 82 anos.

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

— Respire.

.....
— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o [pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

O poema de Bandeira é um exemplo marcante de como o conhecimento sobre a biografia de um poeta pode influenciar a interpretação. Bandeira contraiu tuberculose ainda jovem, em um tempo em que a doença era praticamente incurável. Recebeu uma verdadeira sentença de morte dos médicos. Isso o marcou profundamente, definindo o tema de várias de suas poesias.

Pneumotórax era um tratamento para a tuberculose. No poema lido, o médico afirma que não há mais nada a fazer para tentar vencer a doença. Ao final, sua receita é: "A única coisa a fazer é tocar um tango argentino".

O tango argentino indica o drama da questão, restando ao poeta o choro e a lamentação.

Tendo o conhecimento sobre esse dado biográfico de Manuel Bandeira e relacionando-o com a leitura do poema, que interpretação você faz sobre o seguinte verso: "A vida inteira que podia ter sido e que não foi"?

A função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.

Jean-Paul Sartre



Reprodução

Jean-Paul Sartre (1905-1980) é um dos filósofos mais importantes do século XX.

O poder da leitura

A leitura é uma atividade que exige intensa participação do leitor. Este deve dominar diferentes níveis de leitura para acessar o sentido mais profundo de um texto. O mais básico desses níveis é o linguístico. Nele, é exigido que o leitor apresente domínio do vocabulário, da estrutura frasal e das diversas partes que compõem um dado gênero textual.

Para atingir níveis mais profundos de leitura, é preciso primeiro apreender o sentido dos elementos que compõem o texto. Chama-se de **aprensão** justamente esse entendimento restrito aos limites físicos do texto, isto é, o leitor não necessita recorrer a informações externas ao texto, atendo-se somente aos elementos textuais, como o vocabulário, a estrutura textual entre outros.

Como foi dito, existem níveis de leitura. A apreensão é apenas um deles, por isso é preciso atenção, a fim de evitar uma leitura que desconsidere o contexto e o conhecimento de mundo do leitor.

Dessa forma, um leitor crítico, diante de um texto, deve saber questionar, levantar dúvidas, valendo-se com frequência de conhecimentos externos ao texto lido. A **compreensão** de um texto só é possível mediante a interação dinâmica entre os conhecimentos decorrentes da análise do texto e os do próprio leitor. O texto não é apenas um emaranhado de palavras, ele possui uma ideologia, sentidos implícitos, diálogo com outros textos. E o leitor não é um sujeito sem bagagem cultural, sem informações prévias sobre variados assuntos. Por isso diz-se que a compreensão de um texto ocorre na interação com o leitor.

A leitura torna o homem completo, a conversação torna o homem alerta, e a escrita torna o homem preciso. Eis porque, se o homem escreve pouco, deve ter uma boa memória; se fala pouco, deve ter a mente aberta; e se lê pouco, deve ter muita malícia para parecer que sabe o que não sabe.

Francis Bacon



Reprodução

Francis Bacon (1561-1626) foi um político e filósofo inglês considerado o fundador da ciência moderna.

Para que a compreensão seja bem-sucedida, o conhecimento de mundo se estabelece como peça fundamental. O texto, pela forma como é produzido, pode exigir mais ou exigir menos conhecimento prévio de seus leitores. Leia a história em quadrinhos a seguir.

AS SOMBRAS DA VIDA COM PITECO



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

- A compreensão dos quadrinhos de Mauricio de Souza exige que o leitor tenha como conhecimento prévio o "Mito da caverna", de Platão.
- O "Mito da caverna" é um dos textos mais famosos do filósofo grego, funcionando como alegoria da importância do conhecimento filosófico e da educação como forma de superação da ignorância.

Nos quadrinhos em análise, há uma referência ao "Mito da caverna" com o intuito de promover uma situação humorística.

O conhecimento de mundo é fundamental para uma leitura crítica. Nessa história em quadrinhos, há a utilização de um tipo de conhecimento, o filosófico, mas pode-se falar também do conhecimento científico, popular, religioso, cultural, político. A leitura, ao mesmo tempo que exige essa ferramenta, também contribui para seu enriquecimento. Trata-se de uma via de mão dupla que deve ser explorada.

Leia, a seguir, o conto "O inferno", de Graciliano Ramos, buscando observar como a limitação de conhecimento de mundo por parte da mãe atua no desenrolar da narrativa.

O inferno

Às vezes minha mãe perdia as arestas e a dureza, animava-se, quase se embelezava. Catorze ou quinze anos mais moço que ela, habituei-me, nessas tréguas curtas e valiosas, a julgá-la criança, uma companheira de gênio variável, que era necessário tratar cautelosamente. Sucedia desprecatar-me e enfadá-la. Os catorze ou quinze anos surgiam entre nós, alargavam-se de chofre – e causavam-me desgosto.

Um dia, em maré de conversa, na prensa de farinha do coziar, minha mãe tentava compor frases no vocabulário obscuro dos folhetos. Eu me deixava embalar pela música. E de quando em quando aventurava perguntas que ficavam sem respostas e perturbavam a narradora.

Súbito ouvi uma palavra doméstica e veio-me a ideia de procurar a significação exata dela. Tratava-se do inferno. Minha mãe estragou a curiosidade: impossível um menino de seis anos, em idade de entrar na escola, ignorar aquilo. Realmente eu possuía noções. O inferno era um nome feio, que não devíamos pronunciar. Mas não era apenas isso. Expressava um lugar ruim, para onde pessoas mal-educadas mandavam outras, em discussões. E num lugar existem casas, árvores, açudes, igrejas, tanta coisa, tanta coisa que exige uma descrição. Minha mãe condenou a exigência e quis permanecer nas generalidades. Não me conformei. Pedi esclarecimentos, apelei para a ciência dela. Por que não contava o negócio direitinho? Instada, condescendeu. Afirmou que aquela terra era diferente das outras. Não havia lá plantas, nem currais, nem lojas, e os moradores, péssimos, torturados por demônios de rabo e chifres, viviam depois de mortos em fogueiras maiores que a de S. João e em tachas de breu derretido. Falou um pouco a respeito dessas criaturas.

Fogueiras de S. João eu conhecia. Tinha-se feito uma diante de casa. Eu andara à tardinha em redor do monte de lenha que o moleque José arrumava. Admirando os aprestos, espantava-me de haver nascido ali de supetão um mamoeiro carregado de frutos verdes. À noite deitara-se na pilha uma garrafa de querosene, viera um tição. E eu ficara na calçada até dez horas, olhando as labaredas, que meu pai alimentava com aduelas e sarrafos. A gente da vila mexia-se, ria e cantava, iluminada por outros fogos. No dia seguinte as folhas do mamoeiro se torravam, pulverizavam. E na rua, desentulhada, apareciam grandes manchas negras.

Também conhecia o breu derretido. No armazém, barricadas finas continham substância escura que, pisada, tirava a cor das moedas de vintém livres do azinhavre, raspadas no tijolo, molhadas e enxutas. Eu havia esfarelado um pedaço dessa maravilha, com um peso de meio quilo, junto à balança romana da loja. Tinha posto a massa dourada num cartucho de jornal, riscado um fósforo em cima e esperado o fenômeno. Uma lágrima corra no papel, alcançara-me o dedo anular, descera da unha a primeira falange. Largando a experiência, eu me desesperara, abafando os gritos, fora meter a mão num pote de água. Tinha sofrido em silêncio, receando que percebessem a traquinada e a queimadura.

Quando minha mãe falou em breu derretido, examinei a cicatriz do dedo e balancei a cabeça, em dúvida. Se o pequeno torrão, esmagado com o peso de meio quilo, originara aquele desastre, como admitir que pessoas resistissem muitos anos a

barricadas cheias derramadas em tachas fundas, sobre fogueira de S. João?

— A senhora esteve lá?

Desprezou a interrogação inconveniente e prosseguiu com energia.

— Eu queria saber se a senhora tinha estado lá.

Não tinha estado, mas as coisas se passavam daquela forma e não podiam passar-se de forma diversa. Os padres ensinavam que era assim.

— Os padres estiveram lá?

A pergunta não significava desconfiança na autoridade. Eu nem pensava nisso. Desejava que me explicassem a região de hábitos curiosos. Não me satisfiziam as fogueiras, as tachas de breu, vítimas e demônios. Necessitava pormenores.

Minha mãe estragara a narração com uma incongruência. Assegurara que os diabos se davam bem na chama e na brasa. Desconhecia, porém, a resistência das almas supliciadas. Dissera que elas suportariam padecimentos eternos. Logo insinuara que, depois de estágio mais ou menos longo, se transformariam em diabos. Indispensável esclarecer esse ponto. Não busquei razões, bastavam-me afirmações. Achava-me disposto a crer, aceitaria os casos extraordinários sem esforço, contanto que não houvesse neles muitas incompatibilidades. Reclamava uma testemunha, alguém que tivesse visto diabos chifrudos, almas nadando em breu. Ainda não me havia capacitado de que se descrevem perfeitamente coisas nunca vistas.

Os padres estiveram lá? — Tornei a perguntar.

Minha mãe irritou-se, achou-me leviano e estúpido. Não tinham estado, claro que não tinham estado, mas eram pessoas instruídas, aprendiam tudo no seminário, nos livros. Senti forte decepção: as chamas eternas e as caldeiras medonhas esfriaram. Começava a julgar a história razoável, adivinhava por que motivo Padre João Inácio, poderoso e meio cego, furava os braços da gente, na vacina. Com certeza Padre João Inácio havia perdido um olho no inferno e de lá trouxera aquele mau costume. A resposta de minha mãe desiludiu-me, embaralhou-me as ideias. E pratiquei um ato de rebeldia:

— Não há nada disso.

Minha mãe esteve algum tempo analisando-me, de boca aberta, assombrada. E eu, numa indignação por se haverem dissipado as tachas de breu, os demônios, o prestígio de Padre João Inácio, repeti:

— Não há não. É conversa.

Minha mãe curvou-se, descalçou-se e aplicou-me várias chineladas. Não me convenci. Conservei-me dócil, tentando acomodar-me às esquisitices alheias. Mas algumas vezes fui sincero, idiotamente. E vieram-me chineladas e outros castigos oportunos.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

- Há, no conto, uma dinâmica entre a curiosidade do filho e a pouca reflexão sobre o tema religioso por parte da mãe.
- Sem repertório próprio para atender às demandas da criança, a mãe utiliza a violência para não ser obrigada a refletir sobre o inferno.
- Mesmo se valendo da autoridade do padre no assunto, a mãe não consegue responder aos questionamentos do filho, que utiliza livremente a imaginação para tentar entender a descrição apresentada.

Atividades para sala

1. O cartaz a seguir foi usado em uma campanha pública para doação de sangue.



Disponível em: <<http://www.facebook.com>>.
Acesso em: 8 set. 2014.

Rolezinho: diminutivo de rolê ou rolé; em linguagem informal, significa “pequeno passeio”. Recentemente, tem designado encontros simultâneos de centenas de pessoas em locais como praças, parques públicos e *shopping centers*, organizados via internet.

Anonymous riot: rebelião anônima.

Considerando como os sentidos são produzidos no cartaz e o seu caráter persuasivo, pode-se afirmar que

- as figuras humanas estilizadas, semelhantes umas às outras, remetem ao grupo homogêneo das pessoas que podem ajudar e ser ajudadas.
 - a expressão **rolezinho** remete à meta de se reunir muitas pessoas, em um só dia, para doar sangue.
 - o termo **até** indica o limite mínimo de pessoas a serem beneficiadas a partir da ação de um só indivíduo.
 - o destaque visual dado à expressão **Rolezinho no Hemorio** tem a função de enfatizar a participação individual na campanha.
 - predomina a linguagem formal, voltada para um público-alvo adulto.
2. (ENEM) Motivadas ou não historicamente, normas prestigiadas ou estigmatizadas pela comunidade sobrepõem-se ao longo do território, seja numa relação de oposição, seja de complementaridade, sem, contudo, anular a interseção de usos que configuram uma norma nacional distinta da do português europeu. Ao focalizar essa questão, que opõe não só as normas do português de Portugal às normas do português brasileiro, mas também as chamadas normas cultas locais às populares ou vernáculas, deve-se insistir na ideia de que essas normas se consolidam em diferentes momentos da nossa história e que só a partir do século XVIII se pode começar a pensar na bifurcação das variantes continentais, ora em consequência de mudanças ocorridas no Brasil, ora em Portugal, ora, ainda, em ambos os territórios.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. (adaptado)

O português do Brasil não é uma língua uniforme. A variação linguística é um fenômeno natural, ao qual todas as línguas estão sujeitas.

Ao considerar as variedades linguísticas, o texto mostra que as normas podem ser aprovadas ou condenadas socialmente, chamando a atenção do leitor para a

- desconsideração da existência das normas populares pelos falantes da norma culta.
 - difusão do português de Portugal em todas as regiões do Brasil só a partir do século XVIII.
 - existência de usos da língua que caracterizam uma norma nacional do Brasil, distinta da de Portugal.
 - inexistência de normas cultas locais e populares ou vernáculas em um determinado país.
 - necessidade de se rejeitar a ideia de que os usos frequentes de uma língua devem ser aceitos.
3. (ENEM) Há certos usos consagrados na fala, e até mesmo na escrita, que, a depender do estrato social e do nível de escolaridade do falante, são, sem dúvida, previsíveis. Ocorrem até mesmo em falantes que dominam a variedade padrão, pois, na verdade, revelam tendências existentes na língua em seu processo de mudança que não podem ser bloqueadas em nome de um “ideal linguístico” que estaria representado pelas regras da gramática normativa. Usos como **ter** por **haver** em construções existenciais (**tem** muitos livros na estante), o do pronome objeto na posição de sujeito (para **mim** fazer o trabalho), a não concordância das passivas com **se** (aluga-**se** casas) são indícios da existência, não de uma norma única, mas de uma pluralidade de normas, entendida, mais uma vez, norma como conjunto de hábitos linguísticos, sem implicar juízo de valor.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. (fragmento)

Considerando a reflexão trazida no texto a respeito da multiplicidade do discurso, verifica-se que

- estudantes que não conhecem as diferenças entre língua escrita e língua falada empregam, indistintamente, usos aceitos na conversa com amigos quando vão elaborar um texto escrito.
- falantes que dominam a variedade padrão do português do Brasil demonstram usos que confirmam a diferença entre a norma idealizada e a efetivamente praticada, mesmo por falantes mais escolarizados.
- moradores de diversas regiões do país que enfrentam dificuldades ao se expressar na escrita revelam a constante modificação das regras de emprego de pronomes e os casos especiais de concordância.
- pessoas que se julgam no direito de contrariar a gramática ensinada na escola gostam de apresentar usos não aceitos socialmente para esconderem seu desconhecimento da norma-padrão.
- usuários que desvendam os mistérios e sutilezas da língua portuguesa empregam formas do verbo **ter** quando, na verdade, deveriam usar formas do verbo **haver**, contrariando as regras gramaticais.

Texto para a questão 4.

Ler ou não ler, eis a questão

Não existe estudo científico que comprove, mas há uma percepção disseminada sobre a geração atual: ela não gosta de ler. A constatação parte dos professores. Eles se queixam de que só com muito esforço conseguem obrigar seus alunos a ler os clássicos da literatura. Um dos argumentos mais utilizados é recorrer à ameaça do vestibular. Os pais endossam

a percepção de repulsa dos jovens pelos livros. Reclamam frequentemente que os filhos padecem de falta de concentração e, por isso, não são capazes de ler as obras básicas para entender a matéria. Por que isso acontece? O que faz com que uma geração leia e outra fuja dos livros? Há diversas explicações, mas todas acabam convergindo para um mesmo ponto. Quando as pessoas recebem a informação mastigada – na televisão, nos gibis, na internet –, acabam tendo preguiça de ler, um ato que exige esforço e reflexão.

Os canais pelos quais o jovem se informa nos dias de hoje são múltiplos. O livro é apenas um deles. E é o mais trabalhoso. Diante desse quadro, os educadores são unânimes num ponto: as armas de estímulo à leitura precisam ser modernizadas.

WHITEMAN, Vivian. Ler ou não ler, eis a questão. *Veja Jovens*, set. 2001, p. 52-53.

4. O principal argumento usado para justificar a pouca afinidade do jovem com a leitura de livros está contido na ideia de que
- o vestibular é uma ameaça aos jovens.
 - os jovens são desconcentrados.
 - o jovem pertence a uma geração que foge dos livros.
 - há meios mais facilitados de obter informações.
 - a escola não consegue obrigar os alunos a ler.

Texto para a questão 5.

Ata

Acredito que o mau tempo haja concorrido para que os sabadoyleanos* hoje não estivessem na casa de José Mindlin, em São Paulo, gozando das delícias do cuscuz paulista aqui amavelmente prometido. Depois do almoço, visita aos livros dialogantes, na expressão de Drummond, não sabemos se no rigoroso sistema de vigilância de Plínio Doyle, mas de qualquer forma com as gentilezas das reuniões cariocas. Para o amigo de São Paulo as saudações afetuosas dos ausentes presentes, que neste instante todos nos voltamos para o seu palácio, aquele que se iria desvestir dos ares aristocráticos para receber camaradescamente os descamisados da Rua Barão de Jaguaribe.

Guarde, amigo Mindlin, para breve o cuscuz da tradição bandeirante, que hoje nos conformamos com os biscoitos à la Plínio Doyle.

Rio, 20 nov. 1976. Signatários: Carlos Drummond de Andrade, Gilberto de Mendonça Teles, Plínio Doyle e outros. *Cartas da biblioteca Guita e José Mindlin*. (adaptado)

sabadoyleanos: frequentadores do sabadoyle, nome dado ao encontro de intelectuais, especialmente escritores, realizado habitualmente aos sábados, na casa do bibliófilo Plínio Doyle, situada no Rio de Janeiro.

5. Da leitura do texto, depreende-se que
- o anfitrião carioca, embora gentil, é cioso de sua biblioteca.
 - o anfitrião paulista recebeu com honrarias os amigos cariocas, que visitaram a sua biblioteca.
 - os cariocas não se sentiram à vontade na casa do paulista, a qual, na verdade, era uma mansão.
 - os cariocas preferiram ficar no Rio de Janeiro, embora a recepção em São Paulo fosse convidativa.
 - o fracasso da visita dos cariocas a São Paulo abalou a amizade dos bibliófilos.

Textos para a questão 6.

Texto 1

Nova tentativa de desarmamento



QUINO. *O mundo de Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 3.

Texto 2

Sonho impossível

Sonhar
 Mais um sonho impossível
 Lutar
 Quando é fácil ceder
 Vencer o inimigo invencível
 Negar quando a regra é vender
 Sofrer a tortura implacável
 Romper a incabível prisão
 Voar num limite improvável
 Tocar o inacessível chão
 É minha lei, é minha questão
 Virar esse mundo
 Cravar esse chão
 Não me importa saber
 Se é terrível demais
 Quantas guerras terei que vencer
 Por um pouco de paz
 E amanhã se esse chão que eu beijei
 For meu leito e perdão
 Vou saber que valeu delirar
 E morrer de paixão
 E assim, seja lá como for
 Vai ter fim a infinita aflição
 E o mundo vai ver uma flor
 Brotar do impossível chão.

DARIONE, J.; LEIGH, M. Versão de Chico Buarque de Hollanda e Ruy Guerra, 1972.

6. (ENEM) A tirinha e a canção apresentam uma reflexão sobre o futuro da humanidade. É correto concluir que os dois textos
- afirmam que o homem é capaz de alcançar a paz.
 - concordam que o desarmamento é inatingível.
 - julgam que o sonho é um desafio invencível.
 - têm visões diferentes sobre um possível mundo melhor.
 - transmitem uma mensagem de otimismo sobre a paz.



Atividades propostas

Texto para as questões 1 e 2.

Software Livre, isto é, *software* que respeita as liberdades dos usuários de executar o *software* para qualquer propósito, de estudar o código fonte do *software* e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do *software*, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias, permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

Software que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo *software*. Um mesmo programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão.

[...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do *software* para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o *software* armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do *software* saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o *software* funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do *software*. Por meio dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao *software*: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o *software* que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa privativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do *software*, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de *software* baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

Alexandre Oliva

Disponível em: <<http://revista.espiritolivre.org/>>. (adaptado)

1. “Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam.”

No contexto em que surge, no último parágrafo, esta frase aponta um fato que reforça o argumento de Alexandre Oliva, segundo o qual

- a) seria altamente educativo que as escolas utilizassem programas sem limitações de acesso a seu funcionamento.
- b) a educação brasileira necessita, urgentemente, de teorias que estimulem ainda mais a curiosidade infantil.
- c) tanto faz usar um tipo de programa como outro, desde que as crianças sejam consultadas primeiro.
- d) tanto faz usar *software* privativo como livre, já que as crianças sempre dão um jeito de desmontá-lo.
- e) os programas privativos, apesar dos problemas que apresentam, são mais indicados para a educação.

2. No fragmento do artigo apresentado, em todas as referências a *software*, a palavra “Livre” aparece com inicial maiúscula e a palavra “privativo” com inicial minúscula. Assinale a alternativa que explica essa diferença em função do próprio contexto do artigo.

- a) Foi seguido o preceito segundo o qual todos os nomes próprios do idioma devem ser escritos sempre com inicial maiúscula.
- b) A maiúscula foi necessária no contexto para ressaltar o fato de que as palavras “livre” e “privativo” pertencem a classes gramaticais diferentes.
- c) O autor escreveu a inicial maiúscula na palavra “livre” sem nenhum motivo justificável em função do texto do artigo.
- d) A inicial maiúscula em “livre” foi empregada como recurso estilístico para enfatizar a grande importância que o autor atribui a tal tipo de *software*.
- e) Trata-se de um recurso que o autor utilizou, ao rascunhar o artigo, para localizar a palavra “livre” e depois esqueceu de apagar.

Texto para a questão 3.

O que você vai ler a seguir são frases colhidas de formulários de companhias de seguros, nas quais motoristas tentam descrever os detalhes de seus acidentes com os comentários mais breves possíveis. O português não foi nem corrigido para garantir a veracidade das declarações.

1. Eu tinha certeza que o velho não conseguiria chegar ao outro lado da estrada, então eu o atropeliei.
2. Eu pensei que a minha janela estava aberta, mas descobri que estava fechada quando botei a cabeça para fora.
3. Eu bati contra um carro parado que vinha em direção contrária.
4. Eu vinha dirigindo já há 40 anos quando dormi no volante e sofri o acidente.
5. Eu estava a caminho do médico com um problema na traqueia, quando a minha junta universal caiu, causando o acidente.

PRATA, Mario. *O Estado de S. Paulo*, 16 dez. 1998. p. D9.

3. A correção da linguagem dos motoristas alteraria, evidentemente,

- a) a fidelidade das descrições.
- b) a veracidade das descrições.
- c) a verdade dos fatos.
- d) a veracidade dos fatos.
- e) a legitimidade dos fatos.

Texto para a questão 4.

Como percepção da sociedade moderna, não há nada que se compare a *O capital*, ao *Manifesto do Partido Comunista* e aos escritos sobre a luta de classes na França. A potência da formulação e da análise até hoje deixa boquiaberto. Dito isso, os prognósticos de Marx sobre a revolução operária não se realizaram, o que obriga a uma leitura distanciada. Outros aspectos da teoria, entretanto, ficaram de pé, mais atuais do

que nunca, tais como a mercantilização da existência, a crise geral sempre pendente e a exploração do trabalho. Nossa vida intelectual seria bem mais relevante se não fechássemos os olhos para esse lado das coisas.

SCHWARZ, Roberto. Por que ler Marx. *Folha de S.Paulo*, 22 fev. 2013.

4. No trecho: “[...] o que obriga a uma leitura distanciada.”, a expressão em destaque tem o valor semântico de
- leitura nas entrelinhas, ou seja, do que está subentendido.
 - leitura que leva em conta o contexto temporal.
 - leitura fantasiosa, imaginativa.
 - leitura crítica, sem envolvimento emocional.
 - leitura interpretativa com uma óptica moderna.

5. (ENEM)

Gerente — Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?
 Cliente — Estou interessado em financiamento para compra de veículo.
 Gerente — Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?
 Cliente — Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.
 Gerente — Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*. São Paulo: Parábola, 2004. (adaptado)

Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente devido

- à adequação de sua fala à conversa com um amigo, caracterizada pela informalidade.
- à iniciativa do cliente em se apresentar como funcionário do banco.
- ao fato de ambos terem nascido em Uberlândia (Minas Gerais).
- à intimidade forçada pelo cliente ao fornecer seu nome completo.
- ao seu interesse profissional em financiar o veículo de Júlio.

6. (ENEM)



Folha de S.Paulo, 6 out. 1992.

O problema enfrentado pelo migrante e o sentido da expressão “sustança” expressos nos quadrinhos podem ser, respectivamente, relacionados a

- rejeição e alimentos básicos.
- discriminação e força de trabalho.
- falta de compreensão e matérias-primas.
- preconceito e vestuário.
- legitimidade e sobrevivência.

7. Leia os textos a seguir:

[...]a nossa escrevivência [escrita das mulheres negras] não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007. p. 127.

Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria.

Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus.

E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2003. p. 127.

Com base nas considerações dos dois textos, é correto afirmar que

- enquanto a escritora valoriza a dimensão política da narrativa, a personagem preocupa-se com a escrita de sua biografia.
- ao referir-se aos “da casa-grande”, a autora limita a oposição negros versus brancos a uma dimensão espacial.
- a escrita é uma forma de resgatar a memória e reescrever a história dos negros, agora não mais da perspectiva dos dominantes.
- da “assinatura do próprio punho” não constitui a escrevivência dos negros, mas é suficiente para o registro histórico da escravidão e autoriza a escrita de biografias.
- é importante ao negro saber ler e assinar o nome para ter acesso à história oficial e contestar os sonos injustos dos brancos.

8. (ENEM)

Texto 1

Principei a leitura de má vontade. E logo emperrei na história de um menino vadio que, dirigindo-se à escola, se retardava a conversar com os passarinhos e recebia deles opiniões sisudas e bons conselhos. Em seguida vinham outros irracionais, igualmente bem-intencionados e bem falantes. Havia a moscazinha que morava na parede de uma chaminé e voava à toa, desobedecendo às ordens maternas, e tanto voou que afinal caiu no fogo. Esses contos me intrigaram com o [livro] Barão de Macaúbas. Infelizmente um doutor, utilizando bichinhos, impunha-nos a linguagem dos doutores. — Queres tu brincar comigo? O passarinho, no galho, respondia com preceito e moral, e a mosca usava adjetivos colhidos no dicionário. A figura do barão manchava o frontispício do livro, e a gente percebia que era dele o pedantismo atribuído à mosca e ao passarinho. Ridículo um indivíduo hirsuto e grave, doutor e barão, pipilar conselhos, zumbir admoestações.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1986. (adaptado)

Texto 2

Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, enfrentando ainda assim os mais curiosos paradoxos, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente o que as convenções desejaríamos banir. Aliás, essa espécie de inevitável contrabando é um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Duas cidades*. São Paulo: Editora 34, 2002. (adaptado)

Os dois textos anteriores, com enfoques diferentes, abordam um mesmo problema, que se refere, simultaneamente, ao campo literário e ao social. Considerando-se a relação entre os dois textos, verifica-se que eles têm em comum o fato de que

- tratam do mesmo tema, embora com opiniões divergentes, expressas no primeiro texto por meio da ficção e, no segundo, por análise sociológica.
- foi usada, em ambos, linguagem de caráter moralista em defesa de uma mesma tese: a literatura, muitas vezes, é nociva à formação do jovem estudante.
- são utilizadas linguagens diferentes nos dois textos, que apresentam um mesmo ponto de vista: a literatura deixa ver o que se pretende esconder.
- a linguagem figurada é predominante em ambos, embora o primeiro seja uma fábula e o segundo, um texto científico.
- o tom humorístico caracteriza a linguagem de ambos os textos, em que se defende o caráter pedagógico da literatura.

Texto para a questão 9.**da sua memória**

mil
e mui
tos
out
ros
ros
tos
sol
tos
pou
coa
pou
coa
pag
amo
meu

ANTUNES, A. *2 ou + corpos no mesmo espaço*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

- (ENEM) Trabalhando com recursos formais inspirados no Concretismo, o poema atinge uma expressividade que se caracteriza pela
 - interrupção da fluência verbal, para testar os limites da lógica racional.
 - reestruturação formal da palavra para provocar o estranhamento no leitor.

- dispersão das unidades verbais, para questionar o sentido das lembranças.
- fragmentação da palavra, para representar o estreitamento das lembranças.
- renovação das formas tradicionais, para propor uma nova vanguarda poética.

Texto para a questão 10.**Azeite de oliva e óleo de linhaça:
uma dupla imbatível**

Rico em gorduras do bem, ela combate a obesidade, dá um chega pra lá no diabetes e ainda livra o coração de entaves

Ninguém precisa esquentar a cabeça caso não seja possível usar os dois óleos juntinhos, no mesmo dia. Individualmente, o duo também bate um bolão. Segundo um estudo recente do grupo EurOlive, formado por instituições de cinco países europeus, os polifenóis do azeite de oliva ajudam a frear a oxidação do colesterol LDL, considerado perigoso. Quando isso ocorre, reduz-se o risco de placas de gordura na parede dos vasos, a temida aterosclerose – doença por trás de encrencas como o infarto.

MANARINI, T. *Saúde é vital*. n. 347, fev. 2012. (adaptado)

- (ENEM) Para divulgar conhecimento de natureza científica para um público não especializado, Manarini recorre à associação entre vocabulário formal e vocabulário informal. Altera-se o grau de formalidade do segmento no texto, sem alterar o sentido da informação, com a substituição de
 - “dá um chega pra lá no diabetes” por “manda embora o diabetes”.
 - “esquentar a cabeça” por “quebrar a cabeça”.
 - “bate um bolão” por “é um show”.
 - “juntinhos” por “misturadinhos”.
 - “por trás de encrencas” por “causadora de problemas”.

Texto para a questão 11.**Posso mandar por e-mail?**

Atualmente, é comum “disparar” currículos na internet com a expectativa de alcançar o maior número possível de selecionadores. Essa, no entanto, é uma ideia equivocada: é preciso saber quem vai receber seu currículo e se a vaga é realmente indicada para seu perfil, sob o risco de estar “queimando o filme” com um futuro empregador. Ao enviar o currículo por *e-mail*, tente saber quem vai recebê-lo e faça um texto sucinto de apresentação, com a sugestão a seguir:

Assunto: Currículo para a vaga de gerente de *marketing*

Mensagem: Boa tarde. Meu nome é José da Silva e gostaria de me candidatar à vaga de gerente de *marketing*. Meu currículo segue anexo.

Guia da língua 2010: modelos e técnicas.
Língua Portuguesa, 2010 (adaptado).

- (ENEM) O texto integra um guia de modelos e técnicas de elaboração de textos e cumpre a função social de
 - divulgar um padrão oficial de redação e envio de currículos.
 - indicar um modelo de currículo para pleitear uma vaga de emprego.
 - instruir o leitor sobre como ser eficiente no envio de currículo por *e-mail*.
 - responder a uma pergunta de um assinante da revista sobre o envio de currículo por *e-mail*.
 - orientar o leitor sobre como alcançar o maior número possível de selecionadores de currículos.

12. (ENEM)

Texto 1

João Guedes, um dos assíduos frequentadores do boliche do capitão, mudara-se da campanha havia três anos. Três anos de pobreza na cidade bastaram para o degradar. Ao morrer, não tinha um vintém nos bolsos e fazia dois meses que saíra da cadeia, onde estivera preso por roubo de ovelha.

A história de sua desgraça se confunde com a da maioria dos que povoam a aldeia de Boa Ventura, uma cidadezinha distante, triste e precocemente envelhecida, situada nos confins da fronteira do Brasil com o Uruguai.

MARTINS, C. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2001. (fragmento)

Texto 2

Comecei a procurar emprego, já topando o que desse e viesse, menos complicação com os homens, mas não tava fácil. Fui na feira, fui nos bancos de sangue, fui nesses lugares que sempre dão para descolar algum, fui de porta

em porta me oferecendo de faxineiro, mas tava todo mundo escabreado pedindo referências, e referências eu só tinha do diretor do presídio.

FONSECA, R. *Feliz ano novo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. (fragmento)

A oposição entre campo e cidade esteve entre as temáticas tradicionais da literatura brasileira. Nos fragmentos dos dois autores contemporâneos, esse embate incorpora um elemento novo: a questão da violência e do desemprego. As narrativas apresentam confluência, pois nelas o(a)

- criminalidade é algo inerente ao ser humano, que sucumbe às suas manifestações.
- meio urbano, especialmente o das grandes cidades, estimula uma vida mais violenta.
- falta de oportunidades na cidade dialoga com a pobreza do campo rumo à criminalidade.
- êxodo rural e a falta de escolaridade são causas da violência nas grandes cidades.
- complacência das leis e a inércia das personagens são estímulos à prática criminosa.

Estudo dos aspectos linguísticos em diferentes textos

Módulo

3

O papel da inferência; Implícito e explícito

C

5,7

H

15,22,23

O papel da inferência



O absinto (1876), de Edgar Degas.

A famosa tela de Edgar Degas se notabilizou por retratar de forma desoladora a degradação da condição humana. Observando seus elementos, **infere-se** que a mulher que ocupa a parte central do quadro apresenta o olhar perdido, provavelmente alcoolizada, com a taça de absinto à sua frente. O homem ao seu lado, por sua vez, apresenta um olhar disperso e desatencioso, ressaltando o aspecto de solidão da mulher. Além disso, a paleta de cores, marcada pela sobriedade, ajuda a compor a melancolia da cena.

O termo **inferência** tem origem na Lógica, um estudo filosófico de raciocínio válido, cujo processo deriva de conclusões lógicas a partir de múltiplas observações. Os filósofos gregos definiram uma série de silogismos capazes de representar esse raciocínio lógico. O exemplo mais famoso é o seguinte:

Todos os homens são mortais.
Sócrates é um homem.
Portanto, Sócrates é mortal.

No caso da compreensão textual, as inferências são possíveis apenas a partir da ativação de informações que se apresentam tanto explicitamente quanto implicitamente no texto. O leitor deve buscar pistas textuais que a própria organização interna reserva, como a escolha das palavras, a ordem em que elas aparecem, a definição do título etc. Com base nessas observações, cabe ao leitor construir novos conhecimentos por meio da relação com dados previamente existentes.

Observe a imagem reproduzida a seguir.



Nessa obra de Banksy, a imagem de um rapaz com o rosto parcialmente encoberto remete a atitudes de vandalismo tantas vezes vistas em jornais e revistas. Trata-se, portanto, de um tipo de imagem já existente na memória coletiva.

Curiosamente, em vez de portar uma bomba, pedra ou qualquer outro tipo de arma, o rapaz segura um buquê de flores. Com a mudança desse detalhe significativo, Banksy subverte a imagem já tão conhecida pela sociedade e a transforma completamente.

Somando seu conhecimento prévio sobre a imagem à escolha inovadora do artista, que leitura você apresenta do desenho? A resposta para essa pergunta será a inferência, isto é, a dedução que você realizou.

O leitor maduro e crítico é aquele que, além de identificar as proposições necessárias, estende e completa as informações do texto, chegando a elaborar juízos próprios sobre o que foi lido.

Diante do exercício de interpretação, é preciso considerar os limites do próprio texto. Para tanto, é necessária certa sensibilidade para captar o que não está evidente, embora se faça presente, e, sobretudo, atenção para o que o texto autoriza ler.

É possível inferir dos textos coisas que eles não dizem explicitamente – e a colaboração do leitor se baseia nesse princípio, mas não se pode fazê-los dizer o contrário do que disseram.

Umberto Eco



Reprodução

Umberto Eco (1932-2016) é um escritor, filósofo e linguista italiano. Dedicou parte de sua obra para o estudo dos limites da interpretação.

As informações implícitas de um texto exigem do leitor que ele se atenha ao componente textual e considere o contexto em questão. Só assim ele pode construir uma nova representação semântica, isto é, conferir um novo significado ao que está sendo lido. A esse processo, dá-se o nome de **inferência**.

Leia a tirinha a seguir.



Calvin e Haroldo, de Bill Watterson.

Diante da pergunta “Você sabe de onde vêm os bebês?”, Haroldo procura na etiqueta da camisa de Calvin a inusitada resposta.

O final da tirinha só faz sentido para o leitor que conhece o fato de que uma grande variedade de mercadorias é produzida em Taiwan.

Essa informação está implícita no texto, exigindo inferência do leitor. Para tanto, a tirinha recorre a um conhecimento básico das relações de exportação e importação no mundo. Mesmo sem serem vistos, os dizeres “Made in Taiwan” são visualizados mentalmente pelo leitor.

Os textos artísticos são aqueles que mais exigem do leitor a capacidade de identificar as informações implícitas. São plurissignificativos, demandando uma leitura complexa, que leve em consideração as nuances do texto e sua natureza.

Tendo em vista o que foi dito, realize a leitura do conto a seguir, considerando o título, a descrição das personagens, a epígrafe selecionada, o desfecho da narrativa e o papel que cada personagem ocupa no desenrolar da ação. O conto “Os dragões”, de Murilo Rubião, é uma narrativa fantástica, isto é, a realidade tal qual todos conhecem encontra-se em suspenso, e os acontecimentos se envolvem com o sobrenatural. Esse tipo de narrativa é carregada de simbologia. A interpretação de um texto dessa natureza deve considerar sempre a capacidade de inferência do leitor.

Os dragões

“Fui irmão de dragões e companheiro de avestruzes.”

(Jó, XXX, 29).

Os primeiros dragões que apareceram na cidade muito sofreram com o atraso dos nossos costumes. Receberam precários ensinamentos e a sua formação moral ficou irremediavelmente comprometida pelas absurdas discussões surgidas com a chegada deles ao lugar.

Poucos souberam compreendê-los, e a ignorância geral fez com que, antes de iniciada a sua educação, nos perdêssemos em contraditórias suposições sobre o país e raça a que poderiam pertencer.

A controvérsia inicial foi desencadeada pelo vigário. Convencido de que eles, apesar da aparência dócil e meiga, não passavam de enviados do demônio, não me permitiu educá-los. Ordenou que fossem encerrados numa casa velha, previamente exorcismada, onde ninguém poderia penetrar. Ao se arrepender de seu erro, a polêmica já se alastrara e o velho gramático negava-lhe a qualidade dos dragões, “coisa asiática, de importação europeia”. Um leitor de jornais, com vagas ideias científicas e um curso ginásial feito pelo meio, falava em monstros antediluvianos. O povo benzia-se, mencionando mulas sem cabeça, lobisomens.

Apenas as crianças, que brincavam furtivamente com os nossos hóspedes, sabiam que os novos companheiros eram simples dragões. Entretanto, elas não foram ouvidas.

O cansaço e o tempo venceram a teimosia de muitos. Mesmo mantendo suas convicções, evitavam abordar o assunto.

Dentro em breve, porém, retomariam o tema. Serviu de pretexto uma sugestão do aproveitamento dos dragões na tração de veículos. A ideia pareceu boa a todos, mas se desavieram asperamente quando se tratou da partilha dos animais. O número destes era inferior aos dos pretendentes.

Desejando encerrar a discussão, que se avolumava sem alcançar objetivos práticos, o padre firmou uma tese: os dragões receberiam nomes na pia batismal e seriam alfabetizados.

Até aquele instante eu agira com habilidade, evitando contribuir para exacerbar os ânimos. E se, nesse momento, faltou-me a calma, o respeito devido ao bom pároco, devo culpar a insensatez reinante. Irritadíssimo, expandi o meu desagrado:

— São dragões! Não precisam de nomes nem do batismo!

Perplexo com a minha atitude, nunca discrepante das decisões aceitas pela coletividade, o reverendo deu largas à humildade e abriu a mão do batismo. Retribuí o gesto, resignando-me à exigência de nomes.

•••

Quando, subtraídos ao abandono em que se encontravam, me foram entregues para serem educados, compreendi a extensão da minha responsabilidade. Na maioria, tinham contraído moléstias desconhecidas e, em consequência, diversos vieram a falecer. Dois sobreviveram, infelizmente os mais corrompidos. Melhor dotados em astúcia que os irmãos, fugiam, à noite, do casarão e iam se embriagar no botequim. O dono do bar se divertia vendo-os bêbados, nada cobrava pela bebida que lhes oferecia. A cena, com o decorrer dos meses, perdeu a graça e o botequineiro passou a negar-lhes álcool. Para satisfazerem o vício, viram-se forçados a recorrer a pequenos furtos.

No entanto eu acreditava na possibilidade de reeducá-los e superar a descrença de todos quanto ao sucesso da minha missão. Valia-me da amizade com o delegado para retirá-los da cadeia, onde eram recolhidos por motivos sempre repetidos: roubo, embriaguez, desordem.

Como jamais tivesse ensinado a dragões, consumia a maior parte do tempo indagando pelo passado deles, família e métodos pedagógicos seguidos em sua terra natal. Reduzido material colhi dos sucessivos interrogatórios a que os submetia. Por terem vindo jovens para a nossa cidade, lembravam-se confusamente de tudo, inclusive da morte da mãe, que caíra num precipício, logo após a escalada da primeira montanha. Para dificultar a minha tarefa, ajuntava-se à debilidade da memória dos meus pupilos o seu constante mau humor, proveniente das noites mal dormidas e ressacas alcoólicas.

O exercício continuado do magistério e a ausência de filhos contribuíram para que eu lhes dispensasse uma assistência paternal. Do mesmo modo, certa candura que fluía dos seus olhos obrigava-me a revelar faltas que não perdoaria a outros discípulos.

Odorico, o mais velho dos dragões, trouxe-me as maiores contrariedades. Desastradamente simpático e malicioso, alvo-voçava-se todo à presença de saias. Por causa delas, e principalmente por uma vagabundagem inata, fugia às aulas. As mulheres achavam-no engraçado e houve uma que, apaixonada, largou o esposo para viver com ele.

Tudo fiz para destruir a ligação pecaminosa e não logrei separá-los. Enfrentavam-me com uma resistência surda, impenetrável. As minhas palavras perdiam o sentido no caminho: Odorico sorria para Raquel e esta, tranquilizada, debruçava-se novamente sobre a nossa roupa que lavava. Pouco tempo depois, ela foi encontrada chorando perto do corpo do amante.

Atribuíram sua morte a tiro fortuito, provavelmente de um caçador de má pontaria. O olhar do marido desmentia a versão.

•••

Com o desaparecimento de Odorico, eu e minha mulher transferimos o nosso carinho para o último dos dragões. Empenhamo-nos na sua recuperação e conseguimos, com algum esforço, afastá-lo da bebida. Nenhum filho talvez compensasse tanto o que conseguimos com amorosa persistência. Ameno no trato, João aplicava-se aos estudos, ajudava Joana nos arranjos domésticos, transportava as compras feitas no Mercado. Findo o jantar, ficávamos no alpendre a observar sua alegria, brincando com os meninos da vizinhança. Carregava-os nas costas, dava cambalhotas.

Regressando, uma noite, da reunião mensal com os pais dos alunos, encontrei minha mulher preocupada: João acabara de vomitar fogo. Também apreensivo, compreendi que ele atingira a maioridade.

O fato, longe de torná-lo temido, fez crescer a simpatia que gozava entre as moças e rapazes do lugar. Só que, agora, demorava-se pouco em casa. Vivia rodeado por grupos alegres, a reclamarem que lançasse fogo. A admiração de uns, os presentes e convites de outros, acendiam-lhe a vaidade. Nenhuma festa alcançava êxito sem a sua presença. Mesmo o padre não dispensava o seu comparecimento às barraquinhas do padreiro da cidade.

•••

Três meses antes das grandes enchentes que assolaram o município, um circo de cavaleiros movimentou o povoado, nos deslumbrou com audazes acrobatas, engraçadíssimos palhaços, leões amestrados e um homem que engolia brasas. Numa das derradeiras exposições do ilusionista, alguns jovens interromperam o espetáculo aos gritos e palmas ritmadas:

— Temos coisa melhor! Temos coisa melhor!

Julgando ser brincadeira dos moços, o anunciador aceitou o desafio:

— Que venha essa coisa melhor!

Sob o desapontamento do pessoal da companhia e os aplausos dos espectadores, João desceu ao picadeiro e realizou sua costumeira proeza de vomitar fogo.

Já no dia seguinte, recebia várias propostas para trabalhar no circo. Recusou-as, pois dificilmente algo substituiria o prestígio que desfrutava na localidade. Alimentava ainda a pretensão de se eleger prefeito municipal.

Isso não se deu. Alguns dias após a partida dos saltimbancos, verificou-se a fuga de João.

Várias e imaginosas versões deram ao seu desaparecimento. Contavam que ele se tomara de amores por uma das trapezistas, especialmente destacada para seduzi-lo; que se iniciara em jogos de cartas e retomara o vício da bebida.

Seja qual tenha sido a razão, depois disso muitos dragões têm passado pelas nossas estradas. E por mais que eu e meus alunos, postados na entrada da cidade, insistamos que permaneçam entre nós, nenhuma resposta recebemos. Formando longas filas, encaminham-se para outros lugares, indiferentes aos nossos apelos.

Implícito e explícito

Leia a letra da música a seguir.

A objetividade da frase não deixa dúvida a respeito do tema da letra que se segue. A música de Criolo trata de uma cidade desumana, em que a afetividade parece perdida.

Não existe amor em SP

Não existe amor em SP

Um labirinto místico

Onde os grafites gritam

Não dá pra descrever

Numa linda frase

De um postal tão doce

Cuidado com doce

São Paulo é um buquê

Buquês são flores mortas

Num lindo arranjo

Arranjo lindo feito pra você

Não existe amor em SP

Os bares estão cheios de almas tão vazias

A ganância vibra, a vaidade excita

Devolva minha vida e morra afogada em seu próprio mar de fel

Aqui ninguém vai pro céu

Não precisa morrer pra ver Deus

Não precisa sofrer pra saber o que é melhor pra você

Encontro duas nuvens em cada escombro, em cada esquina

Me dê um gole de vida

Não precisa morrer pra ver Deus

Um labirinto é construído por um conjunto de percursos intrincados com o objetivo de confundir quem os percorre. De forte simbologia, o labirinto não significa apenas a desorientação geográfica, como em uma cidade grande do porte de São Paulo, mas também espiritual. Por esse motivo, o compositor reforça que se trata de um labirinto místico.

Aparentemente sedutora e bela, São Paulo não demonstra, de imediato, suas imperfeições. A cidade está, mais uma vez, associada à ausência de humanidade, que é representada pelas flores mortas.

O autor parece sinalizar que existem formas de se viver bem, sem sofrimento, nessa cidade. É preciso acreditar que isso é possível e empreender uma busca pela beleza, pela vida, pelo amor.

Se não existe amor em São Paulo, um dos motivos está explicitado nesse verso. O autor é claro quando ressalta a vaidade e a ganância que tomam conta das pessoas.

Criolo

- Indique o que essa cidade, apresentada por Criolo, pode pôr a perder, além do amor.
- Criolo fala de São Paulo, porém pode-se interpretar que se trata de um mal das grandes cidades mundiais. Identifique que elementos têm esse aspecto universal.

Biografia

O cantor paulista de rap, Criolo (1975-) iniciou sua carreira como cantor em 1989, mas tornou-se conhecido apenas a partir de 2000. Com seu trabalho *Nó na orelha*, de 2011, alcançou sucesso nacional, vencendo diversos prêmios da música brasileira. Criolo já cantou ao lado de Caetano Veloso e Chico Buarque, além de ter feito uma versão para a música "Cálice", de Chico, recebendo muitos elogios da crítica e do público. Suas composições tratam, em geral, da vida urbana.



Reprodução

Um enunciado possui graus diferentes de explicitude. Na letra de "Não existe amor em SP", é possível perceber que são utilizadas associações que exigem um esforço interpretativo maior por parte do leitor/ouvinte. Isso significa que a música analisada trabalha bastante com uma linguagem implícita. É importante lembrar, porém, que recuperar tanto informações **explícitas** quanto **implícitas** é igualmente necessário para uma compreensão satisfatória do que está sendo dito.

Diante de um texto que demonstra complexidade devido a um forte conteúdo implícito, partir da leitura do que está posto explicitamente pode ser uma alternativa eficiente para auxiliar a interpretação.

Na música em análise, o título é a primeira e talvez mais importante contribuição explícita. Com a frase "Não existe amor em SP", o compositor entrega, de imediato, o tema central da música: a falta de afeto na maior metrópole brasileira. Tendo isso em mente, o leitor deve procurar, ao longo do texto, o desenrolar desse tema. As diversas informações implícitas da letra estão relacionadas justamente à temática que o título explicita.

Sendo assim, a pergunta a seguir parece quase inevitável: por que se procura cifrar um enunciado, exigindo um trabalho interpretativo excessivo? Qual o objetivo de se produzir um texto predominantemente implícito?

Para responder a essa questão, é preciso considerar a natureza do texto analisado. O texto artístico utiliza-se, com muita frequência, do conhecimento implícito, que está latente. Muitas informações estão nas entrelinhas e cabe ao leitor acessá-las. O material artístico, das mais variadas áreas, tem por objetivo promover uma experiência, uma reflexão. Para isso, é necessário realizar uma espécie de incômodo capaz de suscitar o questionamento. Diferentemente da utilizada em outros gêneros textuais, a linguagem de um material artístico é trabalhada em níveis altos, exigindo a participação ativa do receptor/leitor na construção de significado.

Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas.

Clarice Lispector



Clarice Lispector (1920-1977) é um dos principais nomes da literatura brasileira.

Implícito é o que está envolvido, mas não expresso claramente; tácito. Não expresso por palavras; subentendido.

Veja como o mesmo tema abordado na música de Criolo pode aparecer de forma explícita.

Uma das piores cidades do mundo para se viver
O grande gargalo de Argel, capital da Argélia, é justamente sua infraestrutura. A cidade enfrenta diversos problemas sociais, principalmente relacionados à habitação e ao desemprego.

Com base no texto anterior, pode-se perceber como a questão da vida em grandes cidades é tratada de forma completamente diferente em comparação à música de Criolo. O problema de Argel foi tratado explicitamente. Não resta dúvida do porquê de a vida do ser humano ser de péssima qualidade. O texto, nesse caso, trouxe informações predominantemente explícitas.

Explícito é o que está claro, expresso, explicado sem ambiguidade.

Leia a tirinha de Laerte a seguir, considerando as informações explícitas e implícitas.



- A fala das personagens e as placas indicando o caminho funcionam como informações explícitas.
- O conteúdo implícito está justamente nas entrelinhas. Ao procurar um lugar, o mais selvagem possível, a personagem é direcionada de volta à vida urbana e neurótica. Sugere-se que, nas grandes cidades, as pessoas se comportam como animais selvagens, distanciando-se por completo da ideia de civilização.



Atividades para sala

1. **VÔ, QUE LÍNGUA É "HABEAS CORPUS"?** **LATIM**

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S.Paulo*, 27 jul. 2008.

A leitura da charge permite inferir que

 - a) na fala do avô, está implícita a ideia de que ele admite seu completo desconhecimento da área jurídica.
 - b) o avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão *habeas corpus*.
 - c) a resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
 - d) a fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
 - e) o comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.
2. Leia o poema a seguir, presente em *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa.

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no
[Universo
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra
[qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram nosso olhar para longe
[de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos
[olhos nos podem dar,

E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

Considere as seguintes afirmações sobre o poema.

- I. Há uma oposição entre a aldeia e a cidade, e o sujeito lírico prefere a primeira.
- II. Há, na cidade, a riqueza, as grandes construções que ampliam a visão de horizonte do sujeito lírico.
- III. Há desarmonia entre o poema e o conjunto de *O guardador de rebanhos*, pois o livro tematiza a euforia modernizadora.

Quais estão corretas?

- | | |
|-------------------|---------------------|
| a) Apenas I. | d) Apenas II e III. |
| b) Apenas II. | e) I, II e III. |
| c) Apenas I e II. | |

3. (ENEM) Lugar de mulher também é na oficina. Pelo menos nas oficinas dos cursos da área automotiva fornecidos pela Prefeitura, a presença feminina tem aumentado ano a ano. De cinco mulheres matriculadas em 2005, a quantidade saltou para 79 alunas inscritas neste ano nos cursos de mecânica automotiva, eletricidade veicular, injeção eletrônica, repintura e funilaria. A presença feminina nos cursos automotivos da Prefeitura – que são gratuitos – cresceu 1480% nos últimos sete anos e tem aumentado ano a ano.

Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br>>.
Acesso em: 27 fev. 2012. (adaptado)

Na produção de um texto, são feitas escolhas referentes a sua estrutura, as quais possibilitam inferir o objetivo do autor. Nesse sentido, no trecho apresentado, o enunciado “Lugar de mulher também é na oficina” corrobora o objetivo textual de

- a) demonstrar que a situação das mulheres mudou na sociedade contemporânea.
- b) defender a participação da mulher na sociedade atual.
- c) comparar esse enunciado com outro: “lugar de mulher é na cozinha”.
- d) criticar a presença de mulheres nas oficinas dos cursos da área automotiva.
- e) distorcer o sentido da frase “lugar de mulher é na cozinha”.

4. Considere a imagem a seguir para responder ao que se pede.



A fotografia anterior é um registro da Chechênia, país devastado pela guerra em 1996. Sobre a imagem, marque a alternativa que melhor a analisa.

- a) Revela implicitamente a devastação da guerra.
- b) Apesar de se tratar de uma imagem eminentemente jornalística, existe um conteúdo implícito na revelação

- c) de uma população indefesa diante da violência.
- c) Trata-se de um registro explícito das mortes que esse conflito gerou.
- d) A imagem deixa evidente o fim da guerra, representado pela mulher e a criança que caminham livremente.
- e) Está implícito o medo da população que abandonou o país após o início dos conflitos.

Texto para a questão 5.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “pra cortar a friagem”.

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abra-sileirou-se. [...]

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

O cortiço, de Aluísio Azevedo.

5. Um traço cultural que decorre da presença da escravidão no Brasil e que está implícito nas considerações do narrador do excerto é a
- a) desvalorização da mestiçagem brasileira.
 - b) promoção da música a emblema da nação.
 - c) desconsideração do valor do trabalho.
 - d) crença na existência de um caráter nacional brasileiro.
 - e) tendência ao antilusitanismo.

Texto para a questão 6.

E se a água potável acabar?

O que aconteceria se a água potável do mundo acabasse?

- 1 As teorias mais pessimistas dizem que a água potável deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes

por semana. Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você, imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne. Mas não é só ela que faltarão. A Região Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no país, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.

A vida nas metrópoles será mais difícil. Só a grande São Paulo consome atualmente 80,5 bilhões de litros por mês. A água que abastece a região virá de Santos, uma das grandes cidades do litoral que passarão a investir em dessalinização. O problema é que, para obter 1 litro de água dessalinizada, são necessários 4 litros de água do mar, a um custo de até US\$0,90 o m³, segundo a International Desalination Association. Só São Paulo gastaria quase R\$ 140 milhões em dessalinização por mês. Como resultado, a água custaria muito mais do que os R\$3 por m³ de hoje.

Mas há quem não concorde com esse cenário caótico. “A água só acaba se você acabar com o ciclo dela”, diz Antônio Félix Domingues, da Agência Nacional de Águas. [...]

Disponível em: <<http://www.super.abril.com.br>>.

6. No trecho “A água só acaba se você acabar com o ciclo dela” (linha 27), as aspas foram usadas para
- constatar uma forma de diálogo no texto, enfatizando de modo implícito o discurso do outro.
 - identificar o discurso alheio, reproduzido de forma indireta no texto.
 - indeterminar a fala de um outro que não quer se comprometer com a declaração.
 - marcar a dimensão discursiva e interativa da linguagem pela inserção da fala do outro.
 - chamar a atenção do leitor para os subentendidos contidos na mensagem.



Atividades propostas

Texto para a questão 1.

Se, pela pronúncia, você está desconfiado de que a nossa palavra **xará** surgiu de alguma expressão indígena, acertou. “Ela tem origem em *sa rara*, um derivado de *se rera*, que significa aquele que tem o mesmo nome, em tupi”, diz o etimologista Cláudio Moreno. No sul do Brasil, usa-se também a palavra **tocaio** com o mesmo significado. Vem do espanhol *tocayo* que, por sua vez, tem origem na frase ritual latina que a noiva dizia ao noivo quando a comitiva nupcial vinha buscá-la em casa: “*Ubi’tu Caius, ibi ego Caia*” (Onde fores chamado Caio, ali eu serei Caia). Por transmitir a ideia de que a noiva, ao se casar, passava a ter o mesmo nome do noivo, a palavra passou a ser usada como sinônimo de xará.

Rodrigo Cavalcante

1. Depreende-se do texto que
- palavras ou expressões de origem diferenciada devem apresentar significados diferentes.
 - o vocabulário do português do Brasil contém palavras de diversas origens, entre as quais, a espanhola e a tupi.
 - palavras de uma língua incorporadas ao vocabulário de

- outra mantêm a forma original inalterada.
- o vocabulário do português do Brasil foi formado entre os tupis que incorporaram alguns termos espanhóis e latinos.
- no sul do Brasil, o termo **xará** é desconhecido, porque naquela região existe o equivalente **tocaio**.

2. A obra *Alguma poesia*, publicada em 1930, marca a estreia de um dos mais emblemáticos escritores da literatura brasileira, Carlos Drummond de Andrade. O poema que segue integra a referida obra e serve como base para a questão proposta.

Também já fui brasileiro

Eu também já fui brasileiro
Moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
E aprendi nas mesas dos bares
Que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
E todas as virtudes se negam.

Eu também já fui poeta.
Bastava olhar para uma mulher,
pensava logo nas estrelas
e outros substantivos celestes.
Mas eram tantas, o céu tamanho,
Minha poesia perturbou-se.

Eu também já tive meu ritmo.
Fazia isto, dizia aquilo.
E meus amigos me queriam,
meus inimigos me odiavam.

Eu irônico deslizava
Satisfeito de ter meu ritmo.
Mas acabei confundindo tudo.
Hoje não deslizo mais não,
Não sou irônico mais não,
Não tenho ritmo mais não.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

- A construção poética de “Também já fui brasileiro” reflete o(a)
- negação dos valores proclamados pela arte moderna no Brasil.
 - violação dos padrões poéticos estabelecidos no Brasil até o Modernismo.
 - distanciamento da poesia brasileira da arte poética dos ritmos e das virtudes.
 - retomada da rítmica clássica no ato de construção proposta pelo Romantismo.
 - rompimento com as ideias nacionalistas, procurando uma arte poética antibrasileira.

3. (ENEM)

Grupo escolar

Sonhei com um general de ombros largos
que fedia
e que no sonho me apontava a poesia
enquanto um pássaro pensava suas penas
e já sem resistência resistia.
O general acordou e eu que sonhava
face a face deslizei à dura via
vi seus olhos que tremiam, ombros largos,
vi seu queixo modelado a esquadria

vi que o tempo galopando evaporava
(deu para ver qual a sua dinastia)
mas em tempo fixei no firmamento
esta imagem que rebenta em ponta fria:
poesia, esta química perversa,
este arco que desvela e me repõe
nestes tempos de alquimia.

BRITO, Antônio Carlos de. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*: antologia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

O poema de Antônio Carlos Brito está historicamente inserido no período da Ditadura Civil-Militar no Brasil. A forma encontrada pelo eu lírico para expressar poeticamente esse momento demonstra que

- a ênfase na força dos militares não é afetada por aspectos negativos, como o mau cheiro atribuído ao general.
- a descrição quase geométrica da aparência física do general expõe a rigidez e a racionalidade do governo.
- a constituição de dinastias ao longo da história parece não fazer diferença no presente em que o tempo evapora.
- a possibilidade de resistir está dada na renovação e transformação proposta pela poesia, química que desvela e repõe.
- a resistência não seria possível, uma vez que as vítimas, representadas pelos pássaros, pensavam apenas nas próprias penas.

4. Leia atentamente os dois trechos transcritos a seguir.

[...] o objetivo da poesia (e da arte literária em geral) não é o real concreto, o verdadeiro, aquilo que de fato aconteceu, mas sim o verossímil, o que pode acontecer, considerado na sua universalidade.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria de literatura*. Coimbra: Almedina, 1982.

Verossímil: 1. Semelhante à verdade; que parece verdadeiro. 2. Que não repugna à verdade, provável.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Com base na leitura de ambos os fragmentos, pode-se deduzir que a obra literária tem o objetivo de

- opor-se ao real para afirmar a imaginação criadora.
- anular a realidade concreta para superar contradições aparentes.
- construir uma aparência de realidade para expressar dado sentido.
- buscar uma parcela representativa do real para contestar sua validade.
- prever a realidade por meio da imaginação criadora, antecipando os acontecimentos mais prováveis.

Texto para a questão 5.

Quando eu falo com vocês, procuro usar o código de vocês. A figura do índio no Brasil de hoje não pode ser aquela de 500 anos atrás, do passado, que representa aquele primeiro contato. Da mesma forma que o Brasil de hoje não é o Brasil de ontem, tem 160 milhões de pessoas com diferentes sobrenomes. Vieram para cá asiáticos, europeus, africanos, e todo mundo quer ser brasileiro. A importante pergunta que nós fazemos é: qual é o pedaço de índio que vocês têm? O seu cabelo? São seus olhos?

Ou é o nome da sua rua? O nome da sua praça? Enfim, vocês devem ter um pedaço de índio dentro de vocês.

Para nós, o importante é que vocês olhem para a gente como seres humanos, como pessoas que nem precisam de paternalismos, nem precisam ser tratadas com privilégios. Nós não queremos tomar o Brasil de vocês, nós queremos compartilhar esse Brasil com vocês.

TERENA, Marcos. Debate. In: MORIN, Edgar. *Saberes globais e saberes locais*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. (adaptado)

5. (ENEM) Os procedimentos argumentativos utilizados no texto permitem inferir que o ouvinte/leitor, no qual o emissor foca o seu discurso, pertence
- ao mesmo grupo social do falante/autor.
 - a um grupo de brasileiros considerados como não índios.
 - a um grupo étnico que representa a maioria europeia que vive no país.
 - a um grupo formado por estrangeiros que falam português.
 - a um grupo sociocultural formado por brasileiros naturalizados e imigrantes.

Textos para a questão 6.

Texto 1

Barreira da língua

Cenário: um posto de saúde no interior do Maranhão.

— *Buenos dias, señor, o que siente?* — pergunta o médico.

— Tô com dor no bucho, comi uma tapioca reimosa, me deu um empachamento danado. Minha cabeça ficou pinicando, deu até um farnizim no juízo.

— *Butcho? Tapiôka? Empatchamiento? Pinicón? Far new zeen???*

O trecho acima é de uma piada que circula no Hospital das Clínicas de São Paulo sobre as dificuldades de comunicação que os médicos estrangeiros deverão enfrentar nos rincões do Brasil. [...]

COLLUCCI, Cláudia. *Barreira da língua*, *Folha de S.Paulo*, 3 jul. 2013

Texto 2

No texto “Barreira da língua”, a jornalista Cláudia Collucci reproduz uma piada ouvida no Hospital das Clínicas, em São Paulo, para criticar a iniciativa do governo de abrir a possibilidade de que médicos estrangeiros venham a trabalhar no Brasil. Faltou dizer duas obviedades ululantes para qualquer brasileiro:

- A maioria dos ilustres médicos que trabalham no Hospital das Clínicas teria tantas dificuldades quanto um estrangeiro para entender uma frase recheada de regionalismos completamente desconhecidos nas rodas das classes média e alta por onde circulam.
- A quase totalidade deles não tem o menor interesse em mudar para uma comunidade carente, seja no interior do Maranhão, seja num vilarejo amazônico, e lá exercer sua profissão. [...]

AGUIAR JÚNIOR, José Cláuver de. *Folha de S.Paulo*, 4 jul. 2013.

6. A frase inicial da piada apresentada no texto 1, atribuída a um fictício médico estrangeiro que teria vindo trabalhar no Brasil, permite inferir que esse profissional
- só pode ter vindo ou de Cuba ou de outro país da América Latina.
 - é falante nativo da língua portuguesa, embora não brasileiro.

- c) certamente é brasileiro, mas formou-se fora do Brasil.
 d) só pode ter vindo de um país de origem germânica.
 e) é falante ou tem conhecimentos da língua espanhola.

Texto para a questão 7.



7. Para melhor compreensão da tira, o leitor precisa reconhecer alguns elementos implícitos. O fragmento que torna mais evidente essa necessidade é
- “Minha inimiga mais terrível... a LOUVA DEUSA!”.
 - “Uma assassina fria e cruel!”.
 - “... os que sobrevivem ao seu ataque... têm inveja dos que morrem!”.
 - “... seus poderes são sobre-humanos!!”.
 - “... mal posso acreditar que acabo de inventá-la!”.

8.



Disponível em: <<http://www.casseta.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

Sobre a charge anterior, assinale a alternativa correta.

- A mensagem de paz do texto que introduz a charge apresenta-se substancialmente oposta à imagem violenta retratada.
 - O confronto entre as personagens apresenta uma mensagem coerente com a mensagem inicial da charge: de amor e paz.
 - Lutar é algo inerente ao ser humano; por isso, pode-se afirmar que não há qualquer contradição entre a mensagem verbal e a não verbal.
 - As frases da torcida indicam que esses espectadores não gostam de violência.
 - No contexto da charge, a luta pode ser entendida como uma forma de violência pacífica.
9. Os fragmentos de reportagens a seguir foram publicados no jornal *Folha de S.Paulo* por ocasião do acidente trágico, seguido da morte de Lady Diana, ex-esposa do príncipe Charles da Inglaterra.
- “O apelo mundial de Diana só foi tão grande porque ela não era uma mulher excepcional.”

Eric Hobsbawm

- “Daqui a cem anos, quando se contar a história da indústria da comunicação de massa e do entretenimento, o caso Lady Diana será exemplar. Não propriamente como vítima, mas como princesa de fato, legítima representante do novo poder que passou a dominar o mundo, da segunda metade do século em diante.”

Luis Nassif

Assinale a afirmativa correta.

- Trata-se de vozes confluentes, no sentido de desmitificação de uma mulher mundialmente famosa e querida.
- Trata-se de vozes que se hostilizam, na análise do fenômeno Lady Diana, já que a primeira a qualifica como mulher comum, e a segunda a reconhece como verdadeiramente representante da nobreza.
- Apenas à primeira voz está subjacente uma relação de Lady Diana com o poder da mídia.
- Apenas na segunda voz está implícito que a princesa era alguém com quem muita gente poderia se identificar.
- Ambas as vozes acusam a televisão, a imprensa, as fotos, a mídia moderna como o algo da princesa.

10. (ENEM)

Texto 1



“Chega ao Brasil o Kindle, o leitor eletrônico que guarda 1500 volumes e promete revolucionar o jeito como lemos”

Texto 2

Conexão sem fio no Brasil

Onde haverá cobertura de telefonia celular para baixar publicações para o Kindle



Época. 12 out. 2009.

A capa da revista *Época* de 12 de outubro de 2009 traz um anúncio sobre o lançamento do livro digital no Brasil. Já o texto 2 traz informações referentes à abrangência de

acessibilidade das tecnologias de comunicação e informação nas diferentes regiões do país. Com base na leitura dos dois textos, infere-se que o advento do livro digital no Brasil

- possibilitará o acesso das diferentes regiões do país às informações antes restritas, uma vez que eliminará as distâncias, por meio da distribuição virtual.
- criará a expectativa de viabilizar a democratização da leitura, porém esbarra na insuficiência do acesso à internet por telefonia celular, ainda deficiente no país.
- fará com que os livros impressos tornem-se obsoletos, em razão da diminuição dos gastos com os produtos digitais gratuitamente distribuídos pela internet.
- garantirá a democratização dos usos da tecnologia no país, levando em consideração as características de cada região no que se refere aos hábitos de leitura e acesso à informação.
- impulsionará o crescimento da qualidade da leitura dos brasileiros, uma vez que as características do produto permitem que a leitura aconteça a despeito das adversidades geopolíticas.

11. Leia a charge a seguir.



GLAUCO. Folha de S.Paulo, São Paulo, 5 abr. 1998.

É propósito da charge

- sugerir que as votações só serão garantidas se houver um café expresso para que os votantes se mantenham alertas durante a votação.
- sugerir que se deve utilizar da troca de interesses entre público votante e candidatos, comprovando uma prática usual na sociedade brasileira.
- relativizar as atitudes dos políticos que, pelo seu voto em determinados pleitos, acabam recebendo benesses da população.
- incentivar a prática de compra e venda de votos nas eleições brasileiras.
- explorar os implícitos da palavra **medidas** com a finalidade de ironizar o sistema de votação no Legislativo.

Leia a charge e o texto a seguir e responda à questão 12.



LAERTE. Brasil: almanaque de cultura popular. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, n. 112, p. 34, ago. 2008.

Para fazer parar o choro

Apesar de áspera e grossa, não há nada melhor para enxugar as lágrimas de uma mulher que uma bolsa de crocodilo.

TORELLI, A. Para fazer parar o choro. Brasil: almanaque de cultura popular. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, n. 97, p. 34, maio 2007.

12. Considere as afirmativas a seguir.

- Um texto pode trazer, além dos enunciados explícitos, outras informações implícitas que também contribuem para a construção dos sentidos.
- A compreensão de um texto consiste na apreensão de suas significações possíveis, representadas, em grande parte, por meio de marcas linguísticas.
- Os implícitos, apesar de participarem da organização textual, não constituem aspectos importantes para a construção de sentido do texto.
- Inferir é produzir informações novas com base em informações prévias, sejam elas textuais ou não.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas II e III são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Interpretação Textual 1

Módulo 1

- | | | | | |
|------|-------|-------|------|-------|
| 1. E | 2. D | 3. C | 4. B | 5. A |
| 6. B | 7. B | 8. B | 9. D | 10. E |
| | 11. C | 12. E | | |

Módulo 2

- | | | | | |
|------|-------|-------|------|-------|
| 1. C | 2. D | 3. B | 4. E | 5. B |
| 6. B | 7. B | 8. B | 9. C | 10. A |
| | 11. B | 12. E | | |

Módulo 3

- | | | | | |
|------|-------|-------|------|-------|
| 1. E | 2. C | 3. B | 4. E | 5. A |
| 6. D | 7. B | 8. E | 9. C | 10. E |
| | 11. C | 12. C | | |

Interpretação Textual 2

Módulo 1

- | | | | | |
|------|-------|-------|------|-------|
| 1. E | 2. A | 3. E | 4. B | 5. C |
| 6. E | 7. D | 8. B | 9. A | 10. D |
| | 11. E | 12. D | | |

Módulo 2

- | | | | | |
|------|-------|-------|------|-------|
| 1. A | 2. D | 3. A | 4. B | 5. A |
| 6. B | 7. C | 8. C | 9. D | 10. E |
| | 11. C | 12. C | | |

Módulo 3

- | | | | | |
|------|-------|-------|------|-------|
| 1. B | 2. B | 3. D | 4. C | 5. B |
| 6. E | 7. C | 8. A | 9. A | 10. B |
| | 11. E | 12. E | | |



Utilize um leitor de QR Code do seu tablet ou smartphone e faça download do aplicativo SAS App.



Utilize um leitor de QR Code ou acesse www.portalsas.com.br para visualizar os gabaritos.



Referências

Constam, em nosso material didático, atividades escolhidas dos exames vestibulares das seguintes instituições de ensino:

AFA – Academia da Força Aérea Brasileira
CEFET-AL – Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas
CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEFET-PE – Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
CEFET-PR – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná
CESGRANRIO – Centro de Ensino Superior do Grande Rio
CN – Colégio Naval
CPS – Centro de Políticas Sociais
EEM-SP – Escola de Engenharia Mauá
EFOA-MG – Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
EPUSP-SP – Escola Politécnica da USP de São Paulo
ESAF – Escola de Administração Fazendária
ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing
ETFC – Escola Técnica Federal do Ceará
FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado
FAFI-MG – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sete Lagoas
FAMECA – Faculdade de Medicina de Catanduva
FATEC-SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo
FCC – Fundação Carlos Chagas
FCM-MG – Faculdade de Ciências Médicas
FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia
FEI – Faculdade de Engenharia Industrial
FESP-PE – Fundação de Ensino Superior de Pernambuco
FFCMPA – Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FIUBE-MG – Faculdades Integradas de Uberaba
FMJ – Faculdade de Medicina de Jundiá
FMU/FIAM-SP – Faculdades Metropolitanas Unidas/Faculdades Integradas Alcântara Machado
FRF – Fundação Ricardo Franco
FURG – Universidade Federal do Rio Grande
FUVEST – Fundação Universitária para o Vestibular
GE – Guia do Estudante
IBMEC – Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais
IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IFMG – Instituto Federal Minas Gerais
IME – Instituto Militar de Engenharia
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INSPER – Instituto de Ensino e Pesquisa
ITA – Instituto Tecnológico da Aeronáutica
MACKENZIE – Universidade Presbiteriana Mackenzie
OBF – Olimpíada Brasileira de Física
OPF – Olimpíada Paulista de Física
OSEC – Organização Santamarense de Educação e Cultura
POLI – Escola Politécnica
PUCCAMP – Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP
PUC-MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UEAM – Universidade Estadual do Amazonas
UECE – Universidade Estadual do Ceará
UEFS-BA – Universidade Estadual de Feira de Santana
UEG – Universidade Estadual de Goiás
UEL – Universidade Estadual de Londrina
UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais
UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UESPI – Universidade Estadual do Piauí
UFABC – Universidade Federal do ABC
UFAC – Universidade Federal do Acre
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFAM – Universidade Federal do Amazonas
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFLA-MG – Universidade Federal de Lavras
UFMA – Universidade Federal do Maranhão
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL-RS – Universidade Federal de Pelotas
UFPI – Universidade Federal do Piauí
UFRP – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRR – Universidade Federal de Roraima
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos
UFSJ-MG – Universidade Federal de São João Del Rei
UFSM-RS – Universidade Federal de Santa Maria
UFSS-SC – Universidade Federal de Fronteira Sul do Estado de Santa Catarina
UFTPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UFU-MG – Universidade Federal de Uberlândia
UFV-JM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UFV-MG – Universidade Federal de Viçosa
UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto
UNB – Universidade de Brasília
UNCISAL – Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso
UNESP – Universidade Estadual Paulista
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNIFAL-MG – Universidade Federal de Alfenas
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UNIFOR – Universidade de Fortaleza
UNIMAR-SP – Universidade de Marília
UNIMES – Universidade Metropolitana de Santos
UNIPA-MG – Universidade de Alegre
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNISINOS-RJ – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNITAU-SP – Universidade de Taubaté
UNIVALI-SC – Universidade do Vale do Itajaí
UPE – Universidade de Pernambuco
USJT-SP – Universidade de São Judas Tadeu
USP – Universidade de São Paulo
UTF-PR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UVA – Universidade Estadual do Vale do Acaraú
VUNESP – Vestibular da Universidade Federal Paulista